



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ-UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

CAMILA SARAIVA DE MATOS

**NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE DANDARA ARAGÃO:
PRÁTICAS EDUCATIVAS INFORMAIS, PROSTITUIÇÃO E O
USO DE DROGAS EM BORDEL DO CENTRO DA CIDADE DE
FORTALEZA**

**FORTALEZA
2016**

CAMILA SARAIVA DE MATOS

**NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE DANDARA ARAGÃO:
PRÁTICAS EDUCATIVAS INFORMAIS, PROSTITUIÇÃO E O
USO DE DROGAS EM BORDEL DO CENTRO DA CIDADE DE
FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Área de Concentração: História e Memória da Educação. Eixo: História e Memória e Práticas Culturais Digitais.

Orientador: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

**FORTALEZA
2016**

CAMILA SARAIVA DE MATOS

**NARRATIVAS BIOGRÁFICAS DE DANDARA ARAGÃO: PRÁTICAS EDUCATIVAS
INFORMAIS, PROSTITUIÇÃO E O USO DE DROGAS EM BORDEL DO CENTRO
DA CIDADE DE FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Área de Concentração: História e Memória da Educação. Eixo: História e Memória e Práticas Culturais Digitais.

Aprovada em: _____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- (UNILAB)

Prof. Dr. José Rogério Santana
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Dados Internacionais de catalogação na Fonte
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

M 425 n Matos, Camila Saraiva de

Narrativas biográficas de Dandara Aragão: práticas educativas informais, prostituição e o uso de drogas em bordel do centro da cidade de Fortaleza / Camila Saraiva de Matos. 2016.

92 f.: il.: color

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em educação brasileira, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Educação

Orientação: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos

1. Biografia 2. História de vida 3. Narrativa I. Título

CDD: 920.00149

Dedico este trabalho aos meus pais, Valter Lourenço de Matos e Aldenora Saraiva Lima de Matos.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a DEUS por me iluminar, proporcionando-me força e determinação e restabelecendo meu ânimo.

Aos meus pais, que são os meus pilares, pelo estímulo e carinho, pelo esforço e dedicação em proporcionar-me uma educação com qualidade que contribuiu para a minha formação tanto humana como intelectual.

À minha irmã Juliana, pelo carinho e por estar presente em todos os momentos da minha vida.

À baby dog, minha filha, anjo de quatro patas, Yasmin pela qual eu sinto um amor incondicional.

Ao meu orientador Professor Dr. José Gerardo Vasconcelos, um sentimento eterno de gratidão, pelos ensinamentos, pela confiança em mim depositada, por me guiar pelas trilhas da pesquisa acadêmica, possibilitando estudos a respeito do enigmático mundo da prostituição e pela preciosa orientação neste trabalho.

Às profissionais do sexo, em especial Dandara Aragão, que permitiu um conhecimento mais elaborado sobre os bastidores da prostituição.

Ao Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME, em especial, aos Professores Doutores Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Francisco Ari de Andrade, Rui Martinho Rodrigues, Lia Machado Fiuza Fialho, José Rogério Santana, Antônio Roberto Xavier e Luís Távora e demais amigos do NHIME.

Aos funcionários que integram o programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - PPGE

À professora Inar Sousa, pelas preciosas observações durante a banca de qualificação, que muito contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

Às minhas queridas amigas Luana Monteiro, Janaina Alves, Jéssica Thayane, Gabriela Bernardo, Gleiciane Freire, Hyngrid Almeida, Rosana Santos cuja amizade constituída ultrapassa os muros da UFC, pois somos amigas e irmãs da vida.

Às amigas, Karla Botão, Bruna Germana, Sammia Castro, Karla Colares por estarem presentes durante o curso de mestrado, partilhando momentos felizes e desafiadores.

Ao meu querido amigo Lucas Melgaço.

À professora e amiga, Tereza que muito colaborou na elaboração desta pesquisa, cedendo aparatos bibliográficos e colaborando na coleta de dados. O meu muito obrigada, e que a nossa camaradagem perdure por muitos e muitos anos.

À professora Rafaella Florencio pelo incentivo durante a escrita da dissertação.

À minha querida amiga, Thania Gorayeb, pelos preciosos conselhos e afeto a mim dedicados.

Às minhas amigas Nataly Martins, Lívia Furtado, Bruna Forte, Jéssica Pereira, Luana Furtado, pelas conversas leves e bem-humoradas que revertiam os momentos inquietantes que passei na construção **desta** pesquisa, em ensejos de alegria.

À CAPES pelo financiamento da minha pesquisa.

Um homem sábio pode considerar a vida
uma comédia, uma tragédia ou uma farsa, e
ainda assim gozá-la.

Harry Emerson Fosdick

Sou Puta

Sou puta
Quando uso a boca vermelha
Meu salto agulha
E meu vestido preto.
Sou puta
Mordo no final do beijo
Não fico reprimindo desejo
E nem me escondo na aparência de menina.
Sou uma puta de primeira
Acordo às 6:30
Pego ônibus debaixo de chuva
Não dependo de salário de macho
E compro a pílula no final do mês.
Sou uma puta com P maiúsculo
Dispensso o compromisso
Opto pela independência
Não morro de amor
Acordo sozinha
Cresço sozinha
Vivo na minha
Bebo em um bar de esquina
Vomito no chão da cozinha.
Sou uma putinha
Passo a noite em seus braços
Mas não me prendo no laço
Que você quer me prender.
Sou puta
Você tem o meu corpo
Porque eu quis te dar
E quando essa noite acabar
Eu não vou te pertencer
E se de mim você falar
Eu não vou me importar
Porque um homem que não me faz gozar
Nunca terá meu endereço.
E não é gozo de buceta
É gozo de alma
É gozo de vida
É me fazer sentir amada
Valorizada
E merecida
E se de puta você me chamar
Eu vou agradecer.
Porque a puta aqui foi criada
Por uma puta brasileira
Que ralava pra sustentar os filhos
E sofria de racismo na feira
Foi espancada e desmerecida

E mesmo sofrida
Sorria o dia inteiro
Uma puta mulher ela foi
E puta também eu quero ser.
Porque ser mulher independente
Resolvida
Segura
Divertida
Colorida
E verdadeira
Assusta os homens
E os machos
Faz acontecer um alvoroço.
Onde já se viu mulher com voz?
Tem que ser prendada e educada
E se por acaso for "amada"
Tem direito de ser morta pelo parceiro
Cachorra adestrada pelo povo brasileiro
Sai pelada na revista
Excita
Dança
Bate uma
Cai de boca
Mama ele e os amigos
E depois vai ser encontrada num bueiro
Num beco
Estuprada
Porque tava de batom vermelho
Tava pedindo
Foi merecido
E se foi crime "passional"
Pobre do rapaz
Apaixonado estragou a própria vida.
Por isso que eu sou puta
Porque sou forte
Sou guerreira
Não sou reprimida
Nem calada
Sou feminista
Sou revoltada
Indignada
E sou rotulada assim
Como PUTA!
Então que eu seja puta
E não menos do que isso.

Helena Ferreira

RESUMO

O escopo deste trabalho é compreender as práticas educativas informais desenvolvidas por uma ex-profissional do sexo no interior de um bordel localizado no centro de Fortaleza, intitulado Gata Garota, bem como no Grupo de Narcóticos Anônimos-NA. À vista disso, ressalto a importância de visibilizar a história de vida desta profissional do sexo, Dandara Aragão. As interlocuções cedidas por ela suscitam uma percepção mais elaborada acerca da vida cotidiana na zona do meretrício, ensejando a identificação das práxis educativas que ocorrem no citado prostíbulo e o depreende como um espaço construtor de saberes. Ressalto que a fala da biografada renderá discussões que vão além das práticas educativas, haja vista que as problemáticas da drogadição e da adicção também se fazem presentes ao longo da pesquisa. Sendo assim, enfatizo a importância da narrativa biográfica neste estudo. É através das produções discursivas que busco entender melhor os processos que englobam a tônica da prostituição, conhecendo a rotina de uma prostituta e inferindo certas indagações, tais como: as relações existentes entre a prática da prostituição e o uso de drogas. Destaco que, ao trabalhar com narrativas, alguns aspectos devem ser levados em consideração, como o fato de que o sujeito, ao relatar acontecimentos vividos por ele, muitas vezes, até os reconstrói, ressignificando-os e apresentando uma nova interpretação. Portanto, a narrativa não é uma verdade pontual, pois o informante, quando restabelece suas ideias para o relato, pode reconstituir experiências, apresentando uma nova compreensão e uma nova perspectiva. O uso da narrativa envolve lembranças e esquecimentos, evidenciando o emprego da memória. A memória não é constituída unicamente pelo sujeito, mas encontra-se embutida em um contexto social, familiar, político e histórico. A memória representa um mecanismo feito no presente por intermédio de experiências ou vivências ocorridas em um passado, selecionadas e transformadas em discurso. Na referida pesquisa, as narrativas, juntamente com a memória, são tratadas por meio de entrevistas abertas. As entrevistas propõem uma ação metodológica, usando como base o modelo qualitativo de pesquisa. A memória e as narrativas revelam, de forma seletiva, os rastros e ensaios vividos pela profissional do sexo, que filtra o que pode ser lembrado e o que deve ser esquecido. Por conseguinte, a abordagem biográfica propicia uma visibilidade a respeito da trajetória de um ser, caracterizando sua história e individualidade que, traduzidas em palavras, se entrelaçam a diversas áreas e configuram temáticas tão debatidas pela sociedade, como é o caso da prostituição e uso de drogas. Sendo assim, busco, com este estudo, acentuar a vida narrada, como um ponto central para a construção do conhecimento, manifestando as inúmeras possibilidades de conhecer a experiência do outro e assim adquirir saberes com ela. Logo, destaco as múltiplas facetas que perpassam a figura da profissional do sexo Dandara: de professora alfabetizadora e de dança, a madrinha do grupo Narcóticos Anônimos. Apresentando, assim, o submundo como um espaço que também concebe práticas educativas.

Palavras-Chave: Práticas Educativas Informais. Narrativas Biográficas. Prostituição

ABSTRACT

The scope of this work is to understand the informal educational practices and teaching and learning processes developed by former prostitute inside a brothel located in the center of Fortaleza entitled Gata Garota and in the Narcotics Anonymous group – N. A.. In view of this, I emphasize the importance of making visible the life story of a sex worker, Dandara Aragão. As interlocutions transferred by her can make a more elaborate perception of everyday life in the red-light area, allowing for the identification of educational praxis that occur in cited whorehouse and emerges as a builder of space knowledge. I emphasize that the speech of biographed yield discussions that go beyond educational practices, given that the problems of drug addiction and addiction are also present throughout the research. Therefore, I emphasize the importance of biographical narrative in this study. It is through the discursive productions that seek to better understand the processes that encompass the tone of prostitution, knowing the routine of a prostitute and inferring certain questions, such as: the relationship between the practice of prostitution and drug use. I emphasize that, when working with narratives, some aspects should be taken into account, as the fact that the subject, to report events experienced by him often to the rebuilds, giving new meaning to them and presenting a new interpretation. So the narrative is not a point true because the informant when reestablishes his ideas for the story, you can reconstruct experience, with a new understanding and a new perspective. The use of narrative involves memories and forgetfulness, showing the use of memory. The memory is not constituted solely by the subject, but is embedded in a social context, family, political and historical. The memory is a mechanism made in this through experience or experiences that occurred in a past, selected and transformed into speech. In this research, the narrative, together with the memory, are treated through open interviews. Interviews propose a methodological action, using as a basis the qualitative research model. A memory and narratives reveal, selectively, the tracks and trials experienced by sex worker. Filtering which can be remembered and what should be forgotten. Consequently, the biographical approach provides visibility to the trajectories of a being, featuring its history and individuality which, translated into words, intertwine the different areas and configure themes as debated by society, such as prostitution and drug use. Thus, I seek to this study highlight life chronicled as a central point for the construction of knowledge, showing the many possibilities of knowing the experience of the other and thus acquire knowledge with her. Then, highlight the multiple facets that underlie the professional figure of Dandara sex: a literacy teacher, and dance the godmother of Narcotics Anonymous groups. Featuring thus the underworld as a space that also conceives educational practices.

Keywords: Educational Practices Informal. Biographical Narratives. Prostitution

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Fachada do Gata Garota.....	26
Figura 2 –	Espaço externo do Gata Garota durante a noite	28
Figura 3 –	Corredor de acesso ao Gata Garota	29
Figura 4 –	Palco onde ocorrem as apresentações de <i>pole dance</i>	30
Figura 5 –	Garota desenvolvendo sua performance no <i>pole dance</i>	31
Figura 6 –	Corredor de acesso aos quartos do prostíbulo.....	33
Figura 7 –	Área interna do quarto.....	33
Figura 8 –	Rachadura propínquo ao teto do quarto do bordel.....	34
Figura 9 –	Cama de alvenaria.....	34
Figura 10 –	Ventiladores que compõem a mobília do quarto do prostíbulo	35
Figura 11 –	Cabide de metal, no qual os clientes e as garotas penduram suas roupas no quarto do bordel.....	35
Figura 12 –	Propaganda alertando para o uso da camisinha.....	35
Figura 13 –	Tabela demonstrativa, elucidando os níveis de álcool no sangue	66
Figura 14 –	Banner exposto na parede de uma sala, onde ocorrem reuniões de grupos de Narcóticos Anônimos.....	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS INFORMAIS DESENCADEADAS NO PROSTÍBULO DO CENTRO DE FORTALEZA, GATA GAROTA.....	20
2.1	Descortinando o cabaré: a educação informal e a atividade da prostituição.....	20
2.2	Bem-vindo ao submundo do prazer: os bastidores da pesquisa.....	26
2.3	Entabulando a performance: o primeiro contato com Dandara Aragão.....	43
3	PROSTITUIÇÃO E O USO DE DROGAS: FATOS E PERCEPÇÕES NA VIDA DE UMA EX-PROSTITUTA POR MEIO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA.....	50
3.1	A Chegada ao prostíbulo.....	50
3.2	Dandara torna-se profissional de <i>strip tease</i> e desperta para o inebriante mundo das drogas.....	55
3.3	Dandara chega ao fundo do poço.....	64
4	USO, ABUSO, DEPENDÊNCIA E ADICÇÃO: A RELAÇÃO DE DANDARA COM GRUPO DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS – NA.....	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS.....	91

1 INTRODUÇÃO

O estudo aqui empreendido parte de um esboço traçado durante o Curso de Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, ao participar de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo CNPq¹, cujo objetivo era explorar as práticas educativas de prostitutas que atuavam nos bordéis do centro da cidade de Fortaleza. Participar dessa pesquisa motivou-me a conhecer, de forma mais elaborada, o universo da prostituição. Logo, o presente trabalho é oriundo de muitas visitas realizadas aos bordéis que o centro de Fortaleza abriga. Entre esses espaços visitados, destaca-se o Gata Garota. Tal prostíbulo situa-se na avenida do Imperador e se distingue pelos shows de *pole dance*².

Transitar pelos recintos de prostituição alertou-me para uma percepção que denota esses ambientes não somente por um prisma orgiástico, mas um espaço que também contempla intervenções sociais, culturais e educativas. Assim sendo, destaca-se a importância de discutir as práticas educativas informais na perspectiva do aprender fazendo na atividade prostituinte em Fortaleza. Por conseguinte, busco perceber a educação como um fenômeno no qual o indivíduo está sempre aprendendo, adquirindo e somando conhecimento, seja por meio de suas vivências, de sua interação com o outro ou com o espaço em que está inserido. O ato educacional ocorre em todos os momentos e lugares diferenciados, em todas as esferas da sociedade.

A prática educativa corresponde a uma ocorrência social e universal, caracterizando uma ação indispensável à existência e funcionamento da biocenose. No prostíbulo, os aprendizados são compartilhados entre as profissionais do sexo. Nesse caso, as meninas aprendem a dançar, a cuidar do corpo e recepcionar os clientes com as profissionais mais experientes isto é, as intervenções educativas ocorrem através do conhecimento processual. É a partir da observação, das conversas informais, do conhecimento empírico e vivências diárias, que se constroem as ações educativas e culturais que fazem do bordel um espaço produtor de saber.

¹ É a sigla de Conselho Nacional de Pesquisa, que atualmente é chamado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. É um órgão público que tem o objetivo de incentivar a pesquisa no Brasil.

² O *pole dance* é uma dança que reúne elementos da ginástica olímpica e movimentos livres, no caso a bailarina se enrosca sobre uma barra vertical de aço inox a fim de desenvolver movimentos sensuais. É uma dança que requer postura, alongamento, equilíbrio mental e corporal, força física, concentração e determinação para o aprendizado.

Para desenvolver este estudo, traço dois vieses metodológicos: um de aspecto etnográfico, tendo em vista que a pesquisa ocorre através do acompanhamento sistemático da rotina de um prostíbulo, o que possibilitou o contato com a sujeita biografada. Logo, a oralidade produzida pela ex-prostituta consolida o alicerce desta dissertação, no qual destacam-se a narrativa e o uso da memória que, nas palavras de Xavier (2014, p. 110), podem ser percebidos da seguinte maneira:

A História Oral é concebida por meio de narrativas de sujeitos sociais sobre os mais diversos assuntos presenciados ou que, de uma forma ou de outra, deles tomaram conhecimento. Trata-se de testemunhos de seres vivos que, ao serem interpelados, discorrem narrativamente o que sabem sobre certos acontecimentos, pessoas, locais, instituições, governanças e sobre tantos outros assuntos. Esses testemunhos são exclusivos, únicos e servem como medula para o trabalho de investigação sobre o qual o pesquisador se dedica e busca com intensidade descobrir verdades.

A narrativa através da história oral permite compreender a pessoa não apenas por uma perspectiva contínua, mas propondo descobertas acerca da sua complexa história de vida, considerando as possíveis rupturas que cercam a sua existência, assim como revela Thompson (1992, p. 137): [...] a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, [...] contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

A entrevista em história oral é composta por uma gama dialógica a qual denota a existência de duas ou mais pessoas em diálogo. No entanto, não se refere a uma conversa e sim a uma relação programada, atenta às gravações. À vista disso, as conexões humanas e ostensivas se apresentam como relevantes à elaboração da história oral. Não se compõe, entretanto, história oral por vias alternativas, como por telefone, ou internet, por exemplo. (MEIHY e HOLANDA, 2007).

A história oral oportuniza a análise dos ditos excluídos, marginalizados, das minorias, ressaltando a importância de memórias subterrâneas que integram as culturas minoritárias e dominantes, contrapondo à memória oficial, à memória nacional. Assim, visa reabilitar a periferia e a marginalidade. O que prevalece é o enfoque dos excluídos, do não-dito, o que está nas entrelinhas. A memória marginal prevalece distante das vias oficiais, buscando o ensejo da escuta para que, dessa forma, aflore ao espaço público. Contrariamente ao pensamento disposto por Maurice Halbwachs, a memória marginal resalta o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Em contrapartida, as memórias subterrâneas emergem em circunstâncias de crises em temores exacerbados. A memória entra em disputa Pollak (1989). A memória revela, de forma seletiva, os rastros e

ensaios vividos pela ex-profissional do sexo, que filtra o que pode ser lembrando e o que deve ser esquecido.

Por conseguinte, a opção por proceder com a narrativa biográfica parte do meu interesse de que a partir da rica experiência de Dandara Aragão³, podem ser compreendidos de forma minuciosa os processos que englobam a tônica da prostituição, com ênfase nas práticas educativas desenvolvidas por ela no cabaré. Conhecer a rotina de uma garota de programa me permite inferir certos questionamentos tais como: a imagem da prostituta é estereotipada? Qual a relação entre a droga e a prostituição?

No caso em questão, as interlocuções de Dandara pontuam não somente, uma reflexão sobre a atividade prostituinte e a temática da drogadição, mas aborda os aspectos que compõem a subjetividade da mulher que atuou profissionalmente com o sexo venal, como professora alfabetizadora, orientadora e madrinha do grupo de Narcóticos Anônimos. Posso considerar que a biografada guarda em sua memória elementos-chaves para o desenvolvimento desta pesquisa.

Partindo da perspectiva supracitada, recorro ao aparato teórico disposto por Ferraroti (2014, p. 73-74) quando diz:

Cada narração de um ato ou de uma vida é por sua vez um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social. Uma narrativa biográfica é inteiramente distinta de uma ocorrência; é uma ação social através da qual um indivíduo retotaliza sinteticamente sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista) por meio de uma narrativa – interação. A narrativa biográfica conta uma vida? Diremos mais precisamente que ela conta uma interação presente por meio de uma vida. Não existe mais verdade biográfica numa narrativa oral e espontânea do que num diário, numa autobiografia e em certas memórias. Só alcançaremos essa verdade biográfica se levarmos em conta a verdade relacional que informa a narrativa. A leitura sociológica de uma biografia caminha mediante uma hermenêutica da ação social que reiventa a biografia, narrando-a no âmbito de uma interação que o observador não se deve esquivar, mas viver até o fim.

Sendo assim, destaco que, ao se trabalhar com narrativas, alguns aspectos devem ser levados em consideração, tais como, o fato de que o sujeito, ao relatar acontecimentos vividos por ele, muitas vezes, até os reconstrói, resignificando-os e apresentando uma nova interpretação. Portanto, a narrativa não é uma verdade pontual, no sentido de que o informante, quando restabelece suas ideias para o relato, pode reconstituir experiências apresentando uma nova compreensão, uma interpretação e uma nova perspectiva.

³ Dandara Aragão corresponde a um pseudônimo adotado com o intuito de preservar a identidade da entrevistada. Dandara atuou por mais de vinte anos como garota de programa.

Haja vista que essas narrativas se acentuam em forma de entrevistas intermediadas por um gravador digital, responsável por armazenar os dados coletados, que posteriormente serão analisados a partir das transcrições das entrevistas. A técnica da transcrição permite ao pesquisador reconstruir a fala dos informantes, reagrupando as entrevistas com destaques que se fixam nas lembranças dos próprios narradores: recortar a entrevista e reagrupar as partes mais importantes destacando a aura temática. Em outras palavras, ocorre uma classificação interna das entrevistas, na qual se filtram as falas, deslocando o discurso da oralidade para documentos recriados e, nesse caso, entre em cena a subjetividade do pesquisador, pois esse, também ao ouvir e transcrever as narrativas, também as ressignifica. Assim, Ferraroti (2014, p.74) pontua:

Cada entrevista biográfica é uma interação social complexa, um sistema de papéis, de injunções, de normas e valores implícitos, e muitas vezes também de sanções. Cada entrevista biográfica esconde tensões, conflitos e hierarquias de poder; recorre ao carisma e ao poder das instituições científicas sobre as classes subalternas e evoca reações espontâneas de defesa própria dessas classes. Ninguém conta sua própria vida e suas próprias *Erlebnisse* a um gravador, mas a um outro indivíduo. As formas e os conteúdos de uma narrativa biográfica variam de acordo com o interlocutor; depende da interação representada pelo campo social da comunicação e se situam no interior de uma reciprocidade relacional. O entrevistador jamais está ausente, nem mesmo quando simula ausência de ausente; ele é sempre um interlocutor, ainda que, aparentemente, rejeite qualquer reciprocidade. A ilusão da objetividade nega a qualidade relacional da narrativa biográfica; se por vezes o entrevistador a reconhece, é para exorcizar seu papel constitutivo e relegá-la à margem do processo, entre os resíduos subjetivos diante dos quais a objetividade das ciências humanas revela-se impura.

Deste modo, a narrativa biográfica se constitui por emanar vínculos tecidos entre o pesquisador e o pesquisado em meio a uma relação recíproca que se deslinda a um conhecimento científico requerendo uma interpretação de tal interação. A narrativa biográfica permite elencar ações sociais, por meio das experiências do sujeito que tendem a ressignificar os fatos de sua vida acentuando suas percepções.

A pesquisa em questão predispõe um debate a partir da biografia de Dandara Aragão, uma ex-prostituta, salientando uma ação reflexiva envolvendo os processos de ensino e aprendizagem que escapam aos formalismos embutidos nos discursos pedagógicos e assim, evidencia o submundo como um espaço que também concebe práticas educativas e educadoras.

Para tal, desenvolvo um amalgamado de capítulos que tecem argumentações preconizando uma desconstrução e uma reconstrução de determinados conceitos na abordagem da educação, da prostituição e da drogadição.

O capítulo inicial é formado por três tópicos: o primeiro traça uma discussão emergencial a respeito da educação informal e da atividade da prostituição, ressaltando os ensinamentos e aprendizados elaborados no território do prazer. O segundo apresenta os bastidores da pesquisa por meio de uma descrição densa. O último, narra uma dada apresentação de *pole dance* ocorrida no locus de pesquisa, enfatizando o contato inicial com a sujeita biografada.

O segundo capítulo aborda a temática da prostituição e uso de drogas por intermédio das narrativas biográficas de uma ex-prostituta. O citado capítulo inicia com Dandara relatando a sua entrada na noite. Posteriormente, ela destaca seus conflitos familiares, passando pelas suas decepções amorosas e gravidez. Também descreve o contato com a dança, em especial, a dança erótica. Para finalizar a ex-garota de programa expõe a sua relação com as drogas e sua chegada ao fundo do poço.

Na sequência, o terceiro capítulo explana de forma sucinta a história do Narcóticos Anônimos-NA frisando o seu programa terapêutico, sua estrutura e funcionamento, delineando a relação de Dandara com o programa.

2 EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS INFORMAIS DESENCADEADAS NO PROSTÍBULO DO CENTRO DE FORTALEZA GATA GAROTA

2.1 Descortinando o cabaré: a educação informal e a atividade da prostituição

Para atinar as práticas educativas e os processos de ensino e aprendizagem é necessário evidenciar o lado de dentro do bordel. Esse espaço vivenciado por profissionais do sexo, clientes, atendentes, seguranças, discotecários e transeuntes descortina inúmeros ritos de passagem que devem ser analisados com muito cuidado e olhar apurado.

À vista disso, resalto a importância de visibilizar a história de vida da profissional do sexo, Dandara Aragão. As produções discursivas cedidas por ela, atentam a uma percepção mais elaborada acerca da vida cotidiana na zona do meretrício ensejando a identificação das práxis educativas que ocorrem no Gata Garota e o depreende como um espaço construtor de saberes.

O presente estudo se reporta a abordagem das práticas informais de educação. No entanto, o que é educação? Será que a educação ocorre apenas nos espaços escolares? O que caracteriza a educação informal? Para responder a essas inquietações, busco suporte nas ideias dispostas em Brandão e Libâneo.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender -e- ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 2007, p.7).

Partindo do pressuposto do autor referenciado, o indivíduo está sempre aprendendo, adquirindo e somando conhecimento, seja por meio de suas vivências, de sua interação com o outro ou com o espaço em que está inserido. A educação ocorre em todos os momentos e lugares diferenciados, em todas as esferas da sociedade.

Conforme Brandão (2007, p. 9) “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.” Desse modo, o processo educativo não concerne a uma maneira singular, nem a um único modelo. Não há uma delimitação e nem uma padronização de educação, o ato educacional não acontece somente dentro dos ambientes formais, educandários, mas em quaisquer espaços nos quais se consolidem relações sociais e ensino e aprendizagem. De acordo com Libâneo (1994, p.16-17):

A educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade pode cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa transformadora nas várias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade.

Em suma, a educação estende-se a um fenômeno cujas relações sociais são proeminentes. Brandão (2007, p. 10) aprecia que: “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”.

A educação tange aos processos de comunicação e interação, nos quais integrantes de uma dada sociedade captam saberes, habilidades, técnicas, atitudes e valores existentes no meio organizado, o que oportuniza o estágio necessário para construir outros saberes (LIBÂNEO, 2004).

Em consonância com Brandão, Libâneo (2004, p. 26) delinea a educação como: “fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades”. Assim, o autor atenta para o ato educativo e as suas múltiplas formas de ocorrência.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB/1996, em seu Artigo 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Brandão, (2007, p.13) destaca que:

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser.

A educação se concebe por intermédio das experiências e das situações observadas por cada indivíduo ao logo de sua existência e se potencializam através de uma troca mútua de conhecimentos e percepções, assim Brandão (2007 p. 17 e 18) expõe:

Tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e a-consciência. As pessoas convivem umas com as outras e o saber flui, pelos atos de quem sabe-e-faz, para quem não -sabe -e- aprende.

Libâneo (2004, p. 81) destaca que: “Em sentido amplo, a educação compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, sejam eles intencionais ou não-intencionais, sistematizados ou não, institucionalizados ou não.” Sendo assim, a modalidade da educação informal frisa as múltiplas possibilidades educativas que envolvem a trajetória de vida dos indivíduos acentuando o caráter não -intencional haja vista que os processos de obtenção de saberes ocorrem de forma espontânea.

O pesquisador Nassif define a educação informal como: “o processo contínuo de aquisição de conhecimento e competências que se não localizam em nenhum quadro institucional”. (NASSIF, 1980 *apud* LIBÂNEO, 2004, p. 90). As práticas informais de educação, não se detém a fatores intencionais, sua ocorrência se dá de forma autônoma, sem acentuações lineares e sistematizadas podendo se estabelecer através das situações e conversas corriqueiras. Libâneo (1999, p. 23) ressalta: “A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações com o indivíduo”.

Para Brandão (2007, p.32): “O espaço educacional não é escolar. Ele é o lugar da vida e do trabalho: a casa, o templo, a oficina, o barco, o mato, o quintal. Espaço que apenas reúne pessoas e tipos de atividade e onde o fazer faz o saber”. Desta maneira, percebo a educação informal como o processo constante de obtenção de sapiência, competência, habilidades e potencialidades que se localizam também em âmbito institucional. Logo, o ato educacional informal, atenta-se para o conhecimento empírico, destacando a escuta, a apreciação e a realização de atividades.

A ação de educar e aprender se estabelece sem limitações físicas, sociais, culturais ou institucionais. Libâneo (2004, p.91) cita:

O caráter não-intencional e não institucionalizado da educação informal não diminui a importância dos fluxos do meio humano e do meio ambiente na conformação de hábitos, capacidades e faculdades de pensar e agir do homem. A ênfase que muitos educadores têm dado a essa modalidade de educação tem contribuído especialmente para a compreensão da totalidade dos processos educativos, para além da dualidade docente-discente. Com o efeito, a educação informal perpassa as modalidades de educação formal e não-formal. O contexto da vida social, política, econômica e cultural, os espaços de convivência social na família, nas escolas, nas fábricas, na rua e na variedade de organizações e instituições sociais, formam um ambiente que produz efeitos educativos, embora não se constituam mediante atos conscientemente intencionais, não se realizem em instâncias claramente institucionalizadas, nem sejam dirigidos por sujeitos determináveis.

O enfoque da educação informal oportuniza a observação de práticas educativas que transcendem os espaços formais institucionalizados, evidenciando os processos de ensino e aprendizagem que escapam aos formalismos embutidos nos discursos pedagógicos, Libâneo (2004, p.102) considera que:

O que está acontecendo, portanto, é um alargamento do conceito de educação informal, envolvendo práticas conduzidas por conversão, em torno de oportunidades e situações do cotidiano, visando explorar e alargar a experiência das pessoas e podendo ocorrer em qualquer lugar.

Em vista disso, proponho perceber a casa de prostituição Gata Garota como, um espaço que vai além do aspecto promíscuo, pois o bordel juntamente com a profissional do sexo, o cliente e o dono do estabelecimento, também produz práxis educativas, a partir dos marcadores das diferenças.

As experiências educativas englobam o aprendizado sobre a sexualidade, sobre os métodos contraceptivos, os cuidados com o corpo que incluem tanto a parte ginecológica como a parte estética, e a técnica da dança. Nesse caso, as prostitutas mais experientes ensinam as garotas que estão ingressando na profissão do sexo a cuidarem de seu corpo, principal ferramenta de trabalho.

As formas de sociabilização e conversas cotidianas também correspondem aos processos educacionais, nesse caso, a marca é a experiência. Experiência de vida das garotas de programa, experiência de vida dos clientes e de todos que circundam o território do prazer. Pactuando com o pensamento exposto em Rago (2008, p.196) quando diz: “No interior desse campo de significações é impossível apreender as múltiplas funções desempenhadas pelo submundo da prostituição, assim como a diversidade das práticas sociais aí vivenciadas”.

Para tal, faz-se necessário descrever como ocorrem tais ações educativas. Por exemplo, os cuidados e precauções com o corpo que fazem parte da rotina da profissional do sexo. Em entrevista, Dandara fez a seguinte afirmação:

Em relação à educação sexual, a questão da prevenção, muitas das meninas que eu conheço não têm problema com doenças venéreas até porque, no mundo da prostituição rola uma irmanação aonde uma vai passando o ensinamento pra outra e tal, por exemplo, quando a gente tá ali esperando cliente geralmente surge esse assunto, aí uma fala, eu transei com o cliente e pênis dele era grande demais aí a outra diz, usa esse produto que é muito bom para evitar inflamação e tal, a própria dona do prostíbulo ensina a fazer ducha que coisa simples para mulher, existe produtos especializados para fazer essa ducha que são anti-inflamatórios íntimos, então é aquela coisa, pega doença quem quer, se a menina for esperta ela pega aqueles ensinamentos, eu tive sorte de encontrar uma veterana que me ensinou tudo isso.

Quando eu iniciei na profissão, não sabia como agir durante o ciclo menstrual, pois eu precisava trabalhar, mas eu estava “naqueles dias” e aí? Então eu fui aprendendo com as meninas mais experientes. Durante o ciclo menstrual, nos trabalhamos normalmente a gente aprende um truque, de colocar um algodão umedecido com creme vaginal para estancar o sangue, o cliente nem desconfia que estamos no vermelho (risos). Essas dicas, você aprende dentro dos prostíbulo com as profissionais traquejadas.

Para Dandara, o mundo da prostituição proporciona a construção de múltiplos saberes. Ela retrata o cabaré como uma “escola” que proporciona o conhecimento e o aprendizado sobre sexualidade, métodos contraceptivos, prevenção, contaminação e tratamento de Doenças Sexualmente Transmissíveis – DST’s. É no espaço da prostituição que ela toma consciência dos cuidados que deve ter com o seu corpo e a importância do uso do preservativo.

Dandara explica que antes de entrar para o mundo da prostituição não conhecia os métodos contraceptivos. Tal temática não era abordada em seu seio familiar e representava uma interdição.

Eu não sabia o que era anticoncepcional e nem como funcionava. Mesmo porque, no meu espaço familiar esse assunto não era discutido, era um tabu. Então, uma amiga que já era dá noite, me levou para assistir uma palestra com agentes de saúde em um posto ficava perto da casa dela. Foi através dessa palestra, que fui entender a importância dos métodos contraceptivos, a importância da camisinha. Eu marquei uma consulta com o ginecologista do posto em que fui assistir a entrevista. Foi por meio dessa entrevista e em conversas com as meninas que já estavam na noite há mais tempo, que eu comecei a me cuidar, a tomar a pílula, aprendi a evitar uma gravidez indesejada. Esses ensinamentos são repassados entre as garotas no cabaré (DANDARA).

Observo que a prostituta possui uma preocupação diante da eventualidade de ser atingida por alguma DST. Para tanto, ela desenvolve algumas estratégias além do uso da camisinha, que colaboram para sua segurança. Sendo assim, Priscila,⁴ destaca um truque que aprendeu com Dandara:

Quando eu vou para o quarto com o cliente, eu procuro desenvolver algumas “brincadeiras” né, eu peço para tocar o pênis como uma forma de carinho. Eu vou passando a mão como se tivesse fazendo um mimo, tudo forma bem discreta.

⁴ Priscila é uma jovem de 27 anos que atuava no Gata Garota, em junho de 2011. A conversa com a moça ocorreu de forma informal durante as visitas realizadas ao prostíbulo. O diálogo foi intermediado por Dandara que, na época, estava ensinando Priscila a dançar *pole dance*.

Então, eu vou passando a mão nas partes íntimas do cara antes de iniciar o ato sexual. Essa estratégia quem me ensinou foi a Dandara. Ela disse que dessa forma podemos perceber se o cara tem alguma ferida essas coisas. Diante da nossa profissão esses ensinamentos são bem importantes, ajuda a nos proteger e isso é repassado entre as meninas através de conversas coloquiais, no momento em que estamos no camarim trocando de roupa, ou quando estamos aguardando os clientes, enfim... São coisas que só se aprende, no cabaré. (PRISCILLA).

Em relação à prática da dança, como as prostitutas desenvolvem suas apresentações? Como se aprende a dançar no território do prazer? Para um melhor esclarecimento dessas indagações, conto com a ajuda de Dandara, que é uma das precursoras do *pole dance* em Fortaleza e dentro do cabaré, é uma referência para as prostitutas que buscam aprender essa arte. Ela explica como aprendeu a dançar:

Fui a São Paulo em 2001 e aprendi a técnica do *pole dance*. Lá, a maioria das meninas já sabiam dançar. Lá é diferente, pois as meninas são profissionais de *strip-tease*, profissionais de dança erótica. Elas têm empresários e são consideradas uma espécie de miniestrela, a casa paga um cachê altíssimo para essas meninas, e elas ficam na casa apenas o tempo suficiente para acontecer o show dela, é como se ela fosse uma atração especial da casa. Aqui as meninas ficam soltas *né* na casa, o cliente é quem paga pelo show, o valor é muito pouco. No entanto, as meninas que têm interesse em aprender a dançar o *pole dance*, elas procuram uma garota que domina essa técnica, essa arte. Então, eu pratico o *pole dance* há 14 anos. As meninas me procuram... Dandara tu pode me dar umas aulas de *pole dance* para eu dar uma incrementada no meu show? Aí eu agendo o horário, o local. Em relação ao espaço, tanto pode ser o próprio cabaré que já tem o palco e o mastro, ou pode ser em um galpão de um amigo meu, que tem toda a estrutura para executar a dança. E assim, não é só as meninas que atuam no cabaré que me procuram para ter aula de *pole dance* não. Muitas mulheres casadas, que estão a fim de dar um *up* no casamento, elas chegam aqui na boate me procurando. E o engraçado, que hoje em Fortaleza, muitas academias oferecem aulas de *pole dance*, mas as senhoras casadas preferem ter aula comigo. Elas dizem que não é só aprender a dançar, mas é aprender a ser desinibida, a ser sexy ou seja, elas me procuram para trabalhar essa parte do erotismo, explorar a sensualidade sem ser vulgar. Essas habilidades, eu aprendi na minha profissão, na noite, no bordel e hoje eu repasso esses ensinamentos. (DANDARA).

O território do prazer é espaço manete de práticas sociais, sexuais, culturais e educativas. Refere-se à temática da prostituição e exige do pesquisador um olhar mais apurado que se dilata a um novo modo de se observar o que acontece ao seu redor. Uma percepção que inquieta e escapa às coisas imediatistas, que se desloca de forma latente e permite a construção de experiências vigentes e transformadoras. Foucault (1986, p.13) descreve como:

É a curiosidade - em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas aquisição dos conhecimentos e não,

de certa maneira, e tanto quanto possível o descaminho daqueles que conhece? E existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e refletir.

Com base nesta concepção, viso conjecturar o referido estudo como um campo que engloba: saber, vivências e produções de sentidos arquitetados pelos indivíduos que compõe o cenário do prazer, no qual, a azáfama da vida e do imaginário se entrelaçam.

2.2 Bem-vindos ao submundo do prazer: os bastidores da pesquisa

Ao trabalhar com a temática da prostituição não se deve desprezar o espaço delineado em torno desta, e isso implica no reconhecimento dos ambientes geográficos das cidades. As casas destinadas aos prazeres ilícitos são encontradas, geralmente, nas áreas centrais, onde é grande a movimentação comercial.

À medida que a capital cearense foi se expandindo demograficamente, sofrendo os efeitos dos processos de urbanização e modernização, novos estabelecimentos voltados para o sexo venal surgiram alargando as zonas de prazer e a prostituição institucionalizada.

Neste contexto do centro da capital cearense, pude observar diversas casas destinadas à prostituição. Enquanto o ritmo frenético do espaço central da cidade arrefecia, entregando-se ao descanso da rotina de trabalho, muitos se lançavam ao território do prazer, movimentando a vida noturna da cidade e construindo novos ambientes afetivos. Conforme expresso em Rago (2008, p. 196): “As práticas sexuais ilícitas, as aventuras românticas e a circulação dos afetos configuravam a cidade do prazer e da festa. A cidade noturna vingava-se da cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial”. Durante o horário comercial, o Gata Garota apresenta-se de forma apática, configurando-se apenas como um prédio antigo que integra a paisagem do centro de Fortaleza.

Figura 1 – Fachada do Gata Garota durante as atividades diurnas do centro



Fonte: Google maps

O espaço em questão fica localizado na Avenida do Imperador, entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I. À noite, o recinto apresenta uma dinâmica externa, que é composta por uma calçada cercada de mesas e cadeiras, mulheres que transitam com minissaias, exibindo suas formas voluptuosas de fêmea. A essência da libidinagem se mistura à fumaça dos carros, dejetos lançados ao asfalto e à fumaça de carne assada vendida em pequenos espetos.

À noite, o centro torna-se um local periférico, decaído, com ruas sujas e iluminação precária. Diante do aspecto falido que permeia o centro notívago, o mundo marginal se destaca, com condutas intrínsecas, linguagens, leis e práticas que se esculpem em uma cultura particularizada e compõem a geografia do prazer. Vasconcelos (2008, p.129) descreve como:

Lugares que guardam muitos outros lugares em territórios cindidos pela movimentação do acaso. Lugares que vão se formando nas conexões vibrantes que se deslocam entre tantos lugares. Lugares de temporalidade. Um tempo que se ergue nos escombros conduzidos pelo tédio. Uma frincha de tempestade poussa em nossos semblantes para nos conduzir, inebriados e trôpegos, aos territórios de prazer.

A zona do meretrício é cercada de julgamentos e preconceitos que, por vezes, apresentam-se de forma oculta. Porém, não podemos negar a sua existência e a sua relevância para a construção do espaço social no qual estamos inseridos, a prostituição movimenta a vida noturna da cidade e faz parte da cultura urbana e, por isso, merece gozar de respeito e reconhecimento de todos.

Ao contrário do que muitos imaginam, o bordel não é um espaço desordenado, no qual tudo é permitido. O conjunto de procedimentos e normas de conduta necessita ser cumprido tanto pelas profissionais do sexo, quanto pelos clientes, a fim de regular a permanência de ambos no ambiente, como explica Sousa (1998, p. 140):

Outra representação muito significativa do que é ser prostituta e do que é prostíbulo é a noção do que elas não possuem regras morais que norteiam suas condutas. Como destacado, além de existirem regras de comportamento – como em todas as outras profissões consideradas normais, ficando a critério de cada profissional segui-las ou não -, o meretrício também possui normas e regras morais. E isso pode muito bem ser observado na análise dos seus discursos. Em entrevista cedida a Castro, uma prostituta confirmou a existência dessas regras. “Tem uma diferença muito grande, as pessoas prostitutas vivem no mundo. Agora puta, é aquela que canta teu marido que tá dentro de casa, essa daí que tinha que ser falada, não essa que sai atrás do homem não” (SOUSA *apud* CASTRO, 1993, p.175).

Figura 2 – Espaço externo do Gata Garota durante a noite



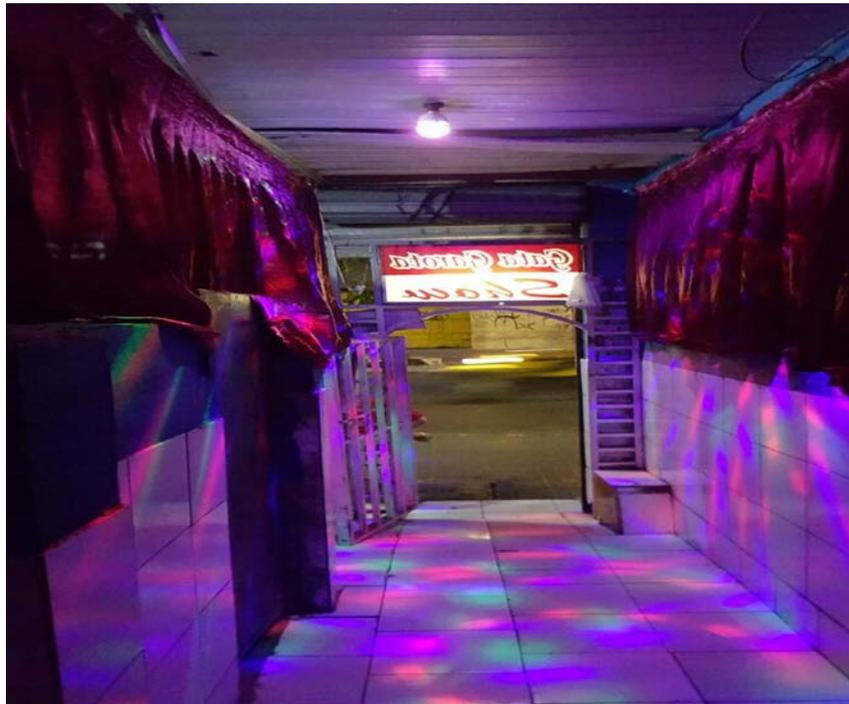
Fonte: Jangadeiro Online (2011)

Destinado ao sexo venal e com um nome bem sugestivo, o Gata Garota atrai olhares e atenção de quem circula pela avenida. De operação recente e com uma proposta inovadora, apresentando-se não diretamente como um prostíbulo, mas uma boate diferenciada, cuja principal atração é o show de *pole dance*, vulgarmente conhecido como dança no cano, o espaço denota uma boate de *strip girl*,⁵ sendo apontado como o cabaré de “luxo” do centro.

Uma placa luminosa posicionada na parte superior do estabelecimento destaca o nome da casa: GATA GAROTA SHOW. Chegando ao local, o cliente é recepcionado por um segurança formalmente vestido de preto e com cara de poucos amigos, que solicita a apresentação de documento de identificação, pois é proibida a entrada de pessoas menores de idade. Após passar pelo segurança, a entrada no recinto é liberada e o caminho segue por um estreito corredor encoberto por uma cortina de TNT vermelha, cujo traçado retilíneo leva diretamente ao salão, no qual se avista um mix de luzes dísparas.

⁵ A pesquisadora Scaringi (2011, p.41) define o termo *Strip* como: despojada, desnuda, despida, sem roupa e o termo *Tease* como: burla, provoca. Logo, o termo *Striptease* quer dizer: provocar, despindo-se.

Figura 3 – Corredor de acesso ao Gata Garota que separa a boate da calçada



Fonte: Vasconcelos (2015).

Além das luzes, outro fator que torna esse ambiente peculiar é o aroma. O cheiro do álcool, um quê agriçoce do perfume das deusas da noite, acrescido do eflúvio do sexo se espalha pelo pátio que, misturado ao sabor do profano, permeia a memória afetiva de quem circula pelo lócus. A casa dos sexos ilícitos provoca uma mistura sensorial que remete a uma overdose de prazer e de vida.

O salão é cuidadosamente decorado com ilustrações que embriagam o olhar e aguçam o desejo sexual. À esquerda, um cubículo comporta o bar, uma cozinha e o posto de caixa. Mais à frente, no palco com dois metros de diâmetro, está o mastro que deve ter, em média, dois metros de altura. Em frente ao palco, em um minúsculo espaço denominado camarim, as dançarinas profissionais do sexo se preparam com trajes insinuantes: um figurino criado pela própria dançartriz ou uma fantasia temática, adquirida em algum *sex shop* do centro da cidade. Sobre o camarim se faz presente uma cabine de som comandada por um DJ (*Disc-Jockey*), espécie de discotecário responsável pela trilha sonora que embala as noites no bordel. Ao fundo do salão, uma luz vermelha evidencia o corredor de acesso aos quartos.

Figura 4 – Palco onde ocorrem as apresentações de *pole dance*



Fonte: Vasconcelos (2015)

Os dois banheiros: um feminino e outro masculino, encontram-se ao lado e, no entorno do salão, são dispostas mesas e cadeiras. Os becos que se formam entre as mesas são dominados pelo sabor feminino, que se utiliza de roupas sensuais para realçar corpos e curvas sinuosas. Nesse espaço, podem circular homens e mulheres livremente, pois a casa não cobra a entrada, apenas o que o cliente consome, seja bebida, tira-gosto, o show de *strip-tease* ou até mesmo um programa sexual.

O show de *strip-tease* pode ser contratado por um valor de 40 reais. Funciona da seguinte maneira: o cliente chama a menina até a sua mesa e combina previamente o espetáculo. A garota se desloca até o camarim para vestir o figurino da apresentação que conta com fantasias bem sensuais que podem ser de tigresa, colegial, enfermeira ou simplesmente um minúsculo short e um top, que comportem a bunda e os seios fartos das dançarinas. Toda essa montagem tem por intuito avivar a imaginação masculina. O tempo de exibição gira em torno de duas músicas escolhidas pela própria dançarina. A primeira música, a garota dança no palco, mas a segunda, ela dança no colo do investidor do espetáculo. O show é embalado

pelo ritmo pop de cantoras: Madonna, Beyoncé, Rihanna. No entanto, algumas meninas optam por um estilo musical mais romântico, por exemplo, a música *Always*, da banda Bon Jovi.

A sessão inicia: a garota caminha em direção ao tablado... Feixes de luzes coloridas acompanham o bailado dos seus quadris até ao palco. Eis que surge, em meio ao cenário escuro, uma mulher com uma fantasia de oncinha que inclui, um micro-vestido, calcinha fio dental e uma gargantilha. Um flash se move em sua direção realçando as suas formas, que parecem não caber na vestimenta.

Observo que muitas dessas mulheres não sabem dançar, não acompanham o ritmo da música, como se o palco estivesse “incendiando” e elas loucas para saírem dali. As luzes coloridas ajudam a disfarçar as imperfeições da pele, as rugas, a celulite, as estrias, o cabelo desarrumado, que seria facilmente identificado. Mas os homens, os clientes não observam isso, o olhar deles é panorâmico e inebriado, não são estes detalhes que eles procuram. E o que eles procuram então? Vasconcelos (2008, p.134-135) responde: “A força dos movimentos de uma dançarina - isso inclui as dançarinas nos territórios de prazer - objetiva, dentre outras coisas, convencer os múltiplos olhares dos espectadores da eterna existência do prazer”.

Figura 5 – Garota desenvolvendo sua performance no pole dance



Fonte: Jangadeiro Online (2011)

Logo, garota retira delicadamente peça por peça do seu figurino, desfazendo a ilusão do seu personagem, que desaba de sua forma original, mostrando toda a nudez de seu corpo. Resta apenas uma minúscula calcinha, amarrada dos dois lados com laços que são facilmente desfeitos. A calcinha já desamarrada é puxada de um lado para o outro passando entre o ânus e a vulva totalmente raspada. Vasconcelos (2008, p.130) frisa: “Uma vulva que assiste aos mundos de olhares de desejo e emoção”.

De súbito, ocorre um *blackout* e a bailarina desce do palco, serpenteia pela plateia, se deslocando entre as mesas. Uma nova música é executada e, desta vez, em ritmo mais

potente, ocupando insanamente os ouvidos de quem circula pelo lócus. Sob os olhares atentos de todos, ela desenvolve novo bailado, agora direcionado aos contratantes do show.

O clímax da apresentação ocorre quando o freguês deixa de ser mero espectador e passa a atuar na cena. Em meio ao jogo de sedução, a garota cola o seu corpo ao do cliente, que passeia as mãos pela sua volúpia corporal e isso inclui: “apalpar as nádegas”, “acariciar os seios” e “chupar a genitália”. Enquanto, os rapazes manifestam um estado de exultação ao explorar o corpo das prostitutas, o mesmo não ocorre com as moças, pois essas apresentam um semblante letárgico no momento em que são tocadas. Atuam de forma mecânica, não se envolvendo e nem partilhando do entusiasmo do freguês. Para tal, Rago (2008, p.211) destaca: “Não importa a medida do prazer que era atingido no encontro dos corpos prostituídos.” Nesse sentido, os devaneios e excitações que movem os indivíduos ao sentirem a corpulência das profissionais do sexo, sobressaem em relação à libido das mesmas.

Destaco que o regimento do cabaré⁶ não permite ao contratante puxar o cabelo das meninas ou dar tapas em seu bumbum, no momento em que elas dançam em seu colo. A penetração também não faz parte do espetáculo. Para realizar o intercuro sexual⁷, é necessário desembolsar uma quantia em torno de R\$100 e se dirigir ao quarto que a casa comporta.

Para ter acesso à alcova, o cliente escolhe uma suíte, de acordo com a iluminação interna dos quartos disponíveis (luz clara, vermelha, negra etc...). O pagamento do quarto é feito no ato da solicitação, por um valor de R\$ 20,00 quando o cliente recebe a chave do recinto, juntamente com dois preservativos.

O caminho para o quarto passa por um estreito corredor formado por uma parede vermelha, em meio a vassouras, rodos, baldes e até carrinhos de supermercado. Isto porque a parte interior do prostíbulo, além de comportar dormitórios, também funciona como o depósito de material de limpeza. Tal descrição pode ser melhor visualizada através da seguinte foto:

⁶ O conjunto de normas e condutas visa assegurar a integridade física das dançarinas profissionais do sexo e dentre outras coisas, como: caso ocorra conflito seja de cunho verbal ou físico, entre as artistas do sexo, essas receberão advertências e punições, podendo levar a suspensões que variam de um ou mais dias dependendo da gravidade do ocorrido.

⁷ No Gata Garota, o programa custa R\$ 80, no entanto, R\$ 20 se destina ao aluguel do quarto. Segundo relato das profissionais do sexo que atuam no recinto, o valor do programa e do show do *stripe-tease*, é integralmente delas. A casa lucra com o aluguel dos quartos e com a venda de bebidas. As meninas também ressaltam, que de fato não são funcionárias da casa, atuam no espaço, etretando (prostíbulo).

Figura 6 – Corredor de acesso aos quartos do prostíbulo



Fonte: Vasconcelos (2015)

À direita do corredor estão localizados os quartos. As dançarinas profissionais do sexo manifestam certa insatisfação em relação ao espaço destinado para os momentos calorosos de amor e afirmam: “o ambiente é muito pequeno, sem conforto algum, estrutura física precária, as paredes apresentam rachaduras, luxo zero”.

Figura 7 – Área interna do quarto. A imagem apresenta o passadiço que se forma entre a porta de acesso ao quarto, o banheiro e a cama



Fonte: Vasconcelos (2015)

O tal quarto é um pequeno cômodo com, aproximadamente, 3,0m², constituído por uma cama de alvenaria colada à parede fria, a qual preenche quase todo o lugar, deixando um estreito corredor delimitado por uma parede na qual se vê uma grande rachadura. Entre a cama e o corredor há um diminuto banheiro, exalando um cheiro forte de pinho que invade as narinas e penetra todo o ambiente.

Figura 8 – Rachadura propínquo ao teto, que abrange a área do banheiro até porta de entrada



Fonte: Vasconcelos (2015)

A cama de alvenaria aquece os corpos dos amantes e testemunha muitas cenas *calientes* de sexo venal, revestida por lençol desbotado e com leve cheiro de mofo.

Foto 9 – Cama de alvenaria com cobertas e travesseiro com fronha



Fonte: Vasconcelos (2015)

Completam a decoração, dois ventiladores turvos de poeira: um preso ao teto e outro fixo na parede, que também serve de amparo ao cabide para pendurar vestimentas e aos cartazes, alertando para o uso do preservativo.

Figura 10 – Ventiladores que compõem a mobília do quarto



Fonte: Vasconcelos (2015)

Figura 11 – Suporte de metal, no qual os clientes e as garotas penduram suas roupas



Fonte: Vasconcelos (2015)

Figura 12 – Propaganda pregada na parede lateral ao lado da cama



Fonte: Vasconcelos (2015)

Diante do cenário sórdido que compõe o quarto, a profissional do sexo se reinventa, se redescobre e prossegue com um novo movimento, como uma réplica do gingado que fora apresentado momentos antes, ao público sedento de prazer. Contudo, a alcova pode representar mais do que um espaço para aliviar as tensões sexuais. Há clientes que encontra no território do prazer sua válvula de escape, a fim de romper com o tédio e extravasar suas

angústias, como dito em Rago (2008, p. 210) “O mundo da prostituição atendia, portanto, a várias necessidades”.

De acordo com Dandara, o quarto do prostíbulo representa diversos ambientes. O espaço destinado à libertinagem a encontra interpretando um personagem *sui generis* que atende aos desejos e quimeras mais íntimas e secretas do cliente, as fantasias que ele deseja realizar em colóquios carregados de alacridade e delírio. Nestes momentos, seu desempenho a transforma na “mulher boa de cama”.

Para um melhor entendimento da concepção de uma “mulher boa de cama”, uso o aparato teórico disposto por Sousa (1998, p. 139) quando diz:

A representação que cada indivíduo tem sobre a prostituição depende, na maioria das vezes, das próprias fantasias sobre como se pensa e se define a prostituição. Da mesma forma, cada prostituta pensa e exerce a prostituição de acordo com os seus “fantasmas”, ou seja, ela sabe quais são as regras do jogo, como cada uma deve agir. No entanto, ficam a critério de cada uma as questões relativas a ser profissional ou não. Dizendo de outra forma, uma prostituta pode entender o que é ser profissional baseando-se em uma ou mais das seguintes atitudes: Ir a um prostíbulo não para se divertir, mas para “batalhar”; fazer os “programas” o mais rápido possível para não perder tempo; procurar não se envolver com os clientes; permanecer lúcida para ser racional; evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes; tratar todos os clientes da mesma forma, favorecendo a quem paga mais; preocupar-se com “fazer” e não com o “prazer” dentro de um prostíbulo; ter cuidado com doenças sexuais e gravidez. Já outras podem, em um misto de rebeldia e “necessidade”, inverter a ordem das regras, colocando a satisfação das suas fantasias em primeiro lugar e buscar: Ir a um prostíbulo mais para se divertir do que para “batalhar”; fazer os “programas” de forma a não se preocupar com tempo; envolver-se com clientes; preocupar-se em se divertir e não permanecer lúcida e “racional”; não tentar evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes; favorecer a quem mais lhe agrada, dando tratamento diferenciado aos clientes; preocupar-se com o próprio “prazer”; ter cuidado com doenças sexuais e gravidez.

Observa-se uma dicotomia em relação à figura da prostituta. Tal dualidade muitas vezes emerge das atribuições que as próprias garotas utilizam para caracterizar as atitudes de uma profissional do sexo. Dessa forma, a “mulher boa de cama” não simula necessariamente a mulher que desempenha o mais perfeito ato sexual, mas aquela que melhor assiste ao cliente. Assim como explica Sousa, em depoimento que recebeu de Carla (1998, p.138):

É isso aí. Por causa dessa questão aí, entendeu, d’eu assistir melhor o cliente, d’eu me sentar para conversar e ir pra cama sem pressa e não fazer aquilo tudo sem satisfazer. A questão era satisfazer o cliente. Você deixou o cliente satisfeito, então pra ele é isso aí... (CARLA, 02/1996).

Dandara relata:

Eu atendo inúmeros clientes, e cada um tem a sua particularidade. Tem cliente atencioso e carinhoso que traz presente, que trata super bem, que é cheiroso. Tem o cliente *mala sem alça*, que não quer fazer o uso do preservativo, não tem noções mínimas de higiene, que demora tanto para gozar, que chega a ser torturante. Mas

têm outros que gozam rápido até demais, esses são os melhores (risos). Ah, tem aqueles clientes com fetiches malucos... Lembro-me de um cliente que sempre andava com uma mochila pelo cabaré e, um dia, eu fui para o quarto com ele... Foi bizarro. O cara tinha uma fantasia de Xuxa na mochila (risos), ele vestiu a fantasia e pediu para que eu andasse de salto em cima dele. Eu segurei o riso e realizei o desejo dele. Claro que eu não realizo toda maluquice de cliente, né! Eu não sou obrigada (risos). Tem outros, que pagam o programa, mas não acontece nada, apenas uma conversa, um desabafo, um pedido de conselho. Eu tenho um cliente que está passando por um momento muito delicado, está se divorciando. Toda quinta-feira ele vem aqui conversar comigo. Vamos para o quarto, mas nunca rolou nada. Ele conversa comigo, pede conselhos, desabafa e chora. Ele disse que eu sou a psicóloga dele, a única que tem paciência de escutá-lo. Tem clientes de todos os tipos... Às vezes, rolava do cliente trazer um “pozinho” e tal... Uma vez ou outra eu dava uma “tecada”. Então, são várias pessoas, com vários tipos de comportamento, pensamento e maneira de ser. (DANDARA).

Logo, o quarto também pode personificar um “consultório”, ou um teatro cuja cama transforma-se em divã e ela deixa aflorar outra faceta, assumindo o papel de ouvinte, de interlocutora, de amiga e conselheira, quiçá uma “psicóloga”. Pela análise da fala de Dandara, conclui-se que, ao procurar a companhia de uma prostituta, nem sempre o cliente espera atender a interesses de caráter sexual. Surfistinha elucida:

Gosto de conversar com meus clientes. Converso muito e eles acabam se abrindo comigo. Já ouvi cada coisa... É o meu lado psicóloga. Queria ser psiquiatra, mas sei que não conseguiria nunca entrar em medicina. A psicologia está ali, bem pertinho. É isso que vou fazer, quando voltar a estudar. Material para estudo é que não vai faltar. (SURFISTINHA, 2005, p.12).

A prostituta trabalha com a pluralidade e, ao mesmo tempo, com a singularidade dos indivíduos que procuram os seus serviços. A cada noite, a garota de programa se depara com diversos tipos de clientes e nunca sabe ao certo o que pode acontecer. Por conseguinte, a prostituta pode assumir um personagem camuflado por um belo sorriso e atitudes eróticas, fazendo do seu corpo um mecanismo sexual a fim de oferecer ao freguês a imagem da mulher que este procura, concretizando os seus desejos e expectativas.

Corroborando Rago (2008, p. 221) quando afirma que: “Ela se apresenta, então, com absoluta disponibilidade de representação” seja no palco, durante a execução da dança, ou no quarto, nos momentos de entusiasmo amoroso, a prostituta encena a figura que o cliente requisita, por quem ele paga, sabendo decifrar os seus desejos. Assim, explica Dandara destacando o comportamento que a prostituta deve adotar para agradar o cliente:

Nunca se engane: tem garota de programa que consegue fingir ou simular um prazer. Eu sei, inclusive por depoimento de amigas minhas... É aquela coisa... É uma atriz... Eu tenho que dá para o cara aquilo que ele quer porque facilita pra mim e segura o cliente para ele voltar (DANDARA).

Rago (2008, p.263) denota:

Relações tensas e multifacetadas estabeleciam-se entre fregueses e prostitutas, incluindo desde os momentos em que estas odiavam aqueles, desejando que o ato sexual acabasse rapidamente, até as que se sentiam como meras profissionais executando seu trabalho, ou ainda as que desejavam gozar e fixar a freguesia.

Em uma intensa rotina de trabalho e produtividade, o corpo é solicitado e exaurido. A profissional do sexo se condiciona, a fim de atender as exigências do lócus no qual se encontra. Dessa forma, a prostituta passa a ser um corpo produtivo, mecanizado, instrumentalizado, que trabalha, que representa, que se cala aos caprichos e vontades dos clientes, abatendo-se de total subjetividade, apresentando-se então, como um corpo dócil, na concepção Foucaultiana: “ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam.” (FOUCAULT, 1997, p.132).

Partindo dessa abordagem, a garota de programa representa para o cliente, um dispositivo produtor de prazer. Rago (2008, p. 260) destaca que, “não interessa nessa relação a pessoa da prostituta, suas ideias, apreensões, desejos, mas sua *performance* que foi comprada e deve ser satisfeita.

A prostituta transfigura-se na imagem que os olhares extasiados de desejo incidem sobre o seu corpo. A garota adapta, constrói as suas atitudes, os seus gestos, a postura, fetiches e anseios de seus clientes. Nesse sentido, a pécora desempenha o seu papel: que é dar prazer, ser prazer e um campo de sensualidade. Entretanto, como descreve Rago, (2008, p. 221) “a prostituta uniformiza os homens, porque todos lhe são substituíveis”. Logo, revela Dandara:

Então se o cliente viesse com carinho, eu dizia meu filho vamos terminar logo nosso serviço, que gosto é de foder. Eu procurava agir no automático não dava tempo para a racionalização. Vou, transei e tchau. Não queria me envolver.

A prostituta não tem emoções? Não é um corpo que ri, chora, pulsa, deseja, sofre e goza? As representações simbólicas estereotipadas que permeiam a figura da garota de programa são reforçadas, muitas vezes, pela falta de informação e pelo julgamento distorcido criado em torno da imagem negativa dessa profissão. Para tanto, essas indagações podem ser melhor compreendidas através da narrativa expressa por Dandara e Surfistinha, (2005, p.30):

Uma coisa que todo mundo sempre pergunta é se consigo ter prazer com meus clientes. Claro que sim. Por mais profissional que seja, se rola química, afinidade e tesão, não vou aproveitar? Afinal, brincar em serviço é o meu serviço. Sou paga para realizar as fantasias dos outros (por mais que eu tenha as minhas, guardo para mim). [...] Não sou uma máquina. Percebo que vai acontecer algo legal quando o cliente está realmente a fim de me dar prazer. Se é isso o que ele está querendo, por que não dar a ele? Ou, ao menos, me esforçar.

Pela minha experiência como profissional do sexo, eu posso dizer o seguinte: geralmente quando a garota de programa sente prazer ela tá apaixonada, ela vai tratar aquele cliente de forma diferente e cobrar aquele dinheiro já nem rola mais e isso significa financeiramente prejuízo para garota de programa. Prejuízo no sentido de ela estar apaixonada, ela não vai mais ligar para trabalhar. É muito chato essa parte porque ela não liga mais pra trabalhar. Ela se obriga até a uma fidelidade embora a outra parte não corresponda. (DANDARA).

Contudo, a relação entre o freguês e a prostituta não representa necessariamente uma relação previsível. Assim acentua Dandara:

O mundo da prostituição é assim, as boates elas têm várias portas tem caso de meninas que arrumam cliente que se torna o marido dela e essa relação dá certo e ela nunca mais pisa lá. Têm meninas que até mesmo por problemas psicológicos acabam se viciando em algum tipo de droga ela perde o controle então tudo isso depende muito... Eu mesmo tive na minha depressão o uso de drogas.

O panorama da prostituição é cercado de clichês, sustentados pelo senso comum que apontam essa atividade como uma das mais antigas profissões do mundo, ou ainda, como um subemprego, uma simples necessidade de sobrevivência, na qual as mulheres que se prostituem são estigmatizadas por não possuírem recursos financeiros ou formação técnico-profissional para se recolocar no mercado de trabalho.

Essa definição de prostituição descreve a imagem da prostituta como um ser vitimizado pelas circunstâncias sociais e econômicas. Deste modo, a prostituição incide em uma permuta consciente de favores marcada pelo desinteresse afetivo e sentimental, na qual troca-se sexo por dinheiro.

Outro aspecto utilizado para definir a prostituição diz respeito a cingir a figura da profissional do sexo expondo-a como uma mulher permissiva, despudorada e livre para o sexo. Dominando a “arte da sedução” ela, ao receber uma dada remuneração, deverá fazer o que o cliente solicitar. *A priori*, pelo fato de ser uma prostituta e, em seguida, porque há um pagamento.

É necessário melhor esclarecimento destas informações e, para tal, utilizo as diligências de Sousa, quando afirma:

É importante registrar que a grande maioria das prostitutas faz geralmente o mesmo que a esposa em casa com o marido – o conhecido “papai e mamãe”, ou seja, o sexo vaginal. No entanto, encontram-se prostitutas que se especializam em outras práticas, tais como sexo oral, anal, grupal, etc. [...] Outro dado que deve ser registrado como representação diz respeito à noção de que, por ser prostituta, ela tem obrigação de receber todos sem distinção, principalmente porque vai ser “paga” para isso. Esse é um dado importante que merece ser trabalhado. A prostituta, feita “mercadoria à venda”, só se vende se houver interesse da parte dela. É importante deixar claro a que tipo de prostituição me refiro: à prostituição de bordel, para o qual, algumas mulheres vão no dia em que desejam. Estas não mantêm vínculos ou acordos com

madames/donos de prostíbulo, gigolôs ou outros intermediários da prostituição, que a obriguem a fazer uma certa quantia diariamente. (SOUSA, 1998, p.136).

Dandara descreve um dado episódio que ocorreu em suas noites de cabaré e diz:

Em uma determinada boate o dono da casa me “obrigou” a sair com o cliente que eu não queria. Essa casa segurava o dinheiro da gente para entregar só no fim da semana. Aí o dono da casa disse: se você não for com o cliente, você vai perder dois programas. Eu tinha dinheiro na casa. Aí eu pensei, droga vou ter que ir... Foi assim, uma sensação de nojo, pois o homem era asqueroso, horroroso e ainda era bruto. Do meio para o fim, eu desisti. Era preferível perder os dois programas. Nada justifica sair com aquele cara.

Trilhado pelas paixões efêmeras e pelo sabor feminino, o universo da prostituição também manifesta outras vertentes que vão além do prazer e da sensualidade proporcionados pela dança. Elementos coadjuvantes como a droga, o álcool, a violência e a discriminação também circundam as entranhas do território do prazer. Assim, acentua Rago (2008, p.261): “de modo geral, as prostitutas tinham de enfrentar fregueses dos mais diversos tipos, desde figuras agradáveis até bêbados, delinquentes, vagabundos, ladrões, homens desequilibrados, que não podiam arcar com os custos dos bordéis mais caros”.

À vista disso, a profissional do sexo torna-se mais vulnerável a violências físicas, emocionais e simbólicas. No entanto, ao observar e conversar com Dandara e algumas meninas que atuam no Gata Garota e perceber que, por vezes, elas ficam expostas a uma dada hostilização, raramente pode-se limitar a figura da prostituta a uma condição de inércia. Muito menos associar-lhe a imagem de oportunista ávida que só visa o dinheiro de clientes, nem quaisquer outras trivialidades. Isso pode ser observado nas palavras de Gastaldo *apud* Fábio (2012, p.10):

Complexa e contraditória, como a vida de qualquer pessoa, a representação do cotidiano das prostitutas revela um universo vivo, às vezes, sofrido, às vezes alegre, outras melancólico, onde se sucede dor e prazer, sedução e desprezo, competição e solidariedade, sem respostas fáceis.

A sensualidade, o desejo, o fruir e a embriaguez são elementos que participam do cotidiano de uma prostituta. O que pode ser excitante e fazer despertar os anseios e fantasias mais secretas de muitas mulheres, para uma garota de programa é rotina de trabalho, mas pode ser também de prazer.

O prostíbulo pode expressar um ambiente efervescente: lúdico, festivo, movido por batidas de músicas que seguem em sintonia os movimentos sensuais de dançarinas profissionais do sexo. Mas, na verdade, ele também encarna um espaço de labuta, haja vista

que, para as garotas de programa, o prostíbulo não representa meramente regozijo. O seu dia a dia não é constituído apenas de glamour e regalo.

Atravessar noites acordadas trabalhando com o corpo, satisfazendo o desejo sexual de clientes e sendo apontadas como “objetos de prazer” acaba gerando um desgaste físico e emocional muito grande. “É o lado difícil da vida fácil” narrado em Surfistinha (2005):

Transas enlouquecidas, surubas, muitos homens (e mulheres) diferentes por dia, noites quase sem fim. O que pode ser excitante para muitas garotas como eu, na efervescência dos vinte anos, para mim é rotina. É meu dia-a-dia de labuta já faz três anos. Trabalhando cinco dias por semana, com uma média de cinco programas por dia – é só você fazer as contas para saber quantas vezes já transei por dinheiro. Por mais que eu chegue a curtir, a gozar de verdade, ainda assim é trabalho. (SURFISTINHA, 2005, p.4).

A temática da prostituição pode ser apresentada por outros vieses, escapando às representações e discussões prosaicas. Inúmeras são as fantasias que movem os sujeitos a irem buscar na figura da prostituta um deleite.

O que compõe o imaginário masculino vai muito além do gozo imediato. É mais que o coito ou o ato de copular com a fêmea; é a veemência de estar no antro dos prazeres ilícitos, de assumir o papel de *voyeur*⁸s visualizar o intercuro sexual em um ritmo frenético, por buracos de fechaduras ou espelhos sobrepostos.

Rago (2008) configura o bordel como ambiente de pluralidade, que permite circular homens, mulheres, jovens, velhos e diferentes classes sociais, vivenciando e saboreando os prazeres ilícitos assim, Rago atenta para ótica positiva da prostituição, que muitas vezes, não é dito, à sombra de ser mal interpretado. Nas suas palavras:

Condenada e aceita ao mesmo tempo, a prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser aprendidas se escaparmos aos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade. Ao agrupar os indivíduos por meio de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, apresentava-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão. Práticas licenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras, e jogos que ocorriam nos cabarés pensões alegres da cidade conformavam um espaço importante de interação social. (RAGO, 2008, p. 196).

⁸ Patologia que consiste na obtenção de prazer sexual pela observação dissimulada de cenas de cariz íntimo ou erótico. = MIXOSCOPIA 2. Curiosidade patológica por tudo o que é privado ou íntimo. "**voyeurismo**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa[em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/voyeurismo> [consultado em 18-11-2015].

A positividade expressa em Rago relaciona-se não somente a ordenar os aspectos de sociabilidade do sujeito, mas notabiliza o prostíbulo como:

[...] Perceber o mundo da prostituição não como um lugar de “descarga libidinal ou de alívio das tensões sexuais, como afirmavam os médicos do período, isto é, segundo a “lógica do negativo” na expressão Deleuze. Certamente a representação do desejo como a energia caótica e em estado bruto implica a construção do imaginário do mundo do prazer como campo noturno da desordem das paixões e da erupção de forças animais e satânicas, contrárias ao princípio das civilizações (RAGO, 2008, p.196).

O bordel caracteriza um espaço de múltiplas sociabilidades, no qual o indivíduo pode ir para saborear uma iguaria acompanhada de um bom *drink*, para conversar, além de atender e realizar desejos sexuais. Logo, o submundo da prostituição não condiciona necessariamente a um ambiente de vivência exclusivamente da sexualidade, como consolidado no senso comum.

De fato, exercer a função de prostituta não é uma tarefa fácil. Concordo com Roberts quando fala que “A prostituição é um trabalho difícil, tanto em termos físicos quanto emocionais.” (1998, p.391). Todavia, o sentido mais apurado da prostituição, provavelmente tenha sido descrito pelo Marquês libertino, o Marquês de Sade. Para Sade (2003, p. 36 e 37) as prostitutas:

São felizes e respeitáveis criaturas que a opinião difama, mas a volúpia coroa; e quem, bem mais necessária à sociedade do que as recatadas, têm a coragem de sacrificar, para servi-la, a consideração que esta sociedade ousa lhes tirar injustamente. Vivam as que se sentem honradas com este título.

As prostitutas e os frequentadores do recinto dos prazeres ilícitos vivenciam e saboreiam a embriaguez dionisíaca que compõe os rituais orgiásticos e a contextura do bordel. Dandara enfatiza:

A noite é muito atrativa e envolvente. Então é aquela coisa, quando a garota não está propícia para a prostituição, ela passa dois, três meses na atividade, cai fora e nunca mais volta, pois ela vai chegar a seguinte conclusão: isso aqui não dá para mim. É aquela coisa, tem que ter o lado da curtição, como qualquer outra profissão. Ou seja, a garota de programa ela curte aquele ambiente de boate, ela se sente seduzida pela noite. Bem como, ela gosta de seduzir. Eu acredito que não tem um perfil determinado que se encaixe à essa mistura que é o universo da prostituição. Não tem um ponto xis que determina os porquês das meninas e dos próprios clientes de se sentirem atraídos pela noite, pelo cabaré. Então, tem o lado divertido e ludibriador da profissão.

Seguindo esse enfoque Sousa (1998, p.122) declara:

É preciso, pois, entender que o fenômeno da prostituição não pode ser analisado de forma generalizada como se tratasse de algo homogêneo e claro aos olhos de quem

quiser ver. Há prostitutas e prostitutas. As nuances existem, não de forma clara, tangível, transparente. Mas a convivência, o trabalho de campo e o posterior “estranhamento” e afastamento do fenômeno da prostituição fizeram com que, aos poucos, fossem desanuviando-se os meandros do mundo da prostituição, ou seja, essa diversidade que é a própria diferença no mundo da prostituição. Cada prostituta é um caso diferente, uma vida e uma história com alteridade, que guarda suas singularidades.

As prostitutas não são, pois, somente personagens que gozam e partilham dos prazeres da noite, mas mulheres que lutam por sonhos, carinhos, pela sua independência sexual e espaço, pela valorização como seres humanos. Mulheres com sua sofreguidão e que vivem a seu bel-prazer. Mulheres que transparecem alegrias e tristezas, que são mães. Mulheres que estão na labuta para conseguir o pão de cada dia ou quem sabe, a procura de desfastios e paixões. Tal paixão situa a vontade de potência em romper com o tédio, fazendo latejar os anseios viscerais que se dissimulam na força do êxtase dionisíaco. Vasconcelos (2008, p.132) expõe:

A paixão mobilizadora e condutora de nossos segredos derrama seu cobiçado e inaudito distanciamento de si, dividindo o ser humano entre a paixão de si e a guerra ou tormenta de si. É que as necessidades de golpear o mundo e atingir seu coração conspiram em prol da desmesura do *animal humano*. É essa ação desmesurada de intempestiva força que nos fere, produz fissuras em nossas certezas e faz colidir nossos percalços vorazes, nossas derrapagens sagradas como sentido mais acurado de nosso ocaso limítrofe.

2.3 Entabulando a performance: o primeiro contato com Dandara Aragão

Entre as inúmeras visitas efetivadas ao Gata Garota destaca-se a noite de 21 de outubro de 2010, uma quinta-feira. Dentre as meninas que se encontram naquele lócus, desponta uma mulher de cabelos longos e cacheados, vestimentas monocromáticas em tons pastel, apresentando-se de forma mais retraída, em relação às outras amásias presentes.

Enquanto as moças do recinto exaltam a sua beleza, por meio de roupas decotadas e de cores vibrantes, a citada mulher se escondia em trajes apáticos. Pouco depois, ela se desloca até ao camarim para, após dez minutos, retornar ao salão vestindo *corset*⁹ de renda preta, uma cartola, uma gravata-borboleta, um par de luvas, uma calcinha fio dental e um sapato *scarpin*¹⁰ preto. A garota aparece no palco, com uma fantasia de mágica. A mulher

⁹ Corresponde a uma peça do vestuário feminino que dispõe de barbatanas e amarrações nas costas. Essa peça tem como objetivo reduzir a cintura e manter o tronco ereto, valorizando, controlando as formas naturais do corpo e conferindo mais elegância.

¹⁰ Calçado fechado, com salto alto ou médio com bico fino, arredondado ou até quadrado; com salto agulha, plataforma, anabela ou quadrado.

antes denotando aparência tímida, se transforma em uma *femme fatale*: sedutora, poderosa, ofuscando todos os olhares.

Ao som de *Express* da cantora Christina Aguilera, ela inicia o show. Atuações sensuais: posições de agachamento, descer e subir do cano, rodopiar e, algumas vezes, até ficar de cabeça para baixo fazem parte da apresentação. Em meio às *performances* dançantes, o público vibra, aplaude, assovia e grita: “gostosa”! Deslocando-se de um lado para o outro, a moça balança os cabelos e desliza o seu corpo em torno da haste de metal. Ela se inter-relaciona com o público, sorri e vai desmontando o seu figurino, jogando algumas peças para a plateia.

Outro aspecto que se destaca durante a encenação é o olhar da garota: um olhar lascivo, revelando um quê de luxúria, apresentado em Le Breton (2009, p.43) como:

Um mundo imaginário se interpõe entre as mímicas e os movimentos do corpo, dando espessura à vida social e contemplando a cena com significados próprios ao espectador. Os gestos, as mímicas, as posturas, os deslocamentos, exprimem emoções, desempenham atos, acentuam ou nuançam um discurso, manifestando significações em permanência, para si e para os demais. O rosto e o corpo entregam-se à compreensão daqueles que os percebem mediante sinais que os atravessam. (LE BRETON, 2009, p. 43).

A garota exhibe uma dança teatralizada, singular e libidinosa, agregando movimentos acrobáticos e sensuais. Usando termos próprios da linguagem do prostíbulo posso dizer que o desempenho da moça... “Parou o cabaré¹¹”. Saliento que a garota restringe a sua apresentação apenas ao palco. Ela não desce até a mesa do cliente, para que esses possam tocá-la. Diferentemente das demais apresentações, cujas meninas concluem a dança no colo do investidor do espetáculo.

Após assistir ao citado show, surge o desejo em conhecer a responsável por desempenhar tamanha desenvoltura. Associada à aspiração em contactar a moça ocorre algumas indagações tais como: quem é aquela senhorita que está entrando em cena? Será uma mulher de atitudes retraídas ou uma mulher autoconfiante, desejada, admirada, cercada pelo olhar do desejo?

Logo, a garota que desenvolveu o show especial é convidada para se sentar à mesa. Muito simpática, ela aceita o convite e se apresenta, cumprimentando educadamente com uma saudação de boa-noite, seguida de seu nome: Dandara Aragão. Ao sentar à mesa, ela pergunta se pode pedir um energético e acrescentar à minha conta, com o que concordo.

¹¹ Expressão utilizada nos prostíbulos que significa destacar-se, despertar interesse e curiosidade.

Então, entre um gole e outro de energético e muito informalmente, o diálogo inicia com um clima amistoso e um sentimento amigável. Inclusive, esta seria apenas uma de tantas outras conversas que, futuramente, ainda se realizariam com Dandara, pois quando toma conhecimento de que minha presença no recito dos prazeres ilícitos se tratava de uma pesquisa acadêmica, Dandara esboça um sorriso e diz: “nossa, que interessante o seu trabalho, o âmbito acadêmico me fascina, eu sonho em retomar os meus estudos e cursar psicologia”. À vista disso, a moça se disponibiliza a colaborar com a investigação, cedendo algumas entrevistas.

A primeira entrevista, ou diálogo mais apurado, foi realizada nas dependências do prostíbulo no dia 3 de novembro de 2010, com o auxílio de um gravador digital, para armazenar as informações recolhidas.

Cheguei ao Gata Garota por volta de 21 horas. Ao adentrar o lócus, me deparo com Dandara que prontamente me congratula e me direciona a uma mesa. Então ao sentarmos, solicitamos ao garçom uma dose de vodka, um energético e um filé trinchado. Enquanto tomávamos os *drink's* e aguardávamos a refeição, observo que o movimento no bordel estava fraco e questiono Dandara sobre tal ocorrência. Ela responde:

Hoje é quarta-feira, dia de jogo, geralmente o movimento é fraco mesmo. É assim, nos dias de jogos o cabaré só começa a bombar, depois da meia-noite. E o cabaré que mais bomba aqui no centro em dias de jogos, é o “80” que fica localizado na Tristão Gonçalves. Quando for perto da meia-noite, as meninas aqui correm pra lá.

O bordel é um espaço de caráter transitório, nota-se uma rotativa entre as profissionais do sexo. Todas as noites o prostíbulo é invadido por novos frontispícios, novos sorrisos, novas fantasias, novas interpretações carregadas de concupiscência. Tal vicissitude é detalhada por Rago (2008, p. 223) como:

Nômade, a prostituta não se fixa num único bordel, não se sedentariza numa única relação, muda constantemente de identidade. Nomadismo geográfico, que a leva a viajar insistentemente ou mudar-se com frequência, como observavam irritados os médicos do XIX. Nomadismo sexual dos corpos: não apenas pela troca rápida dos fregueses, mas pelos usos sexuais do próprio corpo. Nomadismo de identidade: ora francesa, ora polaca, ora brasileira, ruiva, loira ou morena, ela vive suas fantasias e as expectativas do freguês.

Quando indagada acerca da possibilidade de comparecer a outra casa de prostituição no caso, o “80” Dandara declara:

Hoje eu não irei. Para falar a verdade, eu já saí dessa fase. Meu parâmetro hoje é outro nível. (risos) Mesmo porque, eu já estou há mais de 23 anos nessa atividade. Para falar a verdade, eu estou meio que encerrando a carreira. Hoje os meus programas são mais seletivos e eu procuro priorizar mais a prática da dança, do que

propriamente o programa. De início é muito complicado chegar para uma garota de programa até o seu quinto ano nessa profissão e dizer, mulher sai dessa vai fazer um curso, vai se profissionalizar é complicado principalmente, se ela for uma garota carismática e tiver muitos clientes, pois o dinheiro cobre, a frase que ela vai dizer, geralmente vai ser essa, na alta ilusão... me profissionalizar pra quê? Pra ganhar uma merreca... Imagine que um salário mínimo hoje é 150 reais por semana, uma garota de programa, pode fazer o tripulo disso em um programa. E a vida útil da prostituta, assim eu considero, que o prazo para uma garota de programa é no mínimo dez anos. Ao logo desses 23 anos eu tive interrupções devido a relacionamentos, gravidez, amamentação e tal... No entanto, durante 11 anos eu frequentei a noite ativamente, aquela coisa de tá toda noite na boate, de trabalhar todos os dias, fazer tudo que eu tenho direito. E o prazo é justamente esse porque chega um período que cansa e esse período é terrível, porque a garota pelo menos aconteceu comigo, entra em uma crise de alto identidade, de culpa e uma depressão horrorosa. E em meio a todo esse jogo digamos assim, tem a questão da concorrência. A diferença de uma garota de dezoito e, uma garota de trinta, é porque a garota de trinta ganhar por ter experiência e uma rede contatos já de dezoito, ela é passada, passada e passada... Então existe uma diferença na qualidade de cliente, pois a menina que tem mais experiência com certeza cativou algum cliente ao longo da profissão. Já uma menina que tá começando o dinheiro que ela ganha, não é de um determinado cliente e sim de todos aqueles clientes que querem experimentar aquela carne nova, já a outra pode escolher o cliente, então essa é a diferença. Por exemplo, chega um cara na boate com um amigo que é inexperiente então ele indica a Dandara, meu nome de guerra, mas ele diz não eu quero aquela que é mais gostosa e o outro fala, não você tem que ir com a Dandara que é mais experiente para poder ter uma noite legal. Claro que a garota de dezoito trabalha com mais frequência do que a de trinta, isso é lógico. Porém é um ciclo tipo dominó a de dezoito vai, vai e vai se ela não procurar alguma coisa ela vai ser futuramente a mesma de dez anos que se ela teve a sorte de adquirir algum cliente ela vai ter uma situação até um rosa na frente das que estão chegando, eu vi caso de meninas que se destruíram por completo que ora foram muito bonitas e hoje... Então assim, essa circulação de uma casa para outra de fato, faz parte da profissão. Você vai fazendo contato, uma amiga indica uma casa para a outra amiga e assim vai. E hoje, se eu for contar nos dedos as casas de prostituição em Fortaleza que trabalhei, posso dizer que eu sou sambada (risos).

De acordo com Rago (2008, p.224), esse andarilho pelas casas de prostituição pode se compreendido da seguinte maneira: “Se o nomadismo é parte do negócio, arma de sedução e excitação do freguês em busca de novidade, é também a abertura de territórios da própria prostituta, que reinventa ininterruptamente, e que não quer se fechar no par”.

Em relação à elaboração do show, Dandara diz:

Para executar a dança é necessário treino e dedicação. Então, para montar o meu show, eu pesquiso, eu estudo, busco na internet vídeos que me proporcione um maior conhecimento em relação ao pole dance, a dança. Eu pesquiso as músicas, os figurinos, a *performance* que eu pretendo apresentar e tudo isso faz um diferencial no meu show. A escolha da roupa é muito importante e essa tem que tá em harmonia com a música, com dança apresentada. Não é só jogar um *look* destacando os peitos e a bunda... É necessário toda uma preparação. No caso, o show tem que ser pensado e não improvisado. Porque usar roupa curta e ficar rodando no palco fingindo que tá dançando para depois ir se esfregar no cliente é totalmente diferente de montar um show, uma apresentação. Todos os movimentos, gestos e olhares são planejados para envolver os clientes. A forma como eu tiro a lingerie e como jogo o cabelo. Tudo isso tem por finalidade seduzir o cliente. Naquele espaço eu sou o

atrativo, digamos assim. Eu busco desenvolver um show artístico e sensual. E outra, eu considero o *pole dance* uma ginástica que esculpe o corpo de forma prazerosa. O *pole dance* aliado ao strip-tease induz a menina a ter certa disciplina com seu corpo, ou seja, a menina evita bebidas alcoólicas e uso de drogas melhorando assim, sua qualidade de vida, seu condicionamento físico, a sua alta estima.

Diante da fala da entrevistada, Schechner (2012, p.49), acentua:

Performances - sejam elas artísticas, esportivas ou a vida diária: consistem na ritualização de sons e gestos. As performances artísticas moldam e marcam suas apresentações, sublinhando o fato de que o comportamento artístico é “não pela primeira vez”, mas feito por pessoas que levam tempo para se preparar e ensaiar.

E Dandara prossegue:

Eu acho assim que as meninas deveriam investir mais na prática dança. Procurar valorizar show, sendo mais criteriosa em relação a escolha de figurino, em relação o desenvolvimento do show. O que percebo aqui é, as meninas montam o show de qualquer jeito porque o cliente tá interessado é no momento em que ela pula no seu colo. Eu não concordo com isso. Se o cliente paga para eu dançar, de fato ele vai me ver dançar. Vai me ver fazendo o *striper*, mas no palco e não no seu colo. Nada dessa vulgaridade, essa coisa horrorosa de se atirar em cima de cliente. Se ele, o cliente, desejar ter algo mais caloroso, mais íntimo, ele paga o programa. Eu falo muito isso para meninas aqui da casa, valorize a apresentação de vocês. Principalmente, as meninas que eu dou aula. Poxa, você tem toda uma preparação, treino, figurino, música e tal, para no final, se atirar no cliente, desmitificando todo o encantamento do show? Se um dia eu chegar a possuir uma boate pode ter certeza, que eu vou procurar investir nessa parte da dança, de apresentação, de montar cenário, ambientes. Eu acho que isso, é que faz o diferencial. Trabalhar com essa parte do erotismo, do nu artístico, da dança, sem o lado da vulgaridade. Eu acredito que isso dar um outro olhar para a boate, na própria apresentação da garota. É aquela frase chavão: ser sexy, sem ser vulgar.

Nota-se que atividade da prostituição está alicerçada pela dramaturgia, pelo pulsar da música, pela arte. A arte da sedução, arte do prazer. O cabaré representa um grande palco no qual Dandara encarna a figura da exímia dançarina: fugaz e sensual, metamorfoseando-se e assumindo um multifário de caracterização, que Rago (2008 p.218) pormenoriza da seguinte maneira: “Como artista, a prostituta é aquela que aprendeu a encenar múltiplos papéis, dissociando a aparência e essência, interioridade e exterioridade, perdendo-se definitivamente no labirinto das sensações”. Dandara manifesta:

Quando subo ao palco procuro passar toda a minha sensualidade, envolvendo os espectadores em cada movimento corporal realizado. Considero o cabaré o meu local de atuação. Lá, eu sou um personagem, eu tenho um nome de guerra. Habitualmente, eu não exalo desejos e sensualidade vinte e quatro horas por dia. Eu diria até que sou tímida, uma mulher de atitudes discretas, romântica. Mas quando entro no cabaré eu me transformo. A moça tímida desaparece. Entra em cena uma mulher vistosa, atraente, provocativa. Eu preciso chamar atenção. Eu preciso agradar o cliente. Então, além de sensual, eu tenho que ser simpática, e tratar bem o freguês, mostrando ser uma boa companhia.

Nesse sentido, a moça que circula pelo Gata Garota é diferente da moça do cotidiano? Dandara aponta: “no cabaré, eu figuro uma mulher com teor apelativo considerável.” Isto é, a garota de programa reúne elementos e características que habitualmente não apresenta. As confabulações dispostas por Dandara, remetem a discussões envolvendo os conceitos de *Transportação* e *Transformação*. Tais conceitos são desvendados por Schechner (2012, p.70) quando diz:

Rituais liminares mudam permanentemente o que as pessoas são. Ocorrem transformações. Rituais liminóides efetuam mudanças temporárias - algumas vezes, nada mais que uma breve experiência *communitas* espontânea ou uma performance com várias horas de duração em único papel. Ocorrem transportes. De um ponto de vista do espectador, uma entrada para a experiência é “movida” ou “tocada” (metáforas apropriadas) e depois deixada onde ela aconteceu. Para performers, a situação é mais complexa, pois ocorre uma “longa jornada”.

Quando Dandara adentra o prostíbulo e assume um personagem, ela é transportada a um espaço ritual¹². Naquele ambiente ela assume uma nova faceta. Schechner (2012) considera o fato de que, estando o sujeito diante de uma condição isolada da vida cotidiana, ele pode temporariamente se tornar outro, expressar outro. Voltando tal explicação para o campo do teatro, se percebe que o ator não é ele mesmo, nem tampouco o personagem que personaliza. Sendo assim, a garota manifesta uma dualidade performática.

Enquanto profissional do sexo e estando inserida na cultura que move o palco dos prazeres ilícitos, Dandara desenvolve uma performance, mas em seu âmbito particular, ela manifesta uma outra.

Schechner, (2012 p. 71-72) explica:

Transportes ocorrem não somente em situações de rituais, mas também em performances estéticas. De fato, é onde todos os tipos de performance convergem. Atores, dançarinos, xamã, artísticas, músicos clássicos- todos treinam, praticam e/ou ensinam para, temporariamente, “deixar a si mesmo” e ser “aquilo” que estejam performando.

Deslindar pelas noites de cabaré possibilita um enfoque mais específico no que tece a complexa cultura da prostituição e de seus participantes: homens e mulheres que se lançam ao enigmático mundo dos prazeres ilícitos. O prostíbulo é um grande teatro cujas atrizes principais são as prostitutas e os clientes os atores coadjuvantes. A prostituta é

¹² Nas palavras Schechner (2012 p. 49-50): Rituais são uma forma de as pessoas lembrarem, Rituais são memórias em ação, codificadas em ações. Rituais também ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquizadas, excedem ou violam as da vida diária. [...] Ambos, ritual e jogo, levam as pessoas a uma “segunda realidade” é onde elas podem se tornar outros que não seus eus diários. Quando temporariamente se transformam ou expressam outro, elas performam ações diferentes do que fazem na vida diária. Por isso, ritual e jogo transformam pessoas, permanentemente ou temporariamente. SCHECHNER, Richard. **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Seleção de ensaios; organização de Zeca Ligiero; tradução Augusto Rodrigues da Silva Júnior...et al. Rio de Janeiro: Mauad x, 2012. p. 49-50.

imbuída por uma máscara e potencializa prazeres ilusórios. O universo das garotas de programa transita entre o real e o quimérico, entre o público e o particular. Haja vista que a prostituta tem a sua vida exposta sendo apontada pela sociedade como uma mulher pública, ela também apresenta as suas particularidades, atuando em sua vida privada, cuidando do seu lar, dos seus amores, da educação de seus filhos, organizando sua família.

3 PROSTITUIÇÃO E O USO DE DROGAS: FATOS E PERCEPÇÕES NA VIDA DE UMA PROSTITUTA POR MEIO DA NARRATIVA BIOGRÁFICA

3.1 A Chegada ao prostíbulo

A partir dos diálogos supracitados, surge o interesse em desenvolver um estudo biográfico com Dandara. Por conseguinte, o presente capítulo é constituído por uma gama de entrevistas realizadas com a moça, durante os anos de 2012 e 2015. Tais colóquios ocorreram em uma sala de aula da Faculdade de Educação - FACED, na Universidade Federal do Ceará – UFC, cuja temática geradora das conversações enfatiza fóruns de cunho mais íntimo envolvendo a vida da entrevistada e isto incluiu: a sua entrada na prostituição, o contato com a dança e o uso de drogas.

A relevância da entrevista enquanto técnica de coleta de dados possibilita a compreensão de elementos subjetivos e, dentre outras, opto pela modalidade de entrevista aberta. A opção de proceder com esse tipo de entrevista parte do pressuposto que essa permite uma discussão mais exploratória sobre as questões que se pretende abordar. A sua estrutura é construída a partir de temas geradores introduzidos pelo entrevistador, deixando o entrevistado mais livre para discorrer sobre tais proposições. Assim, perguntas e respostas ocorrem por intermédio de conversações informais. Importante ressaltar que a interferência do entrevistador deve ser mínima, procurando adotar a posição de ouvinte. A entrevista aberta é recomendada quando o investigador almeja obter o máximo de informações possíveis sobre um determinado assunto, a partir do enfoque do entrevistado, conforme Minayo (1993).

Dessa forma, Dandara rememora a sua trajetória de vida destacando questões norteadoras que constituíram o seu percurso, como garota de programa. Atualmente, a moça tem 44 anos e afirma-se como ex-profissional do sexo. A biografada inicia a conversação explicando os fatores que impulsionaram sua entrada na prostituição:

Eu entrei na noite por necessidade, fundo de poço, alcoolismo do meu pai, falência absoluta, minha mãe passando necessidade, meus irmãos precisavam estudar e eu era a filha mais velha, eu tomei o papel do cara da casa, do homem da casa e virei a provedora. E aconteceram situações na época, que foi a doença do meu pai proveniente do alcoolismo dele que eu fiquei desesperada. Pois ele precisava com urgência de um tratamento. Na época como não se conhecia muito sobre o tratamento de alcoolismo em cima do trabalho de autoajuda, a gente tinha que recorrer à medicina e a medicina, empurrava homeopatia e a homeopatia naquela época era muito cara e eu via meu pai com cirrose e ele estava sofrendo muito. Eu tinha 20 anos já era maior de idade não cheguei a conhecer a prostituição menor. Uma amiga me sugeriu: - amiga eu tenho um amigo, que pra sair com ele, ele dá

um dinheirinho começou assim. Então essa amiga me apresentou esse rapaz e saímos os três e depois com o tempo, esse próprio rapaz me levou para uma boate e eu tive curiosidade de conhecer essa boate. Ele disse olha nessa boate as meninas trabalham, têm os quartos a dona da casa e tal e eu fiquei curiosa e quis conhecer a casa por opção minha mesmo, cheguei à boate gostei e falei com a dona, perguntei se podia trabalhar na boate. Ela disse pode, a dona se interessou logo. Eu bem novinha né então eu marquei com a dona e fui trabalhar lá. Eu vi, que em uma semana aquele dinheiro que eu trabalhava por um mês, na boate eu ganhava muito mais. Antes eu trabalhava com confecção junto com a minha mãe. A primeira boate que eu frequentei era na Maraponga ela tá extinta.

Conflitos familiares, decepções amorosas, questões financeiras, carência, envolvimento com drogas, autoestima baixa, a busca pela sexualidade, pela independência, enfim, são inúmeras as razões que movem uma garota a buscar a atividade da prostituição. Seguindo por esse prisma, Sousa (1998, p.118) comenta:

[...]Não se pode encarnar a existência dessa atividade apenas como uma forma de satisfação das necessidades sexuais tanto dos clientes quanto das prostitutas; por outro lado, também não pode enxergar o meretrício tão-somente como uma questão de sobrevivência ou uma forma de as mulheres prostituídas conseguirem uma rápida ascensão social. Há uma conjunção de múltiplos fatores, como a mobilidade social e a sociabilidade, de tal forma que é impossível atrelar-se a um modelo rígido, estático e a-histórico, que se baseia nos moldes tradicionais de definição de prostituição.

Adler (1991, p.11) destaca que: “Ela não nasce prostituta, ela se torna uma. É uma profissão, não um estado”. Ou seja, a prostituta não se encontra necessariamente atrelada a figura de uma mulher vitimada pelo destino, presa a fatores hereditários a vícios, ou apenas por questões de ganho “fácil e rápido”. Entende-se que ser prostituta não implica em uma condição, mas em uma opção, principalmente, ao tipo de prostituição que é abordado neste estudo: a prostituição desenvolvida em prostíbulo, cujas garotas vão trabalhar, nos dias e no horário que as convêm, pois essas não mantêm vínculos com os donos dos estabelecimentos. Assim, pontua Sousa (1998, p.124)

É importante esclarecer que não advogo a entrada de mulheres na prostituição como forma de satisfazerem-se sexualmente. Pelo contrário, penso está esclarecendo que a análise da prostituição não pode nem deve pautar-se básica e unicamente na sobrevivência ou na falta de opção, principalmente quando faço referência a um tipo de prostituição - de prostíbulo - no âmbito do qual a mulher vai se prostituir no dia e na hora em que lhe convier e se lhe convier. Esse tipo de prostituição é uma opção, dentre outras, que se coloca. Se o caminho escolhido foi prostituir-se, a análise deve ser feita levando em consideração inúmeros fatores e não apenas o “ganho fácil e rápido”. Não estariam aqui, de forma escamoteada, o prazer e os fantasmas de cada indivíduo.

Dandara afirma que quando iniciou sua carreira de profissional do sexo, era muita retraída, porque não possuía a mesma experiência que as demais garotas, porém com o tempo frequentando as boates, foi adquirindo experiência, amizade. “A cafetina vai ensinando, dando

dicas, apresentando novos clientes principalmente quando a garota é a carne nova no pedaço”. A expressão “carne nova no pedaço” faz parte da cultura da prostituição e indica à chegada de novas prostitutas as casas de espetáculos. “A carne nova no pedaço” é o que faz aguçar o aprazimento dos clientes, alimentando o desejo e o imaginário da conquista entre homens e prostitutas.

Em relação a sua estreia na boate, o seu primeiro programa, Dandara menciona que:

Eu não escolhia os clientes por que cheguei tão determinada a ganhar o dinheiro, que eu não parei para analisar o quadro, a questão toda, o meu foco era ganhar o dinheiro de qualquer jeito. A situação que se encontrava a minha família né e o estágio terminal do meu pai era o foco principal eu tinha que fazer alguma coisa, o dinheiro que a minha mãe ganhava com o trabalho dela e o dinheiro que eu recebia que era todo pra casa, não dava. Então eu não parei pra ver não, então eu lembro que quando fiz o primeiro programa eu senti nojo, eu passei por aquele processo de sair da boate depois de ter feito um, dois, três ou quatro programas eu tomava aquele banho desesperado quase arrancando a pele, mas no outro dia a necessidade minha fazia voltar de novo, então foi passando dias, meses e anos e fui me adaptando, conhecendo outras casas, no começo é muito ludibriador.

Outro fato relevante envolvendo a vida de Dandara é sua atuação como professora alfabetizadora. Ela esclarece que antes de iniciar sua carreira como garota de programa, atuou como professora, para pagar a escola dos seus irmãos.

Eu tinha dezessete para dezoito anos, eu ainda não me prostituía, mas já tinha largado a escola e estava trabalhando como professora da primeira série no colégio perto da minha casa. Foi assim: - minha família faliu e meu pai não tinha condições de pagar o colégio particular onde a gente estudava então eu cheguei pra diretora e disse: - diretora eu queria continuar estudando aqui não só eu, os meus irmãos também, mas eu queria trabalhar, ou seja, o horário em que não tenho aula, eu trabalho para pagar os nossos estudos. Eu pedi para ela me encaixar em alguma coisa. Em alguma sala de aula. E ela aceitou e me colocou pra auxiliar a sala da primeira série. Eu ficava lá com a professora só que essa professora fazia uns cursos e tinha dias que ela não ia e eu ficava sozinha na sala com os alunos. Eu adorava aquilo. Procurava ser uma boa professora. (DANDARA).

Quando questionada acerca da sua escolaridade e do seu envolvimento com os estudos, Dandara faz a seguinte afirmação:

Minha relação com os estudos, quando comecei na prostituição eu já tinha parado os estudos, eu parei na sétima série na época não cheguei a concluir o ensino médio nessa época que eu comecei a trabalhar eu lembro com três, quatro anos me desinteressei completamente dos estudos. Eu me dediquei absolutamente ao programa mesmo porque, cada noite que se passava a concorrência aumentava e é aquela coisa, tem a oferta e tem a procura e a oferta, tem que ser a atração, tem que ter o atrativo, então meu dia era todo dedicado a cabelo, a roupa, a beleza e o dinheiro cobria esses gastos com a beleza.

Dandara confessa o quanto é difícil manter um estímulo ou até mesmo o gosto pela escola, pelos estudos, diante da situação precária na qual encontrava-se sua família. Ela afirma que realmente estava passando fome, a sua família havia perdido a casa em que moravam e por isso, tiveram que ir morar de favor na casa de uma tia. A doença do seu pai estava caminhando para um estágio terminal. Isto é, a família que um dia possuiu uma condição financeira razoável defrontava-se com estágio de falência e sem condições de manter os estudos dos filhos.

No período em que estava atuando como professora, Dandara conhece seu primeiro namorado que acabará tornando-se pai de sua filha. Ela informa que foi uma fase muito difícil em sua vida, pois além do estado de saúde do seu pai ser bastante delicado, teve que enfrentar a resistência do namorado que não aceitava sua gravidez e chegou a sugerir que ela abortasse.

Nesse processo que eu estava trabalhando como professora, eu conheci o pai da minha filha. A gente namorou durante quatro anos. Comecei a me relacionar com ele aos dezoito anos e com vinte dois eu engravidei e tive minha filha com vinte e três. O nosso namoro era meio conturbado a gente brigava muito se separava aquela coisa toda né. Nessas idas e vindas foi o período da falência do meu pai então eu conheci umas amigas e comecei a frequentar à noite e ele soube. Ele me perguntou e eu disse o que eu estava fazendo. E foi muito complicado porque ele praticamente se obrigou a aceitar essa situação ele gostava muito de mim e eu também gostava muito dele, mas eu tava dividida entre gostar dele e ajudar minha família.

Com a entrada da noite e posteriormente realizar seu primeiro programa, Dandara enxerga na prostituição a possibilidade de ganhar dinheiro e assim ajudar a sua família.

Quando eu comecei a sair e chegar em casa com o dinheiro equivalente ao mês que eu tava trabalhando eu disse que saber de uma coisa, eu vou ficar trabalhando disso aqui e vou pagar o colégio dos meus irmão aí eu deixei de ser professora, deixei de estudar pra ser garota de programa. Aí fiquei sendo garota de programa, cuidando da saúde do meu pai, comprando medicamento, aluguei uma casa pra minha família e coloquei meus irmãos para estudar no colégio particular. (DANDARA)

Após um ano trabalhando como garota de programa, Dandara resolve contar para sua família o que de fato estava realizando para conseguir arcar com as despesas da casa, pois inicialmente ela dizia que era empregada doméstica e que estava trabalhando em uma casa de família. Dandara subtraía uma parte do dinheiro que ganhava como garota de programa, ou seja, ela apresentava para sua família um salário equivalente ao salário mínimo da época e a parte que era subtraída, só aparecia em caso de emergência. Quando ela comunica aos seus pais que estava sendo garota de programa, o seu pai não aceitou e entrou em depressão o que

acabou por acelerar, sua morte. No entanto, a sua mãe encarou o fato com certa naturalidade, pois o que prevalecia era que as contas da casa fossem pagas e não a origem do dinheiro.

Em relação a sua gravidez, Dandara recorda que foi um período muito perturbado em sua vida. Pelo fato de não poder contar com o apoio do pai da criança e por não possuir um emprego fixo, vivia apenas da prostituição. Logo, teve que ir a busca de um trabalho com carteira assinada, para manter-se financeiramente durante sua gravidez, pois nesse momento, ela abandonou a prostituição.

Quando eu fiquei grávida, eu passei o período da gestação longe da prostituição. Fui trabalhar grávida em uma churrascaria. Eu pensei em abortar, mas nunca fui de acordo. Eu tive tempo de ter uma formação religiosa, crisma essas coisas toda e na minha cabeça já tava muito claro que o aborto não justificava. O pai da minha filha chegou a me apresentar quatro comprimidos de Cytotec para eu abortar. Ele batia na mesma tecla que eu tinha que deixar de fazer programa, mas quando ele chegou com o Cytotec para eu abortar, eu fiquei horrorizada eu passei os nove meses da gravidez afastada dele, e isso foi um motivo pra eu continuar na prostituição até porque, se ele me amasse de verdade, ele tinha me apoiado mesmo não tendo condições de me sustentar. (DANDARA).

Em dado momento da entrevista, questiono a ocorrência da gravidez de Dandara, e ela explica:

A minha gravidez se deu em decorrência do fato, de eu não me prevenir com o meu namorado. Eu nem tomava pílula e nem usava camisinha. Eu tinha um vínculo com ele de muito tempo. Ele também, não fazia parte desse mundo de programa e por isso, eu transava sem preservativo, pois tinha o lado afetivo da história... Então, pintou a gravidez indesejada.

Durante sua gestação, o único apoio que ela recebeu foi das suas amigas que também eram garotas de programa, essas colaboraram comprando fraldas, latas de leite e arrecadando dinheiro para que Dandara pudesse montar o seu enxoval. A respeito do companheirismo entre as profissionais do sexo, Rago (2008, p 259.) comenta:

Se o mundo da prostituição pode ser focalizado como lugar de manifestação do desejo, onde o bordel figura como um “condutor de intensidades” (Guattari), não há como esquecer que a violência é uma dimensão construtivista das relações sociais que aí se estabelecem: entre prostitutas e fregueses, entre cafetinas e meretrizes e entre as próprias prostitutas. Uma ambígua rede de solidariedade e pequenas rivalidades, competições e manifestações de amizade marcam, assim, a subcultura da prostituição.

A informante salienta que embora não exista um liame afeiçoável entre as profissionais do sexo, estas acabam manifestando um sentimento altruísta em relação às colegas de trabalho que se encontram em dificuldades emocionais ou financeiras.

Quando sua filha nasceu, Dandara voltou para a prostituição almejando tornar-se o que denomina de legítima profissional do sexo. “Depois da gravidez da minha filha passei três anos em total repúdio, criei um bloqueio não queria me envolver de forma alguma estava dedicadíssima ao programa, garota de programa 24 horas.” Nesse processo de intensa dedicação ao trabalho, Dandara afirma que ficou tão arredia, que qualquer contato físico que expressasse carinho, ternura ou afetividade era rejeitado.

Era uma forma de defesa, defesa contra os próprios sentimentos e então, se você está ali trabalhando nisso sendo garota de programa eu no meu caso, eu trabalhava de garota de programa eu já tinha todo um processo na minha cabeça, a sociedade nunca vai me ver legal, ou seja, eu nunca vou poder chegar para uma pessoa e dizer, eu sou garota de programa trabalho todo dia a gente pode marcar uma piscina e tal, é complicado é diferente de dizer, eu sou assistente social, sou faxineira... Agora vai dizer, vai querer conhecer um cara, ah gostei de você, seu telefone e tal, você faz o quê? Sou garota de programa, minhas folgas são domingo e segunda, o cara vai dizer puta merda, então é difícil. O processo emocional é travado. Então, eu evitava qualquer relação mais estreita com os clientes. Eu estava ali para transar, para prestar um serviço e não para me afeiçoar ao cliente.

Após recordar a sua entrada na noite, os seus problemas familiares, suas desilusões amorosas e a sua gravidez, Dandara relata como se tornou profissional de *strip tease*.

3.2 Dandara torna-se profissional de *strip tease* e desperta para o inebriante mundo das drogas

Dandara conta que o seu contato inicial com a dança ocorreu quando a sua filha havia completado um ano de idade. Nesse período, ela começou a fazer shows de *strip tease*, em uma casa no centro de Fortaleza localizada na rua Clarindo de Queiroz, cognominada *Cine Palladium*. Após o expediente no Cine, a moça costumava sair para desopilar com as companheiras de trabalho e durante os momentos de distração conhece um rapaz.

Quando eu fui trabalhar no Cine, eu fiz amizade com umas meninas que fumavam uns baseadinhos e tal, então eu comecei usar também. Quando acabava o meu expediente, eu ia curtir com essas amigas, nos íamos a um barzinho e em uma dessas saídas, eu conheci um rapaz. Esse dado rapaz chegou até a mim e disse: Olha, eu gostei de você. Como eu faço para lhe conhecer melhor? Mas eu me encontrava em um estado de trauma devido ao fracasso do meu último relacionamento e eu repudiava qualquer tipo de aproximação, qualquer afetividade. E eu fui bem sincera com ele. Eu olhei para ele e disse: querido, eu sou garota de programa, faço *strip* e não estou a fim de me envolver com ninguém. Mas, esse rapaz ficou na minha cola, ficou insistindo... Toda vida que ia para esse barzinho, ele estava lá e sempre era a mesma conversa. Então, certo dia, eu noitada e muito carente, acabei cedendo, fiquei com ele e nos transamos sem ser oficial de programa. Aí, nos começamos a ter um relacionamento e com um ano dessa

relação, eu engravidei. Como eu não o conheci em boate, eu transava com ele normal, sem camisinha. A minha diferença era essa... Se eu tivesse conhecido ele em boate, com certeza eu teria combinado para ele usar camisinha. Mas eu o conheci fora do âmbito da prostituição. Certo que foi em um bar e que estava todo mundo usando droga, mas no bar, na galera que eu estava, as únicas garotas de programa era eu e outra amiga, que foi quem me levou até esse bar. Então, eu comecei a sair com ele, ele sabia da minha condição, sabia que era garota de programa, mas ele aceitava o fato de eu ser garota de programa, ele não era daqui, era de Curitiba. Ele disse assim: eu não tenho nenhum problema com isso e acho isso besteira. Eu não sou igual aos cearenses que têm a cabeça fechada, por mim tá tranquilo. Então, começamos a namorar e eu engravidei. Eu confesso, que dessa vez eu tentei abortar. Eu fiquei desesperada, pois eu estava namorando com ele, tentando conciliar com o meu trabalho porque, eu não deixei de fazer programa por causa dele. E assim, eu já tinha uma filha... Então eu tomei uns chás para abortar, mas não deu certo. Nesse período que eu engravidei ele já foi prontamente me colocando em casa e nos fomos morar juntos. Quando nos fomos morar juntos, eu abandonei a prostituição. Eu passei sete anos casada com ele e abstinente da prostituição. Eu larguei a prostituição e me dediquei a cuidar da minha família, cuidar da minha casa, do meu marido. Era uma família perfeita. Mas em meio a essa felicidade, essa família perfeita que nos havíamos construído, existia uma coisa chamada droga. O meu marido era usuário de droga química e quando nós completamos cinco anos de casados, ele começou a ter recaídas. Ele começou a usar pó e começaram acontecer coisa... Ele se envolveu com o tráfico e a casa começou a cair. Aquela paz que eu achava que tinha, foi morrendo. Eu não soube administrar essa situação, eu fui perdendo o equilíbrio emocional e eu comecei a procurar as minhas amigas de boate. Quando o nosso segundo filho estava com oito dias de nascido, o meu marido sofre um acidente drogado. Aí a casa caiu na minha cabeça de vez. Eu estava desempregada, pois eu me acomodei aquela situação, ele me sustentar, os filhos pequenos para criar, operada da cesárea e ele hospitalizado... E agora, o que fazer? Então mais uma vez, eu me via à mercê da ajuda de outros. E mais uma vez, eu busquei ajuda de forma mais fácil. Eu entrei em contato com as meninas da boate, falei com a dona de uma casa que já tinha trabalhado e elas foram me ajudando. A dona da casa me emprestou um dinheiro até eu conseguir retornar para o trabalho, para a boate. O meu marido passou um ano e dois meses hospitalizado. Aí eu fiquei conciliando: filho, hospital, casa e boate. No período em que meu esposo estava recebendo alta, surge a oportunidade de ir para São Paulo. Eu cheguei para ele e disse: olha surgiu uma oportunidade de ir para São Paulo, lá disseram que eu vou ganhar mais dinheiro. Você está debilitado precisando de remédios, de cadeira de roda e eu vou para lá, conseguir o dinheiro para comprar nossa casa e custear o seu tratamento. A gente vivia bem, mas morávamos de aluguel. Então, fui para São Paulo trabalhar em uma boate.

Dandara disserta a sua ida à São Paulo:

Eu cheguei a São Paulo em meados de 2001. Eu passei seis meses em Sampa. No entanto, eu me deparei com uma realidade muito distante da qual eu imaginava e estava acostumada, pois aqui (Fortaleza), eu já era familiarizada com as casas, com as meninas, com as cafetinas. Em São Paulo o ritmo é diferente. A procura, a demanda é muito maior. As garotas de programa que eu encontrei lá são muito preparadas, são aquelas de se jogar como elas dizem lá né. Ou seja, eu que estava acostumada com o cliente me chamando até a mesa, tive que adquirir outro método de trabalhar. Eu passei o primeiro mês em São Paulo, só ganhava dinheiro porque eu era novidade, era a “carne nova” e o cliente chamava. Mas na segunda, terceira, quarta semana que já não era mais novidade, aqueles clientes que foram para ficar comigo ia esporadicamente. Porque cliente é uma coisa, que tá essa semana sim,

não outra não... Nunca se sabe. Então, eu tive que aderir ao método delas: sentar à mesa, puxar conversa, bater papo. E foi aí, que eu comecei a ganhar dinheiro em São Paulo. Eu lembro que para aguentar lá, eu fiz o uso de maconha, álcool e cocaína. Quando eu cheguei para trabalhar em São Paulo, eu via que a maioria das meninas fazia uso de cocaína. Os clientes levam as meninas para o quarto, para fazer o uso de drogas. Logo, eu me submeti a usar cocaína. Quando ia para o quarto com o cliente e rolava cocaína, eu dizia: não tem problema, eu uso também. Eu passei seis meses em São Paulo sendo diarista de cocaína.

Após o relato de Dandara acerca do uso de cocaína, faço a seguinte interpelação: você já usava cocaína antes de ir trabalhar nessa boate em São Paulo? Qual a relação entre droga e prostituição? Ela responde:

Eu lembro que a primeira vez que eu utilizei pó, eu estava em São Luis do Maranhão. Foi em programa, eu nem ia participar desse programa. No caso, o caro escolheu duas meninas lá sobre o pretexto que elas tinham que fazer sexo entre si eu disse tô fora. Tudo bem, então as meninas foram fazer o programa quando foi por volta de 4 horas da manhã, elas ligaram para o hotel em que eu estava hospedada e disseram: Dandara é o seguinte o cara transa muito e a gente não tá conseguindo mais ele pediu para te trazer, mas não se preocupa que você não vai ficar com nenhuma de nós. Então eu fui, até porque eu bebia muito e o álcool me fazia ficar muito compulsiva por sexo. Quando eu cheguei lá, eu vi que eles estavam cheirando cocaína. Ai eu disse o que é isso aí? Na época, minha mãe não me passou nenhuma informação sobre esse assunto de drogas e eu trabalhava em boate há pouco tempo. Então eles perguntaram quer experimentar? Vai te deixar ligada, tu não vai sentir sono. Eu disse que não, mas que aceitava uma dose de whisky, por que eu já bebia. Então fiquei tomando whisky, tomei umas quatro doses e fiquei legal e comecei a transar com o cara, eu vi que ele tinha uma potência elevada e minha amiga, sugerindo de novo mulher tu só vai aguentar transar com ele, se cheirar. Então eu perguntei como é que usa isso aí? Aí ela disse: mulher eu vou preparar aqui e tu vai usar. Aí prepararam lá a tal da carreira, me deram o tal do canudo e me explicaram: Dandara tu vai cheirar com um nariz, depois se você quiser você pode cheirar com o outro lado. Quando eu experimentei adormeceu meu rosto e eu fiquei assustada e minha amiga disse, que era normal. Depois perguntaram e aí como é que tá? E eu disse: eu não estou sentindo nada, porque, eu não entendia qual o lance que aquela coisa dava. Eu sei que nessa brincadeira o cliente pensou que eu estava curtindo e que eu era só gulosa. E ele dizia bota mais pra ela, a gata é forte. Então a primeira vez que eu cheirei, era muita cocaína e depois, eu passei o dia em uma agonia interminável para passar o efeito. Não dava sono e eu fiquei agoniada. Por isso eu digo que a cocaína não é minha praia. Ou seja, o meu contato inicial com a cocaína foi favorecido por uma situação dentro da prostituição.

A cocaína é uma droga extraída das folhas de uma planta, a coca (*Erythroxylon coca*). Essa planta é encontrada nos países da América do Sul e da América Central. Considerada um forte estimulante do Sistema Nervoso Central (SNC), a cocaína chegou a ser receitada por Freud como medicamento para reduzir a ansiedade e como um antidepressivo. No entanto, a cocaína apresentou um alto efeito de causar dependência e logo o seu uso terapêutico foi desconsiderado. A cocaína pode ser encontrada nas mais variadas formas. Em

forma de merla, uma pasta, podendo ser fumada e cujos efeitos aparecem em poucos segundos e permanecem por até meia hora. Em forma de pó (cloridrato de cocaína) que é aspirada por via nasal, “cheirada”, os efeitos aparecem em três minutos. Pode ser encontrada dissolvida em água e assim injetada na corrente sanguínea; dessa forma, o efeito ocorre em trinta segundos, pode ter uma duração de meia hora. Outra maneira de se consumir a cocaína é em forma sólida, uma pedra que na verdade é uma mistura de cloridrato de cocaína e bicarbonato, formando assim o crack, que é fumado em cachimbos. De efeito intenso, o crack age em torno de dez a quinze segundos, porém o seu efeito dura em média cinco minutos. (LEMOS e ZALESKI, 2012).

A cocaína é uma droga que inibe a fome e produz em seu usuário uma sensação de bem-estar, de leveza, de euforia. O usuário sente-se revigorado, com autoestima elevada, sente-se autoconfiante, com um sentimento de prazer, de desejo sexual. Porém, algumas pessoas após utilizarem a cocaína desenvolvem um comportamento paranoico. A cocaína é responsável por elevar a temperatura corporal e a pressão sanguínea, os batimentos cardíacos e a respiração ficam acelerados. Passado o efeito de euforia, o usuário de cocaína torna-se triste, cansado, apático e isso faz com que ele consuma uma dose extra para libertar-se da fadiga que toma conta do seu corpo (ARAÚJO, 2012).

Na concepção da interlocutora, a droga e a prostituição estão em um mesmo patamar e esses dois elementos associados podem ocasionar um desequilíbrio emocional e psicológico. Para Dandara, uma garota de programa está mais propícia a se envolver com drogas, do que uma garota dita comum, pois as drogas são elementos que norteiam os espaços de prostituição e o âmbito social de uma garota de programa é o cabaré, isto é, ela convive cotidianamente com as drogas e isso a deixa vulnerável e incitada para fazer uso de entorpecentes.

O que Dandara aborda na temática droga e prostituição pode ser descrito por Bruna Surfistinha que, durante o seu percurso como garota de programa, também se envolveu com drogas.

Eu meio que me internei em casa: parei de ir às baladas, pois sabia onde encontrar cocaína facilmente e não queria mais. Quando pintava aquela fissura, aquela vontade louca de cheirar, pensava na minha vida, naquele sonho (viagem ou alucinação), no tal homem do hospital. Lembrava que tinha entrado na vida de programa pensando em parar. Mas cheguei a gastar 50, 70 reais por dia aspirando quatro gramas de coca. Da pura, a mais cara. Nada de pó de giz ou de mármore. Era mais de 50% do que eu ganhava. Dessa maneira eu não chegaria a lugar nenhum. Ou, talvez, só no hospital do "outro lado". Após resolver parar com a cocaína, fiquei um pouco mais centrada nos meus objetivos, vi como tinha sido boba de cair nessa. Por isso que tudo o que vem fácil vai mais fácil ainda... Dinheiro "fácil" também vicia. E eu não quero passar o resto da minha vida fazendo programa. Juntando tudo isso ao fato de eu ser

muito prática, criei um plano para me ajudar na disciplina. Eu chamo de "meta do pé-de-meia dos quinhentos". Muita gente acha que é juntar 500 mil reais. Mas não é bem assim. No começo, quando saí de casa, achava que ia fazer programa pelo resto da vida. Com o tempo, vi que é um trabalho cansativo, física e psicologicamente. (2005, p.36).

A droga permeia o submundo da prostituição e atua de forma secundária, como pano de fundo. Em seus estudos, Sousa (1998) obteve de uma prostituta a seguinte declaração: “Existe a prostituta pra se drogar, existe a que se droga pra se prostituir”. Isto é, algumas garotas de programa encontram na prostituição uma forma de conseguir o dinheiro para sustentar o seu vício, outras garotas afirmam fazer o uso de drogas para agradar os clientes, e há garotas que dizem utilizar as drogas como um estimulante para aguentar a noite de trabalho que se inicia. Logo, o estribilho atribuído à prostituta do XX tem sido a efígie da “prostituta drogada” – a mulher dependente de droga, imolada potencialmente que comercializa o sexo para sustentar o seu vício. (ROBERTS, 1998).

Em vista disso, pergunto a Dandara como ocorre o consumo de droga no território do prazer e ela diz:

O consumo de droga no território do prazer ocorre de forma velada no momento de intimidade entre o cliente e a garota de programa. Outro espaço que pode ser utilizado para consumir droga e em especial, cocaína, é o banheiro ou o camarim, no entanto, o consumo ocorre de forma discreta, não é fácil de ser identificado e, nesse sentido a cocaína ajuda, por ser mais difícil de deixar rastro. Diferente por exemplo, da maconha que tem um cheiro forte, fácil de ser detectado. A maconha é muito flagrante. Ou seja, a droga no cenário da prostituição é um elemento implícito. Você não vai ao cabaré e lá todo mundo vai tá usando drogas, não é dessa forma, não é assim acontece até porque, a droga torna-se mais relevante para uns do que para outros, é uma variável.

Dandara afirma que São Paulo foi um divisor de águas em sua vida, pois ao mesmo tempo em que ela estava consumindo muita cocaína, também tornou-se uma exímia dançarina. Ela afirma que em São Paulo as meninas faziam shows, eram adeptas da prática do *pole dance*. Os shows eram caros e então ela procurou aprender a dançar. Dandara alega que o seu interesse em aprender o *pole dance* foi movido por um sentimento de fuga.

Eu busquei o *pole dance* para me afastar dos quartos, eu queria fugir da cocaína, busquei na dança um refúgio, fazia shows ganhava dinheiro e assim, não precisava ir para os quartos fazer programa e cheirar pó. E foi aí, que eu me profissionalizei como dançarina de *pole dance* e dança erótica (strip). Ao retornar a Fortaleza em dezembro de 2001, eu continuei fazendo shows, no entanto, de forma mais profissional. E fui à busca de aprender outras modalidades de dança. Eu comecei a fazer apresentações com dança burlesca. Logo, eu fui ficando conhecida pelas minhas apresentações e as donas dos prostíbulos, as cafetinas, me contratavam para que eu pudesse ensinar as demais garotas. Eu ficava responsável por treinar as meninas, montar o

cenário dos shows, desenvolver figurinos e coreografias. Dessa forma, eu me tornei professora de dança. Quando eu retornei de São Paulo, esses shows elaborados com cenário era uma novidade em Fortaleza. O *pole dance* era uma coisa totalmente inovadora nas casas de prostituição e a popularização dessa dança ocorreu em 2007, devido a uma novela que era apresentada por uma das maiores emissoras de comunicação do país. Esse período foi a explosão do *pole dance*, as garotas de programa que atuavam em boates correram para aprender a dançar, nesse período aí, eu percebia o interesse das meninas em aprender a dançar, existia uma dedicação muito maior na elaboração do show.

Dandara ressalta que o seu retorno a capital cearense não foi marcado apenas pelo envolvimento com dança, pois o seu casamento encontrava-se abalado, devido ao fato de seu marido continuar usando drogas.

Quando eu cheguei a Fortaleza comprei a minha casa e voltei a viver com o meu marido, nesse período, eu não me prostituía, não fazia programas. Eu fazia só shows de *strip tease* e apresentações no *pole dance*. Até então, nos estávamos bem. Ele trabalhava para um lado e eu trabalhava para o outro e a gente ia mantendo nossa família, ou seja, estava tudo muito bem... No entanto, ele começou a usar pedra (crack) dentro de casa. Eu nem sabia da existência dessa droga. Os meus filhos dormindo no quarto e ele ficava fumando pedra na cozinha. Eu chegava do trabalho, eu via a luz da cozinha acesa, eu sabia que ele estava lá usando droga e isso foi ficando cansativo e acabávamos brigando. Muitas vezes, ia trabalhar estressada. Eu me recordo que um dia, eu cheguei à boate irritadíssima e fui conversar com as meninas e eu lembro que fiz o seguinte comentário: amigas, todos os dias quando eu chego em casa, meu marido está na cozinha usando droga, agarrado a uma lata. Aí, uma delas olhou para mim e disse: vixe ele está no crack? Essa droga é foda, pois quando ela pega, ela vai até a morte. Essa foi a primeira vez que eu escutei o nome dessa droga: crack. Eu sabia que se tratava de uma droga horrível, pois ele passava a noite acordado, fumando. Ele parecia um zumbi. Mas eu não tinha um conhecimento mais profundo acerca daquela droga que ele estava utilizando, até então, eu só conhecia álcool, maconha e cocaína.

Por conseguinte, indago Dandara acerca do uso de cocaína e ela declara:

Quando eu voltei para Fortaleza, eu procurei ficar distante das drogas, eu queria ficar longe da cocaína. No entanto, eu estava passando por uma situação muito perturbadora que me desestruturava psicologicamente e emocionalmente que era, uso de crack do meu marido. Eu tenho o hábito de acumular muita coisa, eu tentava tolerar o máximo que eu podia, na tentativa de mostrar para mim, que eu era forte. Mas quando eu explodia, era de uma vez. Então, era nessas explosões, é que fazia o uso da cocaína. Geralmente quando eu chegava ao trabalho, na boate muito chateada, eu usava cocaína era só assim que eu cheirava pó. Eu usava pó muito espaçadamente. Era muito difícil eu comprar cocaína até porque, nesse universo de boate é normal e comum, entrar no banheiro das mulheres, no camarim e as meninas estarem fazendo o uso da cocaína e muitas vezes, elas me ofereciam eu dizia: não quero, mas quando eu chegava estressada eu dava um tequinho. Geralmente era a raiva que me impulsionava a cheirar. No meu caso se eu cheirasse, eu podia parar de beber, porque se eu desse continuidade a bebida, eu dormia. A cocaína não surtia efeito comigo, o álcool era mais forte. Se eu cheirasse pó e tomasse uma dose de whisky eu passava mal, me dava um sono, eu apagava. Deve ser por isso que eu não gostava da cocaína porque se eu fosse cheirar, não podia ficar tomando

as minhas “biritas”, as minhas doses de whisky e nessa época, eu bebia muito. De fato, a minha droga preferida sempre foi o álcool.

Contudo, a colocutora revela que mesmo se esforçando para abdicar das drogas, ela fez uso de crack e tornou-se viciada chegando: ao “fundo do poço”. E o que é o crack?

O crack surgiu como opção para popularizar a cocaína, pelo seu baixo custo. Para a **produção do crack**, uma mistura de cocaína em pó (ainda não purificada) dissolvida em água e acrescida de bicarbonato de sódio (ou [amônia](#)) é aquecida. O aquecimento separa a parte sólida da líquida. Após a parte sólida secar, é cortada em forma de pedras. Por não passar pelo processo final de refinamento pelo qual passa a cocaína, o crack possui uma grande quantidade de resíduos das substâncias utilizadas durante todo o processo. Prontas para o consumo, as pedras podem ser fumadas com a utilização de cachimbos, geralmente improvisados. Ao serem acesas, as pedras emitem um som, daí a origem do nome “crack”. (PACIEVITCH, 2010)

Assim, Dandara descreve a primeira vez que teve contato com o crack.

A primeira vez que eu usei crack, eu estava retornando do trabalho e tinha feito o uso de álcool e cocaína. Eu cheguei em casa alcoolizada e estava querendo dormir. Eu tinha usado cocaína nesse dia, por volta de quatro horas da manhã. Eu queria chegar em casa e apagar. Eu sabia que toda vez que eu misturasse álcool e cocaína, eu apagava. Ou seja, eu fiz o meu próprio calmante. Eu sabia que assim, eu desligaria. Eu não queria chegar em casa e ver meu marido naquela situação agarrado aquela lata. Nesse dia eu levei uma amiga para ir dormir lá em casa. Essa amiga foi dormir lá em casa para me dar uma força, me ajudar a administrar aquela situação. Mas quando chegamos lá, ela foi conversar com o meu marido, os dois se empolgaram no papo e ela começou a fumar a pedra com ele. Aí eu me estressei diante daquela circunstância. Poxa, a “amiga” veio me ajudar e faz uma coisa dessa. Eu fiquei zangada duas vezes e não consegui dormir, pois passou totalmente a lombra do álcool e do pó. Eu fui até cozinha e disse: que saber, eu vou fumar isso aí também. E assim, já tinha ocorrido certas situações tais como: eu já tinha pagado dívidas de droga dele, pois o traficante chegou na minha casa armado, a polícia também foi até a minha residência...Então, eu estava prestes a explodir. Mesmo porque, eu tinha uma dificuldade em ter conversas assertivas, ou seja, eu fui dígitamos assim, tolerando essas situações, por ter dificuldade em me posicionar. Quando eu vi aquela cena eu disse: quer saber de uma coisa, eu vou é usar isso aí. Meu marido olhou para mim e falou: você não vai usar isso aqui... Não se meta com isso. E eu repliquei: se você não me der dessa aí, eu sei onde encontrar eu já fui a porta de traficante sei bem onde achar e outra, sou quem estou pagando mesmo, nem trabalhar você quer mais. Aí ele disse: tá certo eu vou preparar para você. Até hoje, o meu marido, quer dizer ex- marido usa crack, ele consegue administrar o uso, no sentido, de conseguir trabalhar e determinar os horários para consumir a droga. Logo, eu achei que o crack seria igual o álcool e a cocaína que eu ia ter um controle, mas não foi isso que aconteceu.

Ao falar da sua experiência com o crack, a biografada enfatiza as sensações que a droga lhe proporcionava.

Eu me apaixonei por aquele êxtase. Era um prazer intenso que não dura mais, do que quinze segundos. É um êxtase que o povo costuma falar na gíria, é uma pancada tão forte, é como se você utilizasse aquilo ali e em quinze segundos você

flutuasse. É uma sensação... Não tem como explicar. E é por isso, cria a compulsão de querer outra para prolongar aquela fuga. E essa querer outra você vai utilizando mais e mais. Era prazeroso de início, todo início é prazeroso (DANDARA).

As sensações de prazer mencionadas por Dandara ao utilizar o crack, atentam para um debate desencadeado pelo pesquisador Fiore (2008), ao discutir questões que envolvem as possíveis controvérsias entre prazeres e riscos, em sentidos ilusórios e artificiais que as “drogas” ocasionam aos seus usuários. Especificando melhor, ele define:

O prazer proporcionado pelo consumo de “drogas” é capaz de esconder o perigo de um efeito temporal funesto. Esse seria o principal sentido ilusório do prazer causado pelas “drogas”, pelo menos na forma assumida por esse termo nos discursos médicos preponderantes. Ele esconde uma espécie de armadilha, cujas poucas saídas possíveis são dolorosas, o que se contrapõe, dessa maneira, a sua face inicial, quando se tratava de uma espécie de “prazerisca” capaz de atrair o indivíduo desavisado ou imprudente. Por um período de tempo variável, mas finito, o consumidor obtém através do consumo da “droga” uma sensação prazerosa, mas que pode, ao longo de um determinado período de tempo, torná-lo perigosamente ligado a ela. Caso não interrompa ou regule essa relação, estará condenado a buscar no consumo da “droga” a simples evitação dos sofrimentos impostos pela sua falta. Esse estágio seria, enfim, o que caracteriza um quadro de dependência, no qual o indivíduo não estaria nos domínios dos prazeres, mas, sim, próximo do alívio. Se essa sensação de alívio pode ou não ser considerada prazerosa importa pouco, já que emerge desse discurso uma forma de progressão cronológica entre o prazer e o seu nefasto duplo: primeiramente, a busca por novas sensações, experiências, tidas como positivas; depois, a evitação da falta, da abstinência, um prazer eminentemente “negativo”. (p.145)

Dandara afirma que o crack se manifesta de forma contraditória, pois o aprazimento que ele proporciona é singular, intenso e espinhoso. Ela diz ter ficado presa a esse aprazimento a ponto de não conseguir enxergar mais nada. Logo, Fiore (2008) ressalta que o uso de drogas pode provocar prazeres, no entanto, ele é fadado a negatividades e riscos, com propriedades de ofuscar um efeito intempérie assolador, em especial o sentido ilusório de prazer que a droga pode proporcionar. O autor referenciado diz: “E as drogas dão uma espécie de curto-circuito, dão ao corpo uma espécie de prazer sem que ele exista. Dão uma ilusão química de prazer”. (2008, p.146).

Em uma entrevista cedida ao médico Drauzio Varella, o pesquisador e médico psiquiatra, Ronaldo Laranjeira explica:

As drogas acionam o sistema de recompensa do cérebro, uma área encarregada de receber estímulos de prazer e transmitir essa sensação para o corpo todo. Isso vale para todos os tipos de prazer – temperatura agradável, emoção gratificante, alimentação, sexo – e desempenha função importante para a preservação da espécie. Evolutivamente o homem criou essa área de recompensa e é nela que as drogas interferem. Por uma espécie de curto circuito, elas provocam uma ilusão química de prazer que induz a pessoa a repetir seu uso compulsivamente. Com a repetição do consumo, perdem o significado todas as fontes naturais de prazer e só interessa aquele imediato propiciado pela droga, mesmo que isso comprometa e ameace a

vida do usuário. (<http://drauziovarella.com.br/dependencia-quimica/dependencia-quimica/>)

Tiba (2003, p.47) elucida: “A droga não causa dependência física, e sim psicológica. [...] Ele é escravo do desejo e depois escravo do uso. Daí vem o termo “adicção” à droga”. Ou seja, o usuário desenvolve um comportamento compulsivo, tendo a sua vida controlada pela droga. Mas, o que é esse aprazimento na perspectiva da sujeita biografada?

Não é à toa, que o crack é chamada a droga do demônio. Porque dar um prazer tão absurdo que se a pessoa não tiver preparada pra dizer não... E quando eu usava tudo ficava anestesiado. Eu saía do ar. Não existia problema, não existia nada, nem eu existia. E quando esse efeito passa que é quinze segundos, e eu tava dentro desse efeito... Não são os quinze segundos que você tá pensando que é. A sua mente te dar uma volta, te dar uma alto ilusão que se passaram, anos, horas, décadas, é incrível. Cria um foco de você querer outra, de você querer voltar lá para aquele lugar que você foi, é incrível (DANDARA).

Acentuando a veemência que Dandara expõe com relação ao uso do crack, Tiba (2003), diz as drogas se revelam prazerosas aos seus usuários pelo menos, no início do uso, mas chega um período cujo uso serve apenas para atenuar o sofrimento causado pela ausência da droga. Logo, o uso deixa de ser prazeroso. Com relação ao crack, o autor declara:

Uma vez no crack, a pessoa passa a querê-lo sempre. O seu usuário vê vantagem em comparação à cocaína: é mais barata e produz sensação mais intensa”. A dependência tende a surgir logo nas primeiras “picadas”. Entre os viciados a regra é: “Picou uma vez está fígado” O especialista confirma: o crack é uma das drogas mais potentes e viciantes. (TIBA, 2003, p. 49-139).

A biografada atesta que em seus momentos de: “flashes de racionalidade” identificava o crack, como um espaço fechado, escuro e asfixiante. “Era, como se eu estivesse entrando em um funil e ele fosse afunilando a cada segundo. Era um prazer único, mas que custou muito caro” (DANDARA).

Eu comecei a vender as minhas coisas pra poder ter o crack, eu pegava o meu cartão e me enfiava dentro de um motel chama o traficante dava meu cartão na mão dele e dizia: quero que você traga cinco grama de inicio tá aqui o cartão pega lá o dinheiro no banco. O cara ficou meu amigo né lógico. Se ele dizia que ia tirar só trezentos reais, ele tirava quinhentos ou mais. Então foi um barato que saiu caro. As poucas vezes que eu não estava sobre o efeito da droga, do crack eu começava a ver ao meu redor e as coisas que eu tinha feito em consequência do uso da droga e eu comecei a me cobrar, eu comecei a culpar as minhas embriaguezes, porque quando eu me embriagava, era quando eu tinha coragem de entrar em uma bocada às 3h da manhã, pagar cinquenta reais ao mototáxi, convencer o mototáxi a ir até a boca comigo. Então aconteceram várias situações, até eu chegar avaliar, até eu dizer: eu não vou usar mais. E pior de tudo que diferente da cocaína, quando eu usava o crack, eu conseguia beber. O crack conseguiu se casar com o álcool e aí ficou aquela tempestade. (DANDARA).

Algo que chama atenção durante o diálogo com Dandara, é o sentimento de dor e ressentimento que ela carrega ao lembrar sua relação com drogas, em especial, com o álcool e o crack. A entrevistada acentua que o uso abusivo da droga corresponde a uma escada, decrescente e destrutiva. Nas palavras de Nietzsche (2009, p.60) tal dor e ressentimento podem ser interpretados da seguinte forma:

Imprime-se algo por meio de fogo para que fique na memória somente o que dói, este é o axioma da mais antiga psicologia, e infelizmente o que mais durou. Poderíamos dizer que, onde quer que a vida dos homens e dos povos há solenidade, gravidade, mistério e cores sombrias, fica um vestígio de espanto que noutra tempo presidia às transformações, aos contratos, às promessas: o passado, o longínquo, obscuro e cruel passado, ferve em nós quando pomos graves. Noutra tempo, quando o homem julgava necessário criar uma memória, uma recordação, não era sem suplício, sem martírios e sacrifícios cruentos [...] tudo isto tem a sua origem naqueles instintos que descobriu na dor o auxílio mais poderoso da mnemotécnica.

Para Nietzsche, o que fixa a memória é a dor. Assim, o ressentimento é acometido por uma memória amidiada de um pespego a esquecer. O ressentido é um submisso de sua inabilidade de esquecer. E por meio dessa memória ressentida, Dandara recapitula a sua chegada ao fundo do poço.

3.3 Dandara chega ao fundo do poço

A entrevistada afirma que a sua chegada ao fundo do poço se deu de forma gradual, por meio de etapas. “Eu não cheguei ao fundo do poço de uma vez, tal chegada ocorreu por meio de uma série de acontecimentos e quando me deparei, já estava no fundo do poço” (DANDARA). Tudo inicia aos dezessete anos quando a biografada participou de um concurso intitulado: “Miss Nudez”.

Eu ia fazer dezoito anos. Eu lembro que foi burlado a minha idade, porque eu tinha 17 oficialmente e eu não poderia participar por ser menor de idade, mas foi burlado as regras do concurso. Foi uma máfia para eu entrar nesse concurso. Porque eu era novinha, toda lindinha, cabelão, magrinha tipo básico daquela época. E os produtores disseram que eu tinha que participar. Era um concurso, que na verdade já sabia quem ia ganhar e uma amiga minha era namorada de um dos produtores e ele disse: - Ela ganha com certeza. Foi uma jogada, deles (os produtores) que queriam fazer esse concurso, era média de empresário que queria aparecer ganhando dinheiro com sacanagem. Eu lembro que quando estava na fase dos preparativos desse concurso, eu estava muito nervosa. E eu já tomava umas cervejinhas com o meu namorado, mas foi a primeira vez que eu bebi destilado, que é o tal de whisky e ficou sendo a minha bebida de preferência. Porque ela batia mais rápido, o efeito era mais rápido e foi aí, que eu descobri que eu não gostava da bebida, eu nunca gostei da bebida. Eu gostava era da “lombra”. Eu já tinha uma pré- disposição muito grande para a fuga. A bebida é horrível, mas quando pega, você fica legal e eu dava o maior valor. Eu gostava mesmo era do efeito que a bebida me proporcionava. Então, quando

eu queria ficar lombrada, eu sabia que tinha que passar pelo primeiro estágio que é o sabor. Passando do sabor já era. Então nesse dia eu fiz o uso de destilado, que foi whisky e eu fiquei meio bêbada e fiz o desfile. Na época, tinha uma premiação, para as primeiras colocadas. Eu ganhei o primeiro lugar. Ai veio às entrevistas e eu pedi pra não mostrar o rosto, aquela coisa toda, aquela polêmica por eu ser virgem. Aquela onda toda, de como uma mulher virgem desfila pelada, maior palhaçada do mundo. Foi aí, o início da minha bebida, do meu uso de substâncias que alteram o humor e comportamento. Foi justamente o indicativo de necessidades que eu tive que enfrentar, por desespero. Eu pensei: vou fazer isso aqui porque esse dinheiro vai servir para tal coisa. Um fato que eu sei que é casado ao uso de álcool e droga são três coisas, que casadas formam um triângulo amoroso: uma necessidade extrema de alguma coisa, a coragem para fazer tal coisa e a solução a ser tal coisa. A minha necessidade era muito grande, mas eu não tinha coragem e o álcool me dava essa coragem para eu fazer o que fosse necessário, para solucionar problemas que estava lá atrás e eu não conseguia resolver. Eu considero que o álcool foi a minha porta de entrada para as outras drogas. (DANDARA)

Acentuando o relato da sujeita biografada, indago: o que é o álcool e quais os seus impactos no corpo? O álcool compõe o grupo das drogas classificadas como sedativas. As drogas identificadas como sedativas são responsáveis por deprimir o sistema nervoso central (SNC), ativando o Circuito da Recompensa, aumentando o efeito do Gaba. Gaba corresponde a um neurotransmissor que diminui a excitabilidade dos neurônios. Quando ativado, ele tende a substanciar o consumo de drogas. Tiba (2003) destaca: “As bebidas alcoólicas liberam dopamina e analgésicos naturais do organismo, as betaendorfinas, responsáveis pela sensação de euforia. A embriaguez e a dificuldade de discernimento são resultado da depressão do SNC”.

Ao ser metabolizado, o álcool transforma-se em acetaldeído, que tem forte ação sobre os neurotransmissores, prejudica o aproveitamento das proteínas e interfere no DNA, material genético das células. Mas não pára por aí. Compromete, ainda, a coordenação motora e libera emoções reprimidas ao derrubar o superego, nossa censura interna. (TIBA, 2003, p.132).

Entretanto, consumido em doses moderadas, o álcool pode ser favorável ao bom colesterol, o HDL, pois além de não prejudicar as artérias, aguça os antagonistas do Gaba capazes de reduzir a absorção da substância. (TIBA, 2003). Logo, os efeitos que o álcool pode desencadear ao cérebro são equivalentes à sua concentração no sangue.

Figura 13 – Tabela demonstrativa, elucidando os níveis de álcool no sangue e as alterações que podem ser acarretadas no organismo

Quantidade de bebida	Nível de álcool no sangue (g/l)	Alterações no organismo	Possibilidade de acidente
2 latas de cerveja 2 taças de vinho 1 dose de uísque	0,1 a 0,5	Mudança na percepção de velocidade e distância. Limite permitido por lei.	Cresce o risco
3 latas de cerveja 3 taças de vinho 1,5 dose de uísque	0,6 a 0,9	Estado de euforia, com redução da atenção, julgamento e controle.	Duplidade
5 latas de cerveja 5 taças de vinho 2,5 doses de uísque	1 a 1,4	Condução perigosa devido a demora de reação e à alteração dos reflexos.	É seis vezes maior
7 latas de cerveja 7 taças de vinho 3,5 doses de uísque	Acima de 1,5	Motorista sofre confusão mental e vertigens. Mal fica em pé e tem visão dupla.	Aumenta 25 vezes

Obs.: Dados referentes a uma pessoa de 70 quilos e que variam conforme a velocidade de ingestão da bebida e o metabolismo de cada indivíduo.

Fonte: (TIBA, 2003, p.133)

Em relação às sensações, na qual Dandara denomina: de viagem, de lombra, o que o álcool possibilita nesse sentido? De acordo com as pesquisas realizadas por Araujo (2012), no estágio inicial, o álcool provoca uma sensação de relaxamento e prazer. O indivíduo fica eufórico, desinibido e falante. Após, no máximo uma hora, o efeito de sedação desponta: modificando a fala, essa fica enrolada, o sujeito perde o equilíbrio, a coordenação motora e tem cada vez mais sono. O embriagamento compromete a tomada de decisões racionais e o apontamento de eventos na memória. Após ingerir consideradas doses de álcool, o indivíduo não consegue lembrar determinados fatos, por não terem sido registrados em sua memória.

Partindo das observações supracitadas, a entrevistada enfatiza que o seu uso e abuso de álcool se deu de forma lenta, progredindo ao longo dos anos. Ela afirma que não era diarista do álcool, pois o seu consumo ocorria de forma periódica. Sendo assim, de que forma ocorre a dependência do álcool e o que condiciona o indivíduo a categoria de dependente, de alcoólatra? Para elucidar tais questionamentos, utilizo o aparato teórico disposto por Araujo e Laranjeira.

O alcoolismo costuma se desenvolver lentamente- ao longo de anos-, mas é bastante grave. Para os alcoólicos, largar a droga é especialmente complicado pelo fato de seu consumo ser frequente em ocasiões sociais e até incentivado pela publicidade. A tolerância pode se desenvolver em poucas semanas, de acordo com o tamanho e a frequência das doses. E a síndrome de abstinência pode ser fatal. Ela começa entre seis e oito horas após o último gole e causa tremor nas mãos, insônia, agitação e problemas no sistema digestório. Nos casos mais graves, causa convulsões que podem até matar. (ARAÚJO, 2012, p. 281)

Laranjeira salienta:

É preciso estabelecer a distinção entre três padrões diferentes do beber. O uso do álcool é considerado de baixo risco, se a pessoa beber um ou dois copos de bebida alcoólica por dia. Se beber mais, estará fazendo uso nocivo do álcool. Portanto, quem diz – “Não sou alcoólatra. Só bebo à noite, em casa, uns três uísques” -, enquadra-se no segundo padrão de consumo. Esse usuário pode não ser dependente, mas está sujeito aos efeitos negativos do álcool e aumentando o risco de hipertensão,

câncer, doença cardiovascular, etc., sobretudo porque não se pode ignorar que, em geral, as doses tomadas em casa são generosas, são doses duplas.

O terceiro padrão é o da dependência, que tem duas características marcantes: beber grandes volumes regularmente e ser tolerante ao álcool. Quando não bebe, o dependente entra em crise de abstinência. Nos casos extremos, acorda de manhã com tremor, suando muito e precisa beber para aliviar esses sintomas. Esse é o espectro mais nocivo da doença chamada popularmente de alcoolismo.

Portanto, dependência é um estado de necessidade fisiológica que ocorre em graduações mais ou menos elevadas. À semelhança da dependência criada pela nicotina, os dependentes de álcool sentem necessidade de beber depois de horas ou dias de abstinência. Quem bebe com regularidade e, na hora do almoço ou no fim da tarde, sente falta de bebida alcoólica, já desenvolveu certo nível de dependência.

Dandara explica que sua deglutição de álcool foi intensificada quando refreou o crack. Ela afirma que o álcool foi o seu ansiolítico e que transferiu o uso de crack para o álcool.

Para eu parar o crack, eu fiz o uso excessivo de álcool. Eu usei o crack de forma intensa e diária, então eu transferia tudo isso para o álcool e o meu corpo foi ficando dependente do álcool. Eu fui percebendo de forma instintiva que determinadas substâncias eu podia usar, já outras eu não podia. No caso da cocaína, por exemplo, todas as vezes que eu experimentava a cocaína casada com a minha obsessão compulsiva por querer tudo demais, eu sou muito exagerada, ela me dava uma rebordosa muito forte e eu fica mal e isso engatava com a minha depressão que já tinha predisposição.

Por isso, a cocaína nunca fez sucesso comigo. No entanto, o álcool eu percebia que quando bebia muito e no outro dia acordava tremendo, se eu tomasse outra dose aquela tremedeira iria passar mesmo que provisoriamente e isso, eu percebia instintivamente. Então, eu ia controlando o uso e a ressaca. (DANDARA)

As interlocuções dispostas por Dandara, afloram um debate envolvendo os seguintes termos: “usuário” e “viciado”. Muitas vezes, esses termos são tachados por serem sinônimos, entretanto, é necessário esclarecer que nem todo usuário de droga é viciado – e nem chegam a essa condição. Na realidade, uma pequena parcela dos usuários atinge esse ponto– até mesmo no caso da heroína, umas das drogas com maior potencial de causar dependência, menos de um quarto dos que a utilizam tornam-se dependentes. Logo, se o indivíduo optar por experimentar uma substância, ninguém poderá adiantar se irá se tornar um viciado ou não. Usar droga é uma opção; tornar-se dependente delas, não. De fato, o sujeito não consome drogas para ficar refém delas, no entanto, tal possibilidade não pode ser descartada. A probabilidade de isso acontecer está relacionada a uma série de causas. Entre o uso e o vício, o usuário costumar passar por diversos estágios na sua relação com a droga.

O que determina cada um são, especialmente, a frequência e a motivação para o uso, além das dificuldades envolvendo cada fase. A possibilidade do sujeito tornar-se um viciado, é elencada por três fatores: a droga que utiliza e a forma como ela é administrada; o ambiente em que foi criado e vive; características pessoais, determinadas por herança genética. É importante

salientar de forma geral, que quanto mais forte e inopino for o efeito prazeroso de uma droga no cérebro, maior será seu potencial de fazer o indivíduo voltar a repetir o uso e se tornar viciado. (ARAUJO, 2012).

Dandara considera que o seu envolvimento com substâncias que alteram o humor e o comportamento são decorrentes de um estado emocional depressivo traçado ainda na infância, pois ela foi rejeitada por sua mãe quando criança e isso causou uma situação traumática, assim ela esclarece:

A questão da pessoa se torna um dependente químico é uma variável. Por quê? Porque eu de início tive contato com drogas, porque eu fui depressiva. Eu tive aquela chamada depressão clássica. E de alguma forma. O que é a droga? É nada mais nada menos que uma válvula de escape. Quem são as pessoas que utilizam a droga? São as pessoas que de alguma forma elas têm a inabilidade de administrar às emoções e os sentimentos as situações traumáticas que passaram ou que estão passando. Sempre a droga ela vem depois de alguma situação traumática que essa pessoa passou e que por algum motivo essa pessoa emocionalmente não soube digerir. Não soube administrar aquilo. Então ficou guardada. Uma espécie de bomba relógio e geralmente a válvula de escape são as drogas. A minha depressão começou na minha infância, na minha adolescência, aí já entra um fator pessoal. Eu sofri rejeição por parte da minha mãe. Então a minha depressão é proveniente disso. (DANDARA).

Segundo Araujo (2012), uma característica pessoal que influencia significativamente as chances de um indivíduo tornar-se um dependente está relacionada à saúde mental. O sujeito que apresenta problemas psíquicos, tais como depressão e esquizofrenia, possivelmente encontra de certa forma, um refrigério para o seu achaque quando utiliza drogas. Os efeitos instantâneos de prazer elevam a possibilidade de que ele consuma a droga com mais frequência e, conseqüentemente, desenvolva uma dependência. No entanto, a utilização da droga em logo prazo, certificadamente intensifica a incidência e a gravidade de problemas psiquiátricos em sujeitos com predisposições a esse tipo de problema. Assim sendo, as peculiaridades do impacto de uma droga em um usuário variam de acordo com o sujeito, podendo ser mais ou menos intenso, mais ou menos prazeroso e isso influi consideravelmente o padrão de consumo que ele vai desenvolver no caminho para uma relação de dependência ou não.

Diante das inaptidões emocionais e do uso exacerbado de drogas, Dandara descreve uma dada situação a qual considera o estopim de sua chegada ao fundo do poço:

Em um dado momento, eu usei da prostituição para conseguir droga, isso ocorreu no último dia que eu fiz o uso de crack. Eu estava muito fissurada pra fumar a pedra nesse dia, eu estava em uma boate e comecei a beber de forma compulsiva, uma dose atrás da outra. Certo cliente olhou pra mim e disse: - o que você tem que está tão inquieta? Aí eu disse hoje estou a fim de fumar uma pedra. Aí o cara disse pedra eu tenho, eu só não tenho dinheiro, olhei pra e ele disse: então vamos nessa.

Essa foi à última vez que fumei pedra, porque eu achei inadmissível. Esse foi o meu fundo de poço. Eu fui para o motel com o cara só para fumar pedra e não recebi nem um centavo, eu senti que estava me prostituindo para usar à pedra. Porque assim, a minha prostituição tinha um sentido: eu não me prostituía por vaidade, para silicone, para megahair, eu sempre fui isenta dessas porcarias. Eu me prostituía para dar o melhor, ou seja, na minha cabeça funcionava assim, o que não tive, eu queria dar para os meus filhos. Então o dinheiro que eu recebia da prostituição era para o bem-estar deles. Quando o crack entrou na minha vida, isso despencou. Aí eu já vinha me cobrando justamente esse ponto. Porque com crack, eu cheguei a utilizar o meu dinheiro, para ter a droga. Eu não admitia isso, meu fundo de poço foi um conjunto de coisas. Então quando cheguei ao dia de estar na boate, sem ter nenhum centavo e ainda ficar com um cara que me explorou, pois cara tinha a pedra, me mostrou e não me deu. Ele transou comigo, me deixou no motel e foi embora. Pronto foi meu fundo de poço. Por um lado, eu agradeço por esse homem ter feito isso comigo, no sentido de ter me preservado viva. Eu considero isso importante para mim. Digamos que foi uma injeção de se liga e eu já havia me cobrado né. E assim, quando a vontade de usar crack vinha, eu bebia mais e mais. Eu bebia abusivamente, instintivamente eu criei a transferência.

Nesse período de abstinência do crack eu chegava a casa tão alcoolizada quase que sem conseguir andar, quase sem sentido. Eu só ia pra casa, quando eu tava perto de perder os sentidos. Se eu tivesse em uma boate que tivesse quarto, eu dormia lá mesmo eu confiava na dona. Eu sentia medo, quando a vontade de usar o crack vinha, eu bebia mais.

Em relação à abstinência, a interlocutora pontua que passou um estágio de três meses sem fazer uso de crack, tal fato ocorreu em meados de 2003. Contudo, revela que ao visitar um grupo de amigos, teve uma recaída e fumou um cigarro que mistura maconha e crack conhecido popularmente, por mesclado. Ao fumar esse cigarro, sentiu uma espécie de curto-circuito e desmaiou. Em suas palavras, ela descreve o ocorrido:

Eu acredito que todo dependente químico, tenha uma memória química. No dia que eu usei o mesclado, eu não ingeri bebida alcoólica. Eu lembro que eu apaguei e quando eu acordei, eu estava em um hospital. Eu dei entrada no hospital em estado de coma. Eu não sei qual foi a onda que esse mesclado deu, mas a pouca quantidade de crack que tinha, me deu uma febre, o meu corpo ficou debilitado eu apaguei total. Eu passei 35 dias hospitalizada. Três dias, eu passei apagada total e oito dias, eu passei com amnésia absoluta. Eu acordei e não lembrava nada. Eu tive um mal-estar de alta intensidade e feio... Eu não sei explicar ao certo o que ocasionou, porque na época quando aconteceu eu não pedi muitas informações ao médico. Eu lembro que o médico chegou até mim e disse: - Minha filha você nasceu de novo. Então eu perguntei o que tinha acontecido comigo, aí ele disse: - Você chegou aqui teve uma convulsão e entrou em coma. Foi isso que ele disse. Aí ele me perguntou qual era o meu nome e eu não lembrava. Com sete dias eu estava lembrando, comecei até uns flashes de memória. Eu lembro que foi desesperador, eu vomitava sangue, defecava sangue, urinava sangue. Eu estava toda infeccionada por dentro. Eu tomava uns antibióticos na veia tipo bezetacil, ficava a veia toda dura, eu não conseguia nem dobrar o braço, doía muito. Quando eu tossia eu expelia uma secreção com pus e sangue, que pareciam cinzas (DANDARA).

Após receber alta, Dandara diz que ficou um período de quatro meses em casa, sem frequentar as boates na qual trabalhava e sem usar álcool e crack. No entanto, a abstinência a incomodava:

Eu saí do hospital com um sentimento de medo... Medo de sentir aquele mal-estar novamente e isso me fez parar de beber, temporariamente. Fiquei quietinha em casa. Aí nessa brincadeira com quatro meses em casa, sem trabalhar, quem estava assumindo as despesas da casa era o meu marido, eu senti uma compulsão de voltar para a noite. Porque existem as crises de abstinências emocionais eu ficava irritadíssima eu ficava intolerante dentro de casa, tudo estava errado, a culpa era do marido, os meninos faziam barulho de mais, meus vizinhos eram pilantras, tudo estava errado. Era como se as minhas fontes de prazer, estivessem esgotadas.

Em seu livro *Almanaque das Drogas*, Araujo (2012, p.176-177) deslinda a respeito das crises de abstinência:

[...] Quando uma pessoa usa sente algum desconforto ao interromper subitamente o uso de uma droga que consome regularmente, dizemos que ela tem uma dependência física. A síndrome de abstinência é resultado desse quadro.

Seus sintomas geralmente são opostos aos efeitos normais da droga. O café é um estimulante, e sua síndrome de abstinência dá sono. No caso do álcool e de drogas opioides, que são depressoras do sistema nervoso central, a interrupção do consumo causa insônia e hiperestimulação do sistema nervoso central, que pode levar a convulsões e à morte. No caso da heroína, cujo uso provoca prisão de ventre, parar de usar dá diarreia – exatamente como mostra o filme *Trainspotting*. Vale lembrar que nem todas as drogas causam dependência física. Se alguém usar LSD por dias a fio, por exemplo, vai desenvolver tolerância. Mas, se um dia a droga acabar, e a pessoa não usar mais, nenhum desconforto físico vai aparecer.

É comum associar a dependência física ao vício – chamado pelos médicos de dependência química [...] – porque a maioria das drogas que viciam produz algum tipo de síndrome de abstinência. Remédios antidepressivos, por exemplo, causam síndrome de abstinência bastante desconfortáveis, e é por isso que o tratamento com eles precisam ser interrompidos aos poucos. Quem recebe altas dos remédios normalmente interrompe seu uso sem problemas, ao contrário de uma pessoa viciada. A aplicação médica de benzodiazepínicos (calmantes, como frontal. Lexotan, e Rivotril) e opioides (como morfina, para dor) também pode levar à síndrome de abstinência sem necessariamente deixar a pessoa viciada. No entanto, viciados em cocaína ou heroína podem ficar um tempo sem usar sua droga e não ter episódios desse tipo. Existem até mesmo remédios para evitar a síndrome no caso de algumas drogas. Alcoólicos em início de tratamento, por exemplo, costumam tomar sedativos para amenizar os sintomas de abstinência no cérebro readaptar-se à falta da droga.

[...] A dependência física é um nível de alteração do cérebro relativamente simples, que pode ser tratado com remédios. Já a dependência química é consequência de alterações mais complexas são consequências de alterações bem mais complexas (e difíceis de reverter) na nossa massa cinzenta.

As crises de abstinência se caracterizam por sintomas físicos e psíquicos, que podem ser intensificados à medida que o tempo sem usar a droga é estendido. Dentre os sintomas psíquicos se destacam: fissura pela droga, ansiedade, comportamento hiperativo, depressão, irritação e insônia.

Dandara ressalta que após quatro meses de “jejum” retornou às boates para trabalhar e fez o uso de álcool novamente. Em seu julgamento, o álcool tornou-se um problema maior em sua vida, e isso fazia com que ela se percebesse na condição de alcoólatra, requerendo ajuda para deixar de beber, pois sozinha não iria conseguir.

Eu tinha consciência eu era alcoólatra. Eu fiz essa definição por conta própria. Eu pensava assim, meu pai foi alcoólatra e eu bebia muito. Então, eu me enxergava alcoólatra como meu pai foi, porque até então eu achava que era hereditário, e eu dizia:- Então pronto vou morrer igual meu pai de cirrose (DANDARA).

Após declarar-se alcoólatra, Dandara rememora um dado episódio ocorrido em 2004, no qual a mensagem dos Alcoólicos Anônimos chega até ela:

A mensagem chegou até a mim da seguinte forma: eu conheci uma menina bebendo em uma das boates em que trabalhava e eu tinha tendências bissexuais, mas eu não sabia. Eu descobri com essa garota, essa minha tendência bissexual. Eu estava lá na boate e ela, uma entendida foi lá beber e a carne estava fraca e eu comecei a beber com essa menina e me envolvi. E essa menina me convidou para a casa da mãe dela. E lá, eu me encontrei com a mãe dela, que era membro de AA. E a mãe dela era muito tranquila, uma senhora calma, pacata. Diferente de toda mãe, que quando o filho chega em casa com o dia clareando, arma logo um barraco: - Chegando uma hora dessa...e ela não fez isso, ou seja, a recepção dela foi um atrativo. Então eu perguntei em um determinado momento, uma vez que cheguei à casa dessa senhora umas seis horas da manhã muito bêbada. A essa altura eu já estava na abstinência do crack há nove meses. Então, ela me disse que era membro do AA e isso me despertou. Eu descobrir que o AA era para mulher também. Então, eu perguntei a ela, se ela podia me levar a uma reunião e ela me levou muito feliz. Então foi aí que eu ingressei nos alcoólicos anônimos.

Dessa forma, pergunto a entrevista, a respeito da sua relação com Alcoólicos Anônimos e prontamente ela responde:

Já cheguei querendo saber o máximo de informações possível. Fui muito bem recebida, eles me falaram de literatura, me falaram dos dozes passos, me falaram que o programa é estritamente espiritual, ele não é didático. Ele não é um programa didático, ele tem teor literário didático. Existem muitas histórias em cima da criação dos trinta e seis princípios do AA, que são: os doze passos, as doze tradições e os doze conceitos. As tradições e os conceitos são para o funcionamento da irmandade de um todo. Os passos não. Os passos é um programa pessoal, para o indivíduo, para trabalhar o caráter e observar virtudes. As doze tradições vamos dizer que seja os protocolos de funcionamento, as tradições e conceitos. Por incrível que pareça as doze tradições é totalmente a falta de regras que a irmandade tem. Existe uma das doze tradições do AA que fala assim: que é uma irmandade extremamente sem regras, mas que funciona exatamente por sua ordem. Não se pode punir um membro do AA, porque existem as tesourarias de grupo para arrecadar dinheiro para comprar café, pagar aluguel, essas coisas todas. Se o tesoureiro recair e roubar o dinheiro a gente não pode expulsar ele, quando ele voltar. É a falta de regras e a liberdade. Então os doze passos digamos, que é o primeiro trabalho de autoanálise, é onde você se estuda. O primeiro passo é

admitir a impotência diante do álcool e que sua vida está desgovernada. O segundo passo é acreditar em um poder superior, ou seja, não está induzindo você a religião nenhuma. Apenas que você queira um pingo de espiritualidade, que você tente resgatar algum tipo de fé. O poder superior é dado pode ser o Buda, pode ser o cadecismo, o evangelho ou catolicismo. O terceiro passo é a entrega, entrego minha vida e minhas vontades aos cuidados deste ser superior, que eu já encontrei e que ele possa conduzir a minha vida. O Quarto passo é o passo, é mais pessoal, foi nesse passo que eu comecei a trabalhar a minha autoanálise, ou seja, você é médica de você mesma. Eu sou minha própria médica. Existe um trabalho dentro da irmandade de amadrinhamento e apadrinhamento. É sugerido que eu amadrinhe uma moça, já que eu tenho bastante experiência e o fulano apadrinhe um rapaz, caso tenha bastante experiência. Porque nisso é tão perfeito que um homem não pode apadrinhar uma mulher, pois por ventura pode haver a substituição. Porque a mulher pode se apaixonar pelo homem e aí vai abaixo todo e qualquer tipo de situação induzindo um programa de reabilitação. É aquela história do paciente se apaixonar pela enfermeira, o adoentado não vai querer ficar bom nunca para ficar lá no hospital. Então começou aí... Tudo no AA é sugerido inclusive os dos doze passos. Tudo tem um princípio. Existe uma tradição que é a terceira tradição, que diz que a maior falha da sociedade com os dependentes químicos é obrigá-los a se recuperar, porque se ele não quiser, você vai perder tempo, dinheiro e não vai dar em nada, pois o sujeito não vai se recuperar. Por isso os doze passos são tão pessoais, ou seja, a minha reabilitação só começou a partir do momento que eu busquei a necessidade e desejei parar, porque senão ia ficar uma porcaria... Eu só ia encher o saco de todo mundo, tentando me aconselhar. É uma tradição tão direta que ela fala assim: O indivíduo pode ser analisado, aconselhado pode-se rezar por ele, pode trancar em um quarto, espancar, mas se ele não quiser, ele não vai parar de usar, por isso que existem as irmandades paralelas para os codependentes.

O diálogo posto por Dandara remete a uma discussão envolvendo os tratamentos para dependentes de álcool e droga, que se acentuam como sendo mais eficazes, aqueles que combinam uma abordagem múltipla envolvendo o trabalho de médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, rotinas de 12 passos, característico dos grupos de ajuda mútua. Logo, os dependentes que se encontram em estágio de abstinência também podem colaborar nesse processo de recuperação haja vista que, ao compartilharem suas experiências, suas histórias de vida, eles passam uma confiança e uma credibilidade para aqueles que se encontram em tratamento; esses compreendem propriamente o que é ser um dependente. Como expresso na literatura dos Narcóticos Anônimos (2010): “O coração de NA bate quando dois adictos partilham sua recuperação”.

Araujo (2012, p.192) destaca:

A recomendação dos principais especialistas e instituições de saúde do mundo, como OMS e a APA, para o tratamento da dependência é combinar diferentes técnicas e profissionais: Essa estratégia multidisciplinar costuma ser eficiente porque ajuda o viciado a resolver não apenas seus problemas com a droga (ou as drogas), mas todos os outros que podem ser causa ou consequência desse problema central. Afinal, a

dependência química não prejudica apenas a saúde de uma pessoa, mas toda a sua relação com o mundo. Trabalho, estudo, amizade, casamento, família, autoestima, tudo isso costuma ser afetado e também precisa ser, de certa forma, tratado. Se uma pessoa conseguir parar de usar drogas, mas permanecer sem trabalho, afeto nem amizade e continuar encontrando velhos companheiros de vício, será mais difícil evitar uma recaída.

É necessário traçar uma reflexão acerca das possibilidades de tratamento no que se refere à dependência química, haja vista que o dependente requer uma oportunidade para escolher o tratamento a que melhor se adapta. Há quem recorra às reuniões dos grupos de AA e consiga resolver o seu problema com álcool, como é o caso de Dandara, outros usam remédios ou recorrem a um tipo específico de terapia, enquanto outros não auferem resolvê-los de nenhuma forma. Não dá para antecipar o que vai dar certo com cada paciente, é importante considerar todas as estratégias possíveis.

Araujo (2012) ressalta que uma das fases mais delicadas que envolvem o tratamento, principalmente a fase inicial dos casos mais sombrios da dependência química, é o processo da internação. Tal fato costuma dividir familiares e dependentes em relação à necessidade de internar. É importante salientar que, durante um tempo considerável, os dependentes químicos foram tratados como loucos, sendo trancados em manicômios que não estavam apropriados nem para atender o tratamento de doenças mentais, tampouco o da dependência química – o filme “Bicho de Sete Cabeças”¹³ retrata muito bem essa situação.

Dandara pontua que muitas vezes a família dos dependentes químicos necessita de um acompanhamento paralelo junto aos grupos destinados aos co-dependentes. No entanto, o que é a codependência? De acordo com a definição do CoDA¹⁴ a Codependência se caracteriza pela inabilidade de conservar e manter relacionamentos saudáveis com os demais e consigo mesmo. Em relacionamentos de codependentes inexistem um diálogo direto dos problemas, demonstrações abertas dos sentimentos e pensamentos, um colóquio sincero e espontâneo, possibilidades realistas, singularidade e confiança nos outros e em si mesmo. Sendo assim, a interlocutora destaca que a codependência apresenta alguns padrões: os padrões de negação, os padrões de baixa autoestima, os padrões de conformidade, os padrões

¹³ O bicho de sete cabeças é um filme de drama brasileiro baseado no livro autobiográfico de Austregésilo Carrano Bueno, Canto dos malditos. A produção cinematográfica foi lançada em 2001. O longa-metragem retrata a história de Neto, um garoto de 17 anos que reside em Curitiba. A trama do filme se desenvolve em meados dos anos 1970. Neto compunha um grupo de jovens que eram considerados “diferentes”, o grupo dos descolados. Esses jovens eram rebeldes, adotavam um visual exótico, composto por roupas largas, uso de brinco, cabelos compridos, escutavam rock and roll e andavam de skate. Essa turma se comunicava por uma afinidade singular, partilhavam experiências de um universo considerado misterioso e envolvente: o mundo das drogas. (Ferreira, Vasconcelos e Matos 2015, p.95).

¹⁴ CoDependentes Anônimos (CoDA) é uma irmandade mundial de homens e mulheres que se reúnem para resolver seus problemas comuns e individuais de codependência. <http://www.codabrasil.org.br/>

de controle. Dandara enfatiza: “os codependentes acreditam que os outros são inaptos de cuidar de si próprio; eles querem convencer o outro de que forma se deve pensar e agir”. Ela prossegue:

Porque os codependentes falham muito nesse aspecto... - Fulano recaiu procura uma clínica e interna lá. O cara vai porque fez um monte de besteira, e vai para baixar a poeira. Ai quando ele sai, a família fala – oh o bichinho, já pode dar um carro a ele já tá com três meses. Mas ele tem que aprender com as próprias pernas. Um dos princípios diz que não deve ter essa facilitação. O membro da família só vai ser o facilitador. Vejamos, a doença da adicção é um leque. Ou seja, se eu quisesse, poderia usar de manipulação e manipular quem eu quiser para conseguir aquilo que eu estou almejando (DANDARA).

A biografada considera que os Alcoólicos Anônimos (AA) desempenhou um papel de suma importância em sua vida. No AA, ela passou por um programa de reabilitação, que a ajudou a trabalhar as suas inabilidades com o álcool, bem como, as deficiências de cunho emocional. Após meses frequentando o AA, Dandara descobre outro grupo de ajuda mútua, o Narcóticos Anônimos (NA). Então, a moça passou a frequentar as reuniões desse grupo e descobre sua condição de codependente e adicta. Ela descreve a sua chegada ao NA :

Eu não conhecia, eu não sabia da existência do NA e nem da doença adicção. Eu passei vi uma sala animada com um pessoal tudo jovem tatuado batendo palma, e me identifiquei. O primeiro grupo que eu participei foi lá no Otavio Bonfim, o grupo era misto, mas existe um grupo específico só para as mulheres, mas por incrível que pareça eu me sinto bem em grupos mistos. Quando eu cheguei, passei e olhei para dentro da sala e eu vi uma menina, que já tinha sido garota de programa e por incrível que pareça o atrativo foi essa menina. Essa menina ela usava crack. Eu não utilizava, na época a gente morava em um condominiazinho onde morava só garota de programa, tipo uma pensão. E essa menina tinha o quarto vizinho ao meu e ela me infernizava a noite todinha. Porque ela usava a tal das drogas dela e ela pedia para entrar no meu quarto para usar pedra na minha frente. Na época eu só bebia cheirava pó mais era só aqui acolá. E ela ficava louca dentro do meu quarto mandava eu fechar as portas, as janelas... Mal sabia eu do futuro do que me esperava. Aí eu vi essa menina na sala e eu fiquei surpresa, porque jamais imaginei ver essa menina viva, porque ela usava muita droga, mas era muito mesmo. Eu gostava dela era uma pessoa finíssima, gente boa, me protegia a gente saía para os cantos juntas eu gostava dela. Mas quando ela se drogava eu a suportava porque eu era refém da nossa amizade. Eu era refém dela por ela me tratava muito bem então eu era codependente dela. Na época eu vivi em uma relação de codependência de um usuário de drogas, porque eu era amiga dela. Então eu a vi nesse grupo quando e a reconheci. Fernanda, ainda lembro o nome dela. Eu fiquei espantada e fiquei parada na porta, quando ela me viu, ela veio me receber. Então eu disse: - Cara Fernanda você está aqui, aí ela me respondeu: - Tô mulher, já tô limpa há três anos, e você? Aí eu disse que estava no AA. Então ela saiu da sala e a gente foi conversar. A gente tentou colocar tudo o que aconteceu nos anos em que a gente não se falava, que era uns seis ou sete anos, a gente tentou colocar tudo em alguns minutos. Aí ela me perguntou quando é que eu ia entrar para conhecer o NA, então eu respondi: - Mas eu não tô mais usando não, eu cheguei até a usar aquela droga lá que você usava lá quando a gente morava na

pensão, mas eu já parei, e já faz bastante tempo. Então ela pegou e disse, mas aqui a gente trata a adicção. Foi quando ela me falou da adicção, que ela é uma doença do comportamento, para mais ou para menos, então eu me identifiquei porque eu já estava no AA há alguns meses e tudo bem eu não podia esperar muito de mim, mas até então eu tinha muita necessidade de mudança. Eu já tinha feito muita besteira e tinha muita sede de mudança. Então ela falou você vem aqui e você assiste uma reunião, aí combinei com ela no outro dia de encontrar ela na reunião. Foi quando, ingressei no NA, na época e comecei a frequentar o NA, comecei a me identificar com o programa de narcóticos anônimos e conhecer sobre adicção, pois eu me identificava com comportamento adictivos, com neuroses, eu tinha síndrome do pânico, eu tinha síndrome de perseguição. Por exemplo: eu sou amiga do professor, mas se eu visse você e outra pessoa conversando e vocês não me dessem atenção eu começava a achar, na minha cabeça logo que vocês não me deram atenção porque estavam falando de mim. Então era muitas neuroses. A adicção é muito tachada pelo uso excessivo da droga. Quando já existe o uso da droga abusivo e excessivo da droga é porque a adicção se tornou em um estágio tão avançado que a pessoa já perdeu o controle todinho da vida. Então a partir do NA eu conheci os codependentes anônimos, então foi aí que eu percebi que a minha dependência ao álcool e o meu uso de drogas é secundário, porque quais foram os motivos que me levaram a usar drogas e álcool, a codependência. Eu não administrava meus sentimentos me relacionando fosse com filho, fosse com pai, fosse com mãe. E tudo já tinha começado no início com a minha rejeição com mãe. Eu era frustrada, lá atrás, porque a minha mãe, eu sou filha única das mulheres e a mais velha. Então eu tinha dentro de mim uma mensagem negativa. “Pô eu sou a única filha mulher dela e ela deveria me amar e ela não me amou, ela não me protegeu quando eu mais precisei”. Então eu tinha essas mensagens ocultas dentro de mim, e isso arrastou todo o meu crescimento. Tudo é proveniente da minha codependência não trabalhada. Eu fui criada bolando de casa em casa, hora estava na casa da tia, outra na casa da avó, em todo canto. Minha mãe procurava um meio de não me ter por perto. Eu vim me livrar dessa revolta há pouco tempo. Então a adicção de comportamento foi criada dentro de um processo traumático. O que é incrível que o processo pode ter sido coisa nenhuma. Por incrível que pareça, a adicção pode se criar dentro de um laço cheio de carinho e superproteção, e o cara é tão protegido que se acha sem direito. As pessoas me protegem então, eu não sou coisa nenhuma na vida... Valha eu não tenho direito nenhum, valha como eu sou burra, se as pessoas têm que fazer tudo por mim é porque eu não sirvo de nada e ali já tá gerando uma adicção.

4 USO, ABUSO, DEPENDÊNCIA E ADICÇÃO: A RELAÇÃO DE DANDARA COM O GRUPO DE NARCÓTICOS ANÔNIMOS- NA

Os Narcóticos Anônimos correspondem a uma irmandade sem fins lucrativos. Um programa de abstinência a qualquer tipo de droga, do qual participam homens e mulheres para quem as drogas tornaram-se um transtorno. O requisito para fazer parte do grupo é apenas um, o desejo de parar de usar. Os integrantes do NA se reúnem regularmente, com a finalidade de se ajudar mutuamente e assim ficarem limpos, ou seja, longe das drogas. O NA é um grupo direcionado para homens e mulheres que têm problemas com a adicção.

Os Narcóticos Anônimos iniciou sua formação em julho de 1953, e sua primeira reunião ocorreu no sul da Califórnia. Com o passar do tempo, o grupo teve um crescimento desordenado espalhando-se, por várias partes dos Estados Unidos. Sendo assim, surge a necessidade de um livro sobre recuperação que ajudasse a fortalecer a irmandade. Em 1962, ocorre a publicação do livreto branco, Narcóticos Anônimos. No entanto, é em 1972, que o NA tem sua proposta amadurecida com a criação do Escritório Mundial de Serviços (World Service Office- WSO) cuja sede localizou-se em Los Angeles. A criação do escritório proporcionou um direcionamento e uma estabilidade em relação ao crescimento da irmandade. Assim, há adictos em recuperação não só nós Estados Unidos, como também em outros países.

O programa de Narcóticos Anônimos tem a sua estrutura fundamentada nos doze passos dos Alcoólicos:

Os Doze Passos de Narcóticos Anônimos, conforme adaptamos de AA, são a base do nosso programa de recuperação. Apenas ampliamos a sua perspectiva. Seguimos caminho, com uma única exceção: nossa identificação como adictos inclui toda e qualquer substância que modifique o humor ou altere a mente. Alcoolismo é um termo limitado demais para nós; nosso problema não é uma substância específica, é uma doença chamada adicção. (Texto básico, 1993, p. XIII).

Vale ressaltar que mesmo seguindo um programa adaptado de Alcoólicos Anônimos, o NA buscou construir seu substrato de identificação. Quando os fundadores do NA estavam adaptando os doze passos do AA para o seu respectivo programa terapêutico, eles modificaram o primeiro passo. No AA, o primeiro passo sugere uma reconhecimento de uma debilidade perante o álcool; no NA, o primeiro passo propõe uma admissão da impotência diante da adicção, como expresso no livro *Os Doze Passos e as Doze Tradições de Narcóticos Anônimos* (2011, p.5): “Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis”. O NA buscou deixar explícito que o termo adicção reporta-se a drogadicção. Logo, Cardoso (2006, p. 37) expõe:

O objetivo era impedir uma abertura da entidade para adições diversas que incluíssem jogos, comidas, sexo, trabalho, lazer e etc. Isto ficou claramente definido na terceira tradição da “irmandade” (“O único requisito para ser membro é **desejo de parar de usar**”), que refere-se claramente a um “desejo de parar de usar drogas”.

E quem é o adicto? De acordo com o texto básico do Narcóticos Anônimos, (1993, p.3) o adicto é:

A maioria de nós não precisa pensar duas vezes sobre esta pergunta. NÓS SABEMOS! Toda a nossa vida e nossos pensamentos estavam centrados em drogas, de uma forma ou de – obtendo, usando e encontrando maneiras e meios de conseguir mais. Vivíamos para usar e usávamos para viver. Um adicto é simplesmente o homem ou uma mulher cuja vida é controlada pelas drogas.

Logo, as percepções dispostas de Narcóticos Anônimos a respeito de drogas acentua o fato de que o uso abusivo causa entre outros estrupícios, uma ausência de conformidade pessoal. Tal perda de conformidade não está exclusivamente relacionada a uma busca obsessiva de drogas. Por conseguinte, Dandara explana a sua adicção:

A adicção vamos dizer: que é uma deficiência que eu tenho, na qual toda e qualquer emoção que eu passe, ou ela vem com excessos, com uma intensidade muito forte ou vem sem intensidade nenhuma, ou seja, é uma linha tênue do equilíbrio, eu tenho essa dificuldade. Eu posso ver chifre na cabeça de um cavalo sem ter nada a ver. Como pode ter situações tenebrosa e eu não dar a menor importância. Não tem um, serial killer, ele não tem um troço na cabeça dele, falta uma troço na cabeça dele...- “Ah, eu tô matando é supernatural ele ficar cortando as pessoas”. A mesma coisa, eu costumo dizer, que isso é coisa minha, eu que teorizei isso, que eu tenho essa adicção. Essa falha no meu cérebro afeta as áreas emocionais da minha vida, algo pode ser intenso demais ou sem nenhum valor. Eu vim perceber que emocionalmente se eu preciso me trabalhar. A recuperação para um adicto... Eu percebo assim, como se eu tivesse uma rédea imaginária, tudo meu tem que ter uma rédea imaginária, ou seja, estou namorando eu tenho que tá puxando sempre as rédeas das minhas emoções e sentimentos. Isso é o que o programa me sugere... Mas eu tenho que me obrigar, porque é necessário para a minha convivência, para que eu possa ter uma convivência saudável com as pessoas que estão próximas de mim, senão eu estrago tudo entendeu? Se eu me permitir ficar doida ninguém namora comigo, ninguém pode ficar perto de mim, acabou a sociedade, pode me colocar em uma caverna que eu ainda sou capaz de arrumar um jeito de brigar com as árvores. Então, se eu não me trabalhar eu acabo machucando as pessoas que eu gosto. Ou seja, o meu problema é de relacionamento, é emocional o álcool e a droga, são cereja do bolo digamos assim.

De acordo com o Texto Básico (1993, p.89)

Relacionamentos podem ser uma área terrivelmente dolorosa. Tendemos a fantasiar e projetar o que acontecerá. Ficamos com raiva e ressentidos, se nossas fantasias não são realizadas. Esquecemos que somos impotentes perante outras pessoas. Os velhos pensamentos e ressentimentos de solidão, desespero, desamparo e autopiedade começam a se apoderar de nós. Perdemos a consciência de todos os dados positivos, pensamentos em padrinho, reuniões, literatura. Temos que manter a nossa recuperação em primeiro lugar e as nossas prioridades na sua ordem correta.

Dandara apresenta-se enfática ao analisar o seu passado, virgulando o seu quadro de adicção como sendo responsável por agravar determinadas atitudes e comportamentos, principalmente no campo emocional. Ao longo desse estudo, a entrevistada põe em destaque uma série hipotética, envolvendo a falta de conformidade e isso engloba os desgastes físicos e emocionais decorrentes da adicção.

Em relação a esse aspecto, o Texto Básico (1993, p. 5) sintetiza:

As funções mentais e emocionais mais elevadas, como a consciência e a capacidade de amar, foram fortemente afetadas pelo nosso uso de drogas. Nossa habilidade de viver ficou reduzida ao nível animal. Nosso espírito estava em pedaços. Tínhamos perdido a capacidade de nos sentirmos humanos. Parece exagero, mas muito de nós estivemos nesse estado mental.

Estávamos constantemente em busca da resposta – aquela pessoa, aquele lugar, aquela coisa queria resolver tudo. Faltava-nos a capacidade para lidar com o dia a dia.

A doença da adicção pode apresentar-se por meio de um leque de obsessões mentais e de ações compulsivas que não estão necessariamente relacionadas com drogas, à literatura apresentada no programa de Narcóticos Anônimos (2011, p.14-15) explica:

Podemos dar por nós obcecados e a ter comportamentos compulsivos com coisas com as quais nunca havíamos tido problema até largarmos as drogas. Mais uma vez, podemos tentar preencher o horrível vazio que sentimos com algo que se encontra fora de nós. Sempre que nos encontramos a utilizar algo para tentar modificar o modo com os sentimentos, precisamos de aplicar os princípios do primeiro passo.

Nunca estamos livres de ver nossas vidas tornarem-se desgovernadas, mesmo após anos de recuperação. Se os problemas se acumularem e os nossos recursos para lidar com eles diminuírem, podemos vir sentir que estamos fora de controle e em demasiada dor, e que dificilmente conseguiremos fazer algo de construtivo por nós próprios. Nesses momentos sentimo-nos ultrapassados pela vida e essa sensação parece piorar ainda mais as coisas. Quando as nossas vidas parecem estar a cair em pedaços, concentramo-nos em contacto com o nosso padrinho ou madrinha, trabalhamos os passos e vamos a reuniões. Voltamos a render-nos, sabemos que a vitória está em admitirmos a derrota.

Dandara entrou no NA em 2005 e passou por processos de sofrimento dentro do programa chegando a ter recaídas, como conta:

Eu tenho seis anos parada, continuamente, mas o correto era eu ter dez anos. Mas eu tive recaídas, não frequentando as irmandades. Porque eu nem queria saber do programa, pois eu até lia, teoricamente eu pensava que era assim, porque é aí que entra o fator espiritual, que não tem como se explicar. Eu teorizava eu fui logo ler tudo que eu podia. Li o livro azul, li os doze passos, os conceitos e as tradições. Então eu tinha a palavra na ponta da língua, mas eu não praticava espiritualmente o programa, eu não internalizava. Existe essa linha, a linha de eu saber tudo, porque o meu negócio era ler tudo. Mas existe a necessidade de se buscar um pingão de espiritualidade sim, porque existe isso de substituição, porque existe isso de transferência de um compulsivo, que ele tenha aceitação e um grau de

espiritualidade. Porque no meu convívio com Deus eu comecei a ter uma linha de aceitação. Por exemplo, no meu caso vamos dizer que não é uma substituição e sim, uma relação. No meu caso funcionou o cadecismo, eu sempre tive conhecimento com o catolicismo, porque a família do lado do meu pai é católica, mas minha mãe é evangélica então, eu nasci no meio disso aí. Eu sempre tive muita confusão em relação a isso. Porque eu só via uma religião, um lado e minha família se gloriando com isso aí. A religião de cá é melhor que a outra e eu ali no meio. E meu pai era ateu, aí confundiu tudo. Então, eu vim descobrir a minha religiosidade, a minha identificação com a religião, com o cadecismo. Ninguém me disse, mas eu sempre acreditei que todo meu sofrimento não começou aqui, eu sempre acreditei como também, eu acredito que, o que virá não acaba. Eu sempre acreditei nisso, que não acaba aqui, eu acho muito injusto, por exemplo, o Hitler fez um monte de onda aí ele morreu e acabou? Eu não acredito nisso. Não tem quem faça eu acreditar nisso. Eu acho que existe continuidade. Por algum motivo toda a minha prostituição, adicção foi nada mais nada menos, do que em algum momento da minha vida, a prova que eu tinha que passar. Não foi teste, porque Deus não deixou recado, você vai ser puta, não. Isso foi por algum motivo... Eu vinha em um processo para ser trabalhado as minhas relações espirituais e cármicas e por algum motivo, eu travei e segui outro rumo. É assim que eu consigo entender, ou seja, subjugou a culpa para mim de certa forma sim. Jogo a culpa para mim, mas existe também outra coisa, se você errou você tem o direito de abonar, você aprende algumas coisas com esses erros. Eu aprendi muita coisa com meus erros. Muita coisa mesmo.

Diante da narrativa apresentada por Dandara, o Texto Básico (1993, p.88) destaca:

Para sobreviver, temos que reaprender muitas coisas que esquecemos e desenvolver uma nova postura diante da vida. Isto é o que Narcóticos Anônimos abrange. São pessoas que se importam com adictos desesperados, morrendo, e que podem a tempo, ensiná-los a viver sem drogas. Muitos de nós tiveram dificuldades ao chegar à Irmandade, porque não compreendiam que temos a doença da adicção. Às vezes, vemos o nosso comportamento passado como parte de nós mesmos, e não como parte da nossa doença.

Dandara comenta os fatores e as circunstâncias que envolveram as suas recaídas:

De 2005 até 2008 eu tive recaídas e todas elas no período de um ano. Eu sempre regressava por algum motivo emocional. A volta era pancada. Parece que é assim, quando eu entrei em 2005 no NA, era tudo de bom eu me abstive, encontrei amigos no programa, tudo legal, mas com um ano, eu via dificuldades, nada acontecia. – Há eu vou parar de beber... E eu começava a me perceber intolerante e isso, eu percebia nos ciclos em que eu tinha recaída. No final a recaída sempre tinha um ciclo de intolerância e insatisfação. Eu ficava sem beber durante um ano. Ai passava os doze meses e as coisas aconteciam de forma normal, como todo ser humano, as coisas da vida, do dia a dia, que fluem normalmente, mas por algum motivo no período de um ano eu começava a me sentir insatisfeita. Eu acho que era o período que o meu corpo pedia álcool. Então qualquer coisa se tornava um pretexto para eu voltar a beber. Então, as minhas recaídas foram assim num período de um ano e uma semana, um ano e três meses. Ou seja, eu sempre ia até um ano. A minha última recaída passou um ano e seis meses, mas teve um acontecimento na minha última recaída, nada traumático, nada drástico. O que aconteceu foi que terminou a reunião eu fiz um discurso para o meu padrinho, pedi que ele desistisse de mim, falei com essas seguintes palavras:- Esse programa não vai funcionar comigo, chega. Eu parei de beber, parei de usar drogas e nada aconteceu e nada mudou na minha vida. Para o adicto, no caso eu, esperava algo fantástico. O meu corpo estava limpo, mas o corpo de um dependente químico fala silenciosamente. Meu corpo começou a sentir falta do álcool. Automaticamente o meu corpo falava

com o meu cérebro e isso atingia o meu emocional e começava as crises. Sempre era assim a luta entre o corpo e a mente e é isso que causava as crises de abstinência, porque o corpo eu já estava acostumado com o álcool. Minha mão não falava, com o meu corpo, para eu ir beber uma cachaça não, primeiro vai para o meu cérebro. O meu corpo falava uma mensagem para o meu cérebro e o cérebro começava uma confusão, então tudo era pânico na minha vida. Isso causava um tumulto e eu ficava baldeada, confusa, muita confusão. Na minha cabeça emocionalmente eu oscilava. Eu tinha turbilhões emocionais. Eu ficava o que o pessoal chama de transtorno bipolar, mas eu acho que não tenho isso não. Porque eu acho isso ridículo, eu acho que é invenção é uma forma bonita do povo dizer que a pessoa está tento um piti. Então eu comecei a ter oscilações de humor. De manhã eu acordava com raiva, meio-dia eu estava com ódio e à tarde eu estava depressiva chorando e à noite estava querendo me suicidar era assim. Então tudo isso começava a vim em uma sequência depois de um ano e ficava aumentando a cada dia. Passava o estágio, o ciclo de um ano aumentava cada dia. Eu acordava passava o dia inteiro zangada, no outro dia eu passava o dia chorando, mas no outro dia eu tentava me suicidar, mas eu sou covarde e graças a Deus eu nunca tentei, mas eu ficava com pensamentos insanos. Então às vezes eu procurava até um motivo, tipo um término de um namoro é algo normal para todo mundo, o namorado lhe frustrar é normal para todo mundo. Um dia ruim no emprego é algo normal para todo mundo, mas eu fazia disso uma tempestade. O emprego não era bom, o patrão era ruim, eu era infeliz. Isso era o motivo, o gatilho que eu precisava uma a justificativa. Eu bebi por isso eu usei por causa disso. Por sorte, eu nunca recaí com drogas. Nunca. Eu entrei no AA em 2004 e as minhas cinco recaídas tudo no período que eu fazia um ano. Porém, o mais engraçado era que eu bebia e depois, no outro dia, eu retornava para o AA e para o NA. Durante as minhas recaídas eu não usei, nada de maconha, nada de crack, nada de pó, era só o álcool.

E o que programa Narcóticos Anônimos diz em relação à recuperação e as recaídas?

Muita gente pensa que a recuperação é apenas uma questão de não usar drogas. Consideram a recaída um sinal de fracasso completo e os longos períodos de abstinência um sucesso total. Nós do programa de recuperação de Narcóticos Anônimos achamos essa ideia demasiado simplista. Depois de um membro ter tido algum envolvimento com nossa Irmandade, uma recaída pode ser uma experiência impressionante e provocar uma aplicação mais rigorosa do programa. Da mesma forma observamos alguns membros que se mantêm abstinentes durante longos períodos, mas cuja desonestidade e auto-engano os impedem de desfrutar completamente a recuperação e a aceitação na sociedade. A melhor base para o crescimento, no entanto, ainda é a completa e contínua abstinência, o trabalho conjunto e a identificação com outros adictos nas reuniões de NA.

Embora todos os adictos sejam basicamente do mesmo tipo, o grau da doença e o ritmo da recuperação diferem de indivíduo para indivíduo. Às vezes uma recaída pode estabelecer a base para uma completa liberdade. Outras vezes só é possível alcançar essa liberdade através de uma vontade inflexível e obstinada de ficar limpo, aconteça o que acontecer, até passar a crise. Um adicto que por qualquer meio consegue superar pelo menos por um tempo a necessidade ou o desejo de usar drogas, tem livre escolha sobre seus pensamentos impulsivos e ações compulsivas. Atingiu um ponto que pode ser decisivo para a sua recuperação. Às vezes esse é o ponto crítico da sensação de verdadeira independência e liberdade. A possibilidade de sairmos do programa e de voltarmos a controlar nossas próprias vidas é algo que nos atrai, mas parece que sabemos que o que temos hoje é resultado da fé num Poder Superior a nós mesmos e do fato de darmos e recebermos ajuda por empatia. Muitas vezes em nossa recuperação os velhos fantasmas ainda nos perseguem. A vida pode voltar a ser monótona, aborrecida e sem sentido. Podemos nos cansar mentalmente

de repetir nossas novas ideias, e podemos nos cansar fisicamente com nossas novas atividades, mas sabemos que se não as repetirmos certamente voltaremos aos nossos velhos hábitos. Se não praticarmos o que aprendemos provavelmente perderemos. Frequentemente essas ocasiões são os períodos de maior crescimento para nós. Nossas mentes e corpos parecem cansados de tudo. Mesmo assim, as forças dinâmicas da mudança, bem dentro de nós, podem estar agindo para nos dar as respostas que alteram nossas motivações internas e mudam nossas vidas. (Livreto Branco, 1991 p.11,12 e 13).

O processo de recaída caracteriza uma situação de revés que precisa ser interpretada como tal, não podendo menoscar. A recaída sinaliza sim, uma situação de risco, no entanto, também pode indicar um aprendizado, haja vista que o dependente pode reavaliar os fatores que o levaram a recair e transformar esse momento em oportunidades de melhora bem como pontua Dandara, quando diz:

Tem época que eu acordo de manhã, que eu tô tipo sei lá, daí eu tenho que identificar. Então, eu procuro a minha madrinha e falo: - Madrinha acordei e eu não sei o que está acontecendo, eu acordei irritada, enjoada. Existe um processo de diferença... Antes eu acordava chutava uma cadeira, eu gritava dentro de casa, tratava mal minha filha. Agora antes de eu fazer tudo isso, eu já tenho o controle físico e emocional. É o tal da autopercepção eu acordei e me percebi de tal forma. Agora no começo de dezembro eu me percebi irritada, intolerante e sem aceitação. Mas é diferente de outras épocas lá no início. Eu ligava para a minha madrinha e dizia: - Hoje eu não tô legal, porque eu tô a fim de chutar a cadeira... São três coisas que eu estou com vontade de fazer: chutar a cadeira, quebrar ela no chão e jogar ela pela janela. Então, ela falava que a gente ia ter que recapitular tudo o que eu tinha feito. Que é o inventário que a gente faz diário. Existe o inventário semanal, quinzenal e o do mês. Até a gente tentar distinguir qual foi o acontecimento na minha vida que gerou aquilo ali. Por isso que eu digo que o adicto tem a mesma coisa que um serial killer, porque uma pessoa normal ela tem a consciência. Por exemplo, tem dias que o sujeito acorda indisposto: -Ah! Hoje eu estou com vontade de ficar em casa, não tô a fim de trabalhar eu quero é tomar uma cerveja bem gelada porque eu não estou para nada e nem para ninguém. Porém isso é só vontade, porque você nada pode fazer nada disso, você precisa cumprir sua rotina e entender o porquê você está com essa indisposição. Então uma pessoa normal entende isso e parte, ela segue, mas o adicto não. É o adicto, infelizmente em determinadas situações se for necessário abrir mão, ele tem que fazer. Saia do trabalho agora, vá para casa, peça dispensa e vá para casa, você tem que seguir a instrução do padrinho. A primeira coisa que o padrinho pergunta, está tudo bem, vai dar para ficar ai legal no trabalho? Aí se o adicto disser isso já pela sua autoanálise e consciência, não padrinho não estou legal. A gente sente, porque a gente fica logo angustiado, quando a gente não está bem mesmo, a gente fica numa angústia, que não tem como explicar, então a pessoa tem que se reservar. É ruim porque por mais que você queira ser produtivo às vezes você se torna limitado. Hoje eu já consigo aguentar, mas com o tempo esses estágios vão avançando. Digamos que é uma superação diária. Porque é a intensidade, a supersensibilidade do adicto que causa tudo isso, uma hipersensibilidade. Então, você pode me questionar assim: - mas a pessoa que não é adicta, no vai ter dias que vai acordar de ovo virado, triste, reclamando da vida e aí? Mas a diferença é que a pessoa normal não vai querer beber, não vai querer usar drogas, não vai querer fazer sexo... Você fica triste nesse dia e tal, mas não fica com aquela vontade enorme de fazer o que não é para fazer, porque você sabe que não vai ajudar em nada. O fim de um namoro uma pessoa normal se enche de chocolate, chora, o cara, aqueles que podem toma um porre com os amigos, mas para o adicto é como se fosse o fim do

mundo, aquele momento. A morte para o adicto... Tem dia que eu acordo meio perturbadinha, eu peço a Deus que, por favor, me livre de uma morte na minha família por obséquio. Porque a intensidade é maior. É incrível que cada momento de tratamento que eu tive no período da crise de abstinência com álcool, eu sonhava que eu estava bebendo. Eu acordava no outro dia apavorada. No NA quando eu entrei eu comecei a sonhar que estava cheirando uma montanha de pó. Eu já sonhei com crack, no outro dia eu acordava em pânico. Quando eu trabalhava com a codependência eu sonhava com a minha mãe me abandonando e indo embora. Eu acordava aos prantos de madrugada chorando. Quando eu estava me sentindo carente emocionalmente eu sonhava transando. Os sonhos vêm relacionados com o que você está trabalhando na época. Atualmente eu não estou sonhando quase nada, estou até frustrada porque eu não estou sonhando quase nada. Então, eu procurei enxergar as minhas cinco recaídas uma oportunidade de reflexão e trabalhar os motivos que contribuíram para essa recaída e eu acredito que isso também se deu pelo fato de eu recair e no outro dia voltar para os grupos, voltar para as reuniões e isso me fortalecia. Eu recaí, mas eu vou me recuperar novamente, eu vou buscar trabalhar o programa. Porque na realidade o que acontecia era o seguinte: meu corpo estava limpo, mas eu não estava em tratamento. Eu podia passar sei lá meses sem usar, mas eu continuava com a mesma indisposição, irritada, eu não trabalhava as inabilidades emocionais. Eu não estava praticando os sugeridos que programa recomenda.

É factível reverter no cérebro às alterações ocasionadas pela dependência química, mas isso demanda um tratamento duradouro. Porém, mesmo após reverter tal quadro, é necessário se precaver para o resto da vida, pois anos depois de estar “limpo” um dependente corre o risco de ter recaídas e voltar repentinamente ao uso compulsivo. Sendo suficiente, falar sobre drogas, rever pessoas ou passar por situações que os lembrem da substância que a fissura sinaliza. (ARAUJO, 2012). Em contrapartida, O Texto Básico do Narcóticos Anônimos, (1993, p.5,6,19 e 20) denota:

Assim como outras doenças incuráveis, a adicção pode ser detida. Entendemos que não há nada de vergonhoso em ser adicto, desde que aceitemos honestamente o nosso dilema e comecemos a agir positivamente. Estamos dispostos a admitir, sem reservas, que somos alérgicos a drogas. O bom-senso nos diz que seria insanidade voltarmos à fonte da nossa alergia. A nossa experiência demonstra que a medicina não pode curar nossa doença. Embora a tolerância física e mental influa, muitas drogas não necessitam de um longo período para desencadear reações alérgicas. O que faz de nós adictos é a nossa reação às drogas, e não a quantidade que usamos. A única maneira de não voltar à adicção ativa é não usar aquela primeira droga. Se você é como nós, então sabe que uma é demais e mil não bastam. Colocamos grande ênfase nisto, pois sabemos que, quando usamos qualquer droga, ou substituímos uma por outra, liberamos nossa adicção novamente. Pensar que o álcool é diferente das outras drogas fez muitos adictos recaírem. Antes de chegar a NA, muitos de nós encaravam o álcool separadamente. Não podemos nos enganar. O álcool é uma droga. Sofremos de uma doença chamada adicção e temos que nos abster de todas as drogas para podermos nos recuperar.

O NA propõe um plano de prevenção e recaída por meio dos EVITES e PROCURE expresso no painel a seguir:

Figura 14 – Banner exposto na parede de uma sala, onde ocorrem reuniões de grupos de Narcóticos Anônimos



Fonte: Matos (2015)

Partindo da perspectiva apresentada no NA, envolvendo os **evites** e o **procure**, de que forma Dandara se resguardou do uso de álcool e outras drogas tendo em vista que ela trabalhava em um prostíbulo, onde essas substâncias se fazem presentes assim como seus amigos da ativa?

Em 2008 eu comecei a cogitar a possibilidade de sair da noite, porque eu não achava conveniente uma pessoa membro de AA de NA em um trabalho de reabilitação frequentando um puteiro, trabalhando. Muitas coisas começaram a mudar em mim. Dentro do cabaré, sem fazer o uso de álcool, eu era mais retraída, a rotina naquele ambiente se tornou mais complicada. Então, eu comecei a me valer do diálogo, eu conversava muito com os clientes, eu precisava me sentir mais à vontade com as pessoas. A abstinência do álcool na prostituição fez com que eu me afastasse das pessoas e procurasse amizades mais produtivas. Eu usava o fato de ser boa no *pole dance* e no strip para me socializar. E por incrível que pareça, eu transferi a falta do álcool para a dança. A dança se tornou por muito tempo a minha válvula de escape. O strip foi nada mais nada menos, que a justificativa para eu me sentir menos mal por estar no puteiro. E eu ficava no pelo menos: pelo menos eu não estou transando com ninguém por dinheiro. Mas eu sendo honesta era praticamente a mesma coisa era só uma justificativa. Então, a saída da prostituição foi ocorrendo gradativamente, à medida que eu me distanciava do álcool (DANDARA).

Dandara pontua que, no NA e no AA, teve uma reabilitação pessoal, emocional, comportamental e espiritual:

Bom geralmente um membro de NA, um adicto. A irmandade de NA ela fala a seguinte proposta pegar um indivíduo problemático reciclá-lo a partir do programa e devolvê-lo à sociedade para que ele seja um indivíduo produtivo. Então essa proposta requer de mim bastante trabalho, mas graças a Deus o muito eu já corro atrás e é um trabalho contínuo eu sou escrava desse trabalho até o meu último dia de vida (DANDARA).

Logo, o Programa de Narcóticos Anônimos sugere aos seus membros que entreguem suas vidas aos cuidados do poder superior. Essa entrega alivia o fardo do passado e o medo do futuro. O adicto passa a ter uma percepção mais própria da do dia de hoje, do momento presente em que se encontra e Dandara elucida: “Então, a questão principal não é você tá limpa só por hoje, mas poder saborear a sua recuperação e viver um dia de cada vez”. Em conformidade com a fala de Dandara, a literatura do Narcóticos Anônimos expõe :

No passado, transformávamos as situações simples em problemas; fazíamos uma tempestade em copo d’água. Foram as nossas grandes ideias que nos trouxeram aqui. Em recuperação, aprendemos a depender de um Poder maior do que nós. Não temos todas as respostas ou soluções, mas podemos aprender a viver sem drogas. Podemos nos manter limpos e apreciar a vida, se nos lembrarmos de viver “Só por hoje”. (Texto Básico, 1993, p.99).

Diga para você mesmo:

SÓ POR HOJE meus pensamentos estarão concentrados na minha recuperação, em viver e apreciar a vida sem drogas.
 SÓ POR HOJE terei fé em alguém de NA que acredita em mim e quer ajudar na minha recuperação.
 SÓ POR HOJE terei um programa. Tentarei segui-lo o melhor que puder. SÓ POR HOJE tentarei conseguir uma melhor perspectiva da minha vida através de NA.
 SÓ POR HOJE não sentirei medo, pensarei nos meus novos companheiros, pessoas que não estão usando drogas e que encontraram uma nova maneira de viver. Enquanto eu seguir este caminho, não terei nada a temer (Texto Básico, 1993, p.101).

Em relação à estrutura do Grupo de Narcóticos Anônimos, como esses são formados e como procedem as reuniões? Os grupos de NA compõe âmago dos Narcóticos Anônimos, esse são formados a partir do momento em que dois ou mais adictos se reúnem para se ajudarem mutuamente a se manterem limpos. Logo, para que ocorra reunião, é necessário a presença de dois ou mais adictos interessados em escutar e compartilhar a experiência da recuperação. A reunião é coordenada por um líder, que se encarrega de dar as boas-vindas aos presentes, solicitando um instante de silêncio para o adicto que ainda sofre, esse momento dura em média 15 segundos. Em seguida, todos rezam a Oração da Serenidade:

Concedei-me , Senhor,
 a serenidade para aceitar as coisas
 que não posso modificar,
 a coragem para modificar aquelas
 que eu posso,
 e sabedoria para distinguir
 uma das outras (Livreto Branco, 1990, p.1)

As reuniões podem ser abertas ou fechadas. As reuniões fechadas são direcionadas para adictos ou para aqueles que cogitam a possibilidade de ter problemas com drogas.

Reuniões fechadas oferecem uma atmosfera na qual adictos podem ter maior certeza de que aqueles que estão assistindo serão capazes de se identificarem com eles. Pelo mesmo motivo talvez os recém-chegados se sintam melhor numa reunião fechada. No início de uma reunião fechada, frequentemente o secretário lê um texto que explica os motivos da reunião ser fechada e oferece aos possíveis não adictos indicações para uma reunião aberta (Livreto do grupo, 2009, p.5).

Nas reuniões abertas são bem recebidos todos que desejam conhecer a irmandade. Quando a reunião é aberta, o responsável por coordená-la elucida, que qualquer não-adicto presente, pode sentir-se à vontade:

Uma reunião aberta é uma reunião de NA a que podem comparecer todos aqueles (por ex., juízes, assistentes sociais, profissionais, membros da família) interessados em como encontramos recuperação da doença da adicção. No entanto, a participação verbal é restrita aos membros de NA. Uma reunião aberta em Narcóticos Anônimos permite que as pessoas de fora da irmandade observem o que é e como funciona Narcóticos Anônimos. Isto pode ser muito útil para aqueles indivíduos que estão se esforçando para chegar a uma conclusão sobre sua condição pessoal como um adicto. Uma reunião aberta em Narcóticos Anônimos é um método que nossos grupos utilizam para realizar seu propósito primordial de levar a mensagem ao adicto que ainda sofre. Alguns grupos também fazem reuniões abertas como um meio de permitir que os amigos não adictos e parentes dos membros de NA celebrem os aniversários de recuperação com eles (Quadro de Custódios do serviço mundial boletim N°15).

Os grupos podem adotar diversos formatos de reuniões, buscando fortalecer o clima de recuperação dentro de suas reuniões. Essas duram em média uma hora ou uma hora e meia. Determinados grupos adotam um formato singular para suas reuniões. Outros optam por um cronograma, uma semana, estudo de passos, na outra reunião de partilha e assim por diante. Para um melhor entendimento, seguem as descrições básicas dos formatos de reuniões apresentadas no Livreto do Grupo (2009 p. 8-9):

Reuniões de partilhas (participativa)

O secretário abre a reunião para os membros compartilharem sobre qualquer assunto relacionado à recuperação.

Reuniões de tópicos

O secretário seleciona um tema particular relacionado à recuperação para ser discutido ou pede para alguém escolher algum.

Reunião de estudo

Há uma variedade de tipos diferentes de reuniões de estudo. Alguns leem um trecho de livro ou folheto de literatura aprovada por NA a cada semana e partilham a respeito depois — por exemplo, um estudo do Texto Básico. Outros têm discussões que focalizam os Doze Passos e as Doze Tradições.

Reunião com oradores

Algumas reuniões convidam um único orador para compartilhar sua história de recuperação ou experiência sobre um aspecto particular da recuperação em Narcóticos Anônimos. Outros pedem que dois ou três oradores Livreto do Grupo 9 falem por tempos menores, e ainda outros usam um formato combinado, com o orador partilhando primeiramente e uma discussão temática depois.

Reuniões para recém-chegados

Frequentemente, estas reuniões são conduzidas por dois ou três membros mais experientes do grupo. Estes membros compartilham sua experiência com sua

adição e com a recuperação em Narcóticos Anônimos. Se o tempo permitir, a reunião é aberta para perguntas dos recém-chegados. As reuniões de recém-chegados muitas vezes ocorrem uma meia hora antes ou depois da reunião normal do grupo. Outros grupos as conduzem como segmentos menores de uma reunião grande e outros têm uma reunião de recém-chegados num dia da semana e sua reunião normal num outro. Qualquer que seja o formato, a reunião de recém-chegados oferece um meio para seu grupo dar aos novos membros de NA uma introdução aos princípios básicos da recuperação.

Reuniões de perguntas e respostas

Nas reuniões de P&R, as pessoas são convidadas a formular perguntas relacionadas à recuperação e à Irmandade, escrevê-las e colocá-las na “caixa de perguntas”. O secretário retira um dos papéis da caixa, lê a pergunta e pede para alguém compartilhar sua experiência relacionada a ela. Depois que um ou dois membros tenham partilhado, o secretário seleciona uma outra pergunta da cesta e assim por diante, até o final da reunião.

Em determinadas reuniões, salienta-se um sucinto esclarecimento a respeito do anonimato. Tal esclarecimento pode ser feito tanto pelo coordenador da reunião quanto por outro membro do grupo, podendo se manifestar de várias formas, indo desde uma simples explicação até a citação da 11ª tradição que diz: “Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, em vez de promoção; na imprensa, no rádio e na televisão cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal”. Sendo assim, o anonimato é:

Muitíssimo mais do que apenas uma consideração prática para se ter em conta quando levamos a cabo o nosso programa de relações públicas. Cada um de nós tem a sua própria vida, as suas próprias palavras, e a sua própria história, tudo contribuindo com dimensão e cor, para a mensagem da nossa irmandade. Mas a mensagem que transmitimos à sociedade não é a mensagem de como somos ótimos como indivíduos. O propósito primordial dos nossos esforços de relações públicas é contarmos a história de Narcóticos Anônimos e falarmos daquilo que o nosso programa tem para oferecer ao adicto que ainda sofre. A nossa prática de anonimato público baseia-se no alicerce espiritual de nossas tradições, lembrando-nos sempre de colocar os princípios acima das personalidades. (Os Doze passos e as Doze Tradições, 1998, p.211).

É solicitado pelo membro que está à frente da reunião que, para proteção do grupo, tal como do local da reunião, que todas as drogas ou objetos relacionados com drogas, não se façam presentes.

Logo, algum membro do grupo se dispõe para ler algum texto da literatura de recuperação, seguidamente começam as partilhas, os depoimentos que seguem, o seguinte formato: - Meu nome é fulano eu sou um adicto em recuperação eu me encontro limpo há tantos dias, semanas, meses ou anos. E os demais respondem – Olá fulano. O tempo de partilha pode ser 5+1, e um dos membros fica encarregado de marcar o tempo.

Faltando dez minutos para a reunião findar-se, o líder anuncia que a reunião está terminando. Depois de agradecer a presença de todos, o líder passa uma sacola para que os membros da irmandade doem dinheiro ao grupo. No momento em que a sacola está passando, a 7ª tradição é citada e essa diz: “Todo grupo de NA deverá ser totalmente autossustentável,

recusando contribuições de fora”. Ou seja, os visitantes estão impossibilitados de fazerem doações de recursos financeiros ao grupo. Após a passagem da sacola, a reunião é encerrada. O encerramento pode variar de grupo para grupo, esse podem repetir a “Oração da Serenidade” ou fazer uma citação da leitura de recuperação.

Outro aspecto que denota atenção ao retratar o grupo de Narcóticos Anônimos envolve o apadrinhamento. E o que é o apadrinhamento? Para responder a essa inquietação, conto com aposto teórico da literatura do NA, juntamente com as narrativas expostas por Dandara, deste modo o apadrinhamento é:

Apadrinhamento nos ajuda independente de quanto tempo temos no programa. Mesmo que estejamos em fases diferentes de nossas recuperação e trabalhando em nosso próprio ritmo, temos semelhanças. Aprendemos a focar nossa atenção nas semelhanças ao invés das diferenças. Um das razões que o apadrinhamento funciona é que partilhamos a mesma doença e todos buscamos recuperação desta doença. Membros que acumularam algum tempo limpo podem ser exemplos para recém-chegados e membros com mais tempo, que uma nova maneira de viver é possível. (Apadrinhamento, 2010, p.5).

O padrinho ou madrinha visa proporcionar um elo pessoal focalizando o ensinamento mais elaborado a respeito do programa de recuperação NA. Principalmente para os recém-chegados, para que esses possam esclarecer suas dúvidas a respeito da estrutura do serviço, literaturas, formatos de reuniões, terminologias e assim paulatinamente. Logo, se o adicto ficar limpo em um centro de reabilitação ou em alguma instituição, o padrinho pode ajudar na sua saída explicitando quaisquer dúvidas que possam surgir acerca das diferenças entre tratamento e NA. Os padrinhos assumem o papel de orientador, ao partilhar sua experiência e conhecimentos de programa de Narcóticos Anônimos.

Apadrinhamento, para muitos de nós, pode ser o nosso primeiro relacionamento que envolve confiança e intimidade – isto é, honestidade e proximidade com outra pessoa. Alguns de nós sentimos um elo de confiança com o nosso padrinho ou afilhado imediatamente, enquanto os outros constroem confiança partilhando honestamente ao longo do tempo. Nós temos que aprender como construir, reconstruir e tratar relacionamentos. A relação de apadrinhamento frequentemente oferece apoio pela empatia e amor incondicional. Esse elo pode ajudar a nos livrar do isolamento e da falta de confiança que fazem parte da enorme obsessão e compulsão da adicção ativa. (Apadrinhamento, 2010, p.13-14).

Todo membro de NA pode ser padrinho?

Alguns de nós podemos estar sem afilhados, apesar de todos nossos anos no programa. Pode ser que ninguém nos tenha pedido ou pode ser que, por alguma razão, escolhemos não apadrinhar. Qualquer que seja a razão, se não estamos apadrinhando alguém, ainda há muitas formas que podemos servir. Trabalhando numa linha de ajuda, levando uma reunião a uma instituição, dando boas-vindas e encorajando os recém-chegado ou pegando um encargo em nosso grupo de escolha são apenas algumas das maneiras pelas quais podemos levar a mensagem (Apadrinhamento, 2010, p.9).

Por conseguinte, o relato a seguir expresso no Livro Apadrinhamento (2010, p.9) elucidada:

Eu estou em recuperação há 15 anos e nunca apadrinhei ninguém. Sou um fracasso? Minha recuperação é uma fachada por minha inabilidade de preencher esse aspecto do programa ainda? Acho que não. Eu brincava (mais ou menos) com um amigo, dizendo que não me pedem para ser padrinho porque ninguém quer o que eu tenho, mas isso é me menosprezar e menosprezar o programa de NA. Todos são diferentes e nossos talentos e habilidades estão em áreas diferentes. Dou livremente aquilo que me foi dado de outras formas, aquelas mais em harmonia com minhas circunstâncias e aptidões naturais. Faço muito serviço em NA e tenho sido e continuo sendo aquela pessoa que acredita em mim.

Sendo assim, como é a atuação de Dandara no NA?

Atualmente, eu estou amadrinhando um codependente. Então procuro fazer da minha adicção, da minha experiência e isso envolve as minhas recaídas, o meu processo de recuperação e meu conhecimento a respeito do programa em NA um aprendizado e ao mesmo tempo, um ensinamento. Ou seja, esse conhecimento que eu tenho do programa de NA, não se restringe somente a mim, ele precisa ser compartilhado, para que assim, eu possa ajudar outros que têm o mesmo problema que eu, a adicção. Então, eu na posição de madrinha eu procuro trabalhar o programa e assim ajudar os meus afilhados com suas inabilidades. No caso eu faço assim com meus afilhados: aqueles que são novos no programa, por exemplo, eu faço uma lista com cinco coisas que eles precisam fazer para que eu possa amadrinhá-los que é, ligar para mim todos os dias, ir às reuniões, trabalhar os passos, servir a irmandade, meditar diariamente, ou seja, ter o contato com o poder superior (DANDARA).

Em conformidade com a fala de Dandara, a literatura do NA pontua:

Partilhar intimamente com outro membro igual a nós ressalta o fato de que os sentimentos e as experiências que temos não são tão únicos. Frequentemente, um padrinho ou madrinha percorreu o mesmo caminho que um afilhado e pode partilhar seu conhecimento e experiência a respeito da situação. Isso, por sua vez, pode ajudar o afilhado a evitar algumas das armadilhas que o padrinho experimentou (Apadrinhamento, 2010, p. 35).

O apadrinhamento pontua uma oportunidade singular para que o adicto aprenda uns com os outros bem como, ensine uns aos outros se portando de forma altruísta. O apadrinhamento delinea como trabalhar com os outros enquanto se conhecem, mostrando uma forma de convivência mais plena. Sendo assim, entendo o apadrinhamento e o NA, como um programa que pontua práticas educativas de cunho não formal e informais, no qual, o indivíduo, ou adicto, aprende a trabalhar sua adicção, suas inabilidades no campo emocional, tanto com a literatura do NA, como por meio de uma troca mútua de vivências e experiências que se deslindam em saberes e ajuda-os a manterem-se limpos, ou seja, longe das drogas. Logo, o membro de NA constitui um papel de educador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver esta pesquisa ofereceu-me um conhecimento mais elaborado a respeito das práticas educativas, sociais e culturais que permeiam o submundo, inferindo como um lugar que produz saberes e conseqüentemente forma educadores. Portanto, atento para o fato que ser pesquisador é defrontar-se com o espaço de outrem, a um conhecimento, no caso, prostituição e droga, que se conflitam por conceitos clichês e cristalizados diante das tessituras que compõem a nossa sociedade.

Partindo de uma dada realidade mediante as representações simbólicas que constituem um prostíbulo busco, por meio de uma abordagem pautada em aspectos etnográficos, deslindar caminhos nos quais pudesse descortinar o que sucede nesse ambiente sem me desviar das abordagens teóricas a respeito da temática.

Ao analisar a complexa cultura da prostituição, pude compreender, de forma mais específica, a multiplicidade que engloba o universo dos homens e mulheres que partilham do enigmático e fascinante mundo dos prazeres ilícitos. O território do prazer é espaço do dinamismo que tanto permite a perda do pudor quanto permite a construção de diversas práticas educativas que fogem aos discursos tradicionalistas e aos formalismos pedagógicos, cuja marca é a experiência. Experiência de vida das garotas de programa, experiência de vida dos clientes e de todos que circundam o território do prazer. O que também foi percebido é em relação aos elementos que moldam o cenário da prostituição, tendo em vista que o mesmo vai além do desejo carnal, da sensualidade, da música, da dança. Outros componentes como a droga também imperam no âmbito do prazer.

No entanto, o âmago deste estudo não se pauta apenas em observações, mas em um processo de escuta e oralidade, entrando em cena as protagonistas que formam o campo de pesquisa, dentre as quais destaca-se Dandara Aragão. As narrativas gentilmente cedidas por esta permitem um entendimento mais apurado acerca dos processos que englobam a prostituição permitindo conhecer, de fato, a rotina de uma garota de programa.

O cabaré, na verdade, representa um grande palco cuja principal atração é vida das profissionais do sexo que ocupam aquele espaço. A prostituta é um personagem encoberto por uma máscara que, muitas vezes, utiliza-se de elementos alucinógenos, entorpecentes para desenvolver o seu trabalho que é dar prazer, ser prazer, em um campo de sensualidade. No entanto, o que se esconde por de trás dessa máscara é uma mulher. Uma mulher com seus anseios, com seus medos, com seus desejos, uma mulher que ri, que chora, que é mãe, uma

mulher que está na labuta para conseguir o pão de cada dia, ou quem sabe, a procura de um amor.

O percurso pelos espaços de prostituição permitiu-me constatar que ao mesmo tempo em que a prostituta tem a sua vida exposta, que é apontada pela sociedade como uma mulher pública, ela também apresenta as suas particularidades, atuando em sua vida privada, cuidando do seu lar, dos seus amores, da educação de seus filhos, organizando sua família. O mundo de uma garota de programa transita entre a vida pública e a vida particular.

Partindo dessa perspectiva, Dandara dispõe outros aspectos de sua vida indo além da prostituição e isso inclui o seu envolvimento com drogas e seu processo de recuperação, no qual ela acentua sua relação com o grupo Narcóticos Anônimos, facultando um esclarecimento de como este funciona e a forma que é tratada a adicção, conceito utilizado para referir-se à dependência química.

O desenvolvimento desta dissertação propiciou-me uma reavaliação no que diz respeito a minha conduta como ser humano, permitindo assim que eu conviva de forma harmoniosa com as diferenças e com as decisões e particularidades do outro, pois melhor do que tecer críticas é respeitar a singularidade e a escolha de cada um. Admiro e tenho estima no concerne à história de vida da biografada. Haja vista que ela não carrega um discurso de jeremiado, mas ela faz de suas dores, de suas decepções, de sua passagem pela prostituição e universo das drogas, uma experiência apurada de saberes empíricos que se consolida em aprendizados mútuos e destaca as suas facetas de professora de dança e madrinha de NA. Sendo assim, espero que este estudo possa auxiliar outras pesquisas que se disponham a sistematizar e discutir as imbricações das temáticas aqui acrescidas: educação informal, prostituição e uso de drogas. Entendo a importância de traçar outros panoramas envolvendo tais questões.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Laure. **A Vida cotidiana:** os bordéis franceses – 1830/1930. São Paulo: Companhia das Letras/Circulo do Livro, 1991.
- ALVES, Fábio Lopes: **Noites de cabaré:** prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício./ Fábio Lopes Alves. 2. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2012.
- ARAÚJO, T. **Almanaque das drogas.** São Paulo: Editora Leya, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9.394/96. Brasília: 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/19394.htm> > Acesso em: 20 de novembro de 2013.
- BOATE GATA GAROTA: casa de striptease e prostituição é flagrada pela polícia no centro de fortaleza. Disponível em: <https://dialogospoliticos.wordpress.com/> /> Acesso em 18 de outubro de 2015.
- CARDOSO, R.M.M . **Só por hoje:** um estudo sobre narcóticos anônimos, estigma social e sociedade contemporânea. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- CODEPENDENTES ANÔNIMOS – Brasil. Disponível em: <http://www.codabrasil.org.br/> > Acesso em de 12 março de 2016.
- CRACK. Disponível em: <http://www.infoescola.com/drogas/crack/> > Acesso em 5 de março de 2016.
- FERRAROTI, Franco. **História e história de vida.** Natal, RN:EDUFRN, 2014.
- IORE, Maurício. Prazer e risco: uma discussão a respeito dos saberes médicos sobre uso de “drogas”. In.: LABATE, Beatriz Cauiby et al. (Orgs). **Drogas e cultura:** novas perspectivas. Salvador: Edufba. 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **História da sexualidade 1:** avontade de saber. Rio de janeiro: Graal, 1985.
- LARANJEIRA, Ronaldo. Dependência química. Entrevista concedida a Drauzio Varella. Disponível em:< <http://drauziovarella.com.br/>, out. 2011. >
- LE BRETON, David. **As paixões ordinárias:** antropologia das emoções. David Le Breton; tradução de Luís Alberto Salton Peretti, RJ: Vozes, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS **Apadrinhamento**. Los Angeles, 2010.

_____. **Livreto do grupo**. Los Angeles, 2009.

_____. **Livreto branco**. Los Angeles, 1991.

_____. **Texto básico**. Los Angeles, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. 4.ed –Petrópolis, RJ : Vozes, 2013. (Coleção Textos Filosóficos)

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, São Paulo, v.5, n.3, 1989.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)**. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record/ Rosas dos Tempos, 1998.

SADE, D. A. F. **A filosofia na alcova ou os preceptores imorais**. São Paulo: Iluminuras, 2003. (Coleção Pérolas Furiosas).

SCHECHNER, Richard. **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad x, 2012.

SLOBODA, Zili. Programas de prevenção ao uso de drogas em escolas dos EUA. In: PINSKY, Ilana e BESSA, Marco Antonio (Org). **Adolescência e drogas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUSA Inar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. São Paulo: Annablume, 1998.

SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião : o diário de uma garota de programa**. Rio de Janeiro: Panda Books, 2005.

TIBA, I. **Anjos caídos**. 14 ed. São Paulo: Editora Gente, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELOS, José Gerardo, A Dança do Conceito ou o Conceito da Dança: Paixão, Embriaguez e Desmesura no Território do Prazer. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza v.1, n.55, ano 30, ilust. Semestral, 2008, p.128-137.

XAVIER, Antonio Roberto. Joana Paula de Moraes: história, memória e trajetórias educativas (1900-1963). 411 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.